

CÂMARA LEGISLATIVA DO DF
Biblioteca

DF
VI

L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano II nº 14

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 21 de abril de 1995



35 anos

Brasília,
a nossa
esperança

editorial

"deste Planalto Central, desta solidão..."

"Parecendo um sonho, a construção de Brasília é uma obra realista. Com ela realizamos um programa antigo: o dos Constituintes de 1891. É um ideal histórico: o dos Bandeirantes dos séculos XVII e XVIII.

Brasília significará uma revolução econômica. Estamos erguendo-a com aquele espírito de pioneiros - antigo nos homens que desbravaram os sertões, moderno em nossas almas ansiosas por fundar uma civilização no coração do Brasil.

Do ponto de vista econômico, Brasília resolverá situações não esgotadas, porque vai criar um novo centro de gravidade para maior equilíbrio, melhor circulação e mais perfeita comunicação entre o Norte e o Sul."

"Politicamente, Brasília significa a instalação do Governo Federal no coração mesmo da nacionalidade, permitindo aos homens de Estado uma visão mais ampla do Brasil como um todo e a solução dos problemas nacionais com independência, serenidade e paz interior."

"Na 1ª História do Brasil que se escreveu, a de Frei Vicente do Salvador, nos primórdios do século XVII, já observava o seu autor que a colonização se fazia como a de caranguejos, agarrados ao litoral. Euclides da Cunha acrescentava, profeticamente, no limiar do século XX, que o drama político e sociológico do Brasil continuava a ser a separação, com a disparidade de estilos de vida, entre o litoral e o interior, como se fôssemos duas nações dentro de uma mesma nação."

"Agradeço a Deus o privilégio que me concedeu de encarnar, como Presidente da República, o espírito pioneiro e o sentimento nacional que me deram inspiração e força para erguer Brasília no coração do Brasil, com o sentido de transformação e transfiguração do meu país."

"Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta Alvorada com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino."

Brasília, 2 de outubro de 1956

Juscelino Kubitschek

expediente

Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenadoria de Comunicação Social e Assessorias de Imprensa dos gabinetes parlamentares.

Vice-Presidente: José Edmar Cordeiro
Chefe de gabinete: Reinaldo Mendes
Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantoja

Editor DF-Letras: Chico Nóbrega
Programação visual: Marcos Lisboa
Fotografia: Carlos Gandra, Fábio Rivas e Sívio Abdon
Chefe da Seção de Editoração: João Francisco Neto
Equipe: Ana Beatriz Caçador, Antônio Eufrazino de Souza Neto, Apolo Gino da Silva Guandalini, Cláudio Antônio de Deus, Cláudia Luiz Gardin, Francisco Dino Moraes de Souza, Francisco Nóbrega, Hélio Lourenço de Araújo, Henrique Pinto, José Antônio de Brito, José Carlos de Souza, Luci Cardoso Furtado da Silva, Marcelo Perrone Campos, Marco Antônio de Souza Lisboa, Margareta de Cassia e Souza, Neldi Maria Stein, Sebastião Antônio M. Pires, Sebastião Luis Rocha dos Santos.

Revisão: Chico Nóbrega e Luís Rocha.
Colaboraram nesta edição: Nelson Pantoja, Chico Nóbrega, Cassiano Nunes, Wilson Pereira, Aldo Magalhães, Emmerino Magalhães Jr., Alberto Martins da Silva, Astrid Cezral, Danilo Gomes, Branca Bejak, L. Fernando Tamarini, Sônia Carolina, Swarni Vivekananda, Ely Costa e Maria D. Guimaraes (Madellon).

Coordenador de Comunicação Social: César Borges

Chefe da Seção de Divulgação: Evelyn Pena
Chefe da Seção de Relações Públicas: Selma Mesquita

Chefe de Relações com a Imprensa: Donalva Coimbra

Redação: Zínia Azeite, José Cury Neto, Franci Munhões, Luis Cláudio da S. Alves e Zildenor Dourado

DF-Letras tem assinatura gratuita. Os pedidos devem ser enviados para o endereço abaixo, constando o nome do assinante, profissão, endereço completo e telefone para contato.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário.

DF-Letras/Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Redação SAIN - Parque Rural Norte
70.086.900 - Brasília-DF
Tel.: (061) 348 8000

Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal

Mesa Diretora (biênio 95/96).

Gerardo Magala
Presidente

Adão Xavier
Antônio José (Cafu)
Benício Taveres

José Edmar Cordeiro
Vice-presidente

César Lacerda
Jorge Cauby
João de Deus

Manoel de Andrade
1º Secretário

Lúcia Carvalho
Luiz Estevão
Maria José (Maninha)

Edmar Pitreus
2º Secretário

Marco Lima
Marcos Arruda
Miquêias Paz

Peniel Pacheco
3º Secretário

Odilon Aires
Rodrigo Rollemberg
Renato Rainha

Tadeu Filippelli
Zé Ramalho

Suplentes
Cláudio Monteiro
Daniel Marques

ORTEGA

O Pragmático

by

Perrone



□ Editor Chico Nóbrega

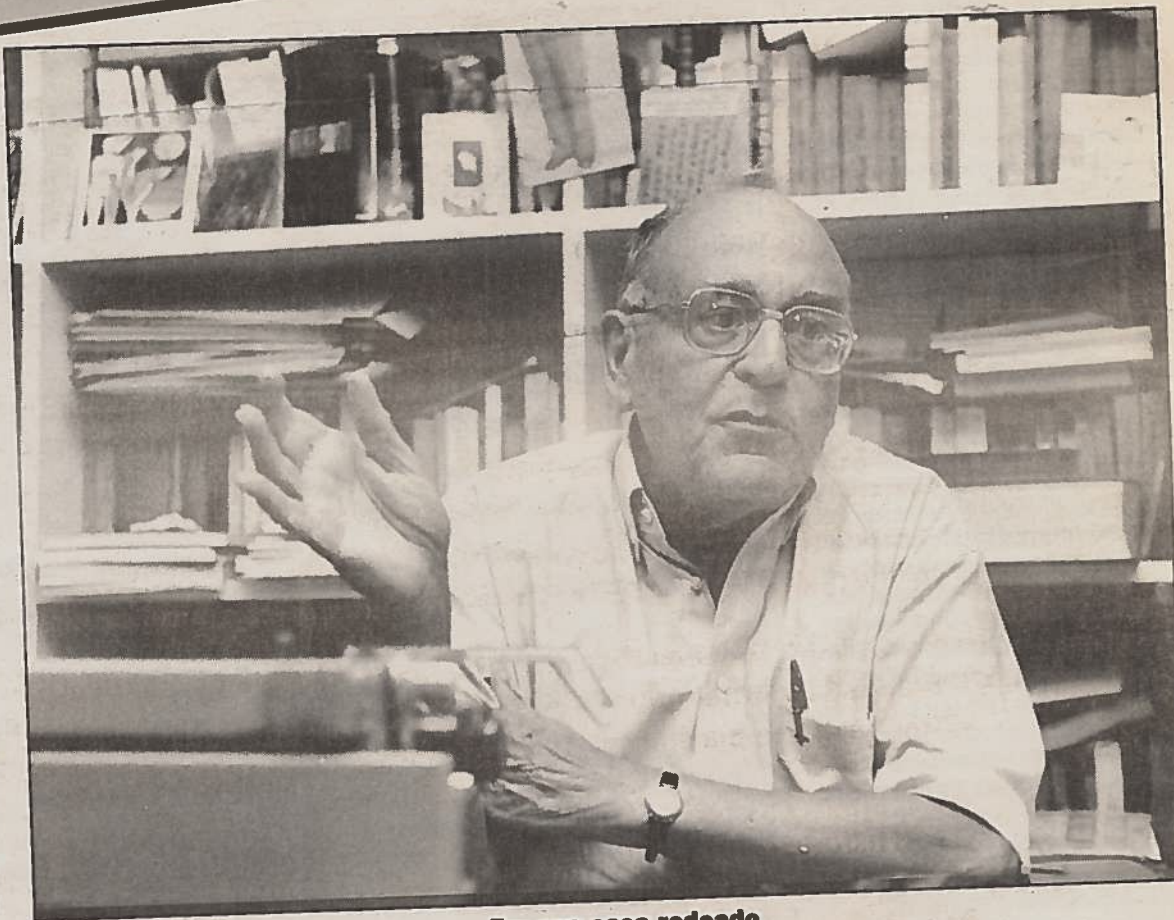
Quando a editoria do DF-Letras se reuniu para definir a escolha da personagem literária para a nossa 14ª edição a indicação proposta teve acolhida imediata. O nome do crítico literário (hoje profissão em rápida extinção), poeta e professor do Departamento de Letras da universidade de Brasília (UnB), Cassiano Nunes, passou fácil.

Ceube a mim mais uma vez fazer a entrevista da nossa personagem literária. Fomos eu e o fotógrafo Fábio Rivas à casa do professor Cassiano Nunes. Antes mesmo de iniciarmos a entrevista o professor Cassiano fez uma defesa apaixonada do DF-Letras, não só por ser nosso colaborador assíduo, mas por considerar esse tipo de veículo voltado para a literatura uma raridade hoje em nosso país.

Completando neste ano 50 anos de crítica literária, Cassiano Nunes acompanhou de perto a explosão cultural que o Brasil viveu entre os anos 20 e 50, tanto na literatura como no teatro e no cinema. Entre as tantas histórias que nos foram contadas destacamos a sua descoberta de que era um poeta só aos 40 anos de idade, em plena idade do lobo. Entretanto, isso não impediu que ele saísse pelos corredores da faculdade onde lecionava gritando - eu sou poeta, e sou poeta...

A sua vinda para Brasília se fez pelas mãos de ninguém, menos do que Carlos Drummond de Andrade, amigo do poeta Ciro dos Anjos que nos idos de 1966, logo após os conturbados anos de chumbo vividos pelos intelectuais, 1964 na Universidade de Brasília, era o responsável pelo Departamento de Letras daquela instituição. Cassiano adora Brasília e o fato dela não ter esquinas não altera em nada a sua relação com a cidade.

Literalmente envolvidos por livros (a sua casa tem todas as paredes tomadas por prateleiras recheadas de livros, revistas e jornais) levamos adiante a nossa entrevista que por lapso de memória não foi acompanhada pelo vinho do Porto prometido pelo entrevistado. Entretanto, ao final foi plenamente remediado pelo dono da casa com o presente de uma garrafa de vinho alemão ao editor do DF-Letras. Ah! nada como os poetas para viver a vida... ou a boa vida.



Em sua casa rodeado de livros, Cassiano começa a escrever as suas memórias

O Poeta Candango

Cassiano Nunes - Eu sou um defensor do DF-Letras não só pelo fato de colaborar com ele. Eu o defendo justamente pela decadência das páginas literárias brasileiras.

DF-Letras - A que o senhor atribui essa decadência?

CN - Isso é decorência do modelo internacional, estrangeiro, anglo-americano. O que eu não dou grande importância à imprensa de Londres. Ela ficou meses preocupada em cheirar as cuecas e as calcinhas dos príncipes. Isso é modelo? Fala-se muito no Brasil e às vezes as pessoas se gabam, inclusive gente do Governo, afirmando que isso é tão bom quanto nos Estados Unidos ou isso é melhor do mundo. A minha conclusão quando ouço este tipo de coisas é que então deve ser pessimista. Não sendo nós o melhor do mundo, aquilo que é considerado o melhor do mundo não corresponde a nossa realidade. Nós temos que ter o

melhor mas, que corresponda às nossas circunstâncias.

DF-Letras - Tem muita gente que acha que a poesia é coisa que cheira ao passado ou mesmo coisa de velho. O que o poeta Cassiano tem a dizer?

CN - Lembrem aqueles versos do Juca Pirama, do Gonçalves Dias, o velho Pagé contando a história do poema, do velho e do filho que andavam pelos caminhos, do filho que se fez de covarde para salvar o pai, e ele dizia - **meninos eu vi!** Olha, ser velho pode ter muitos defeitos e tem, mas a gente já viu as coisas. Pode comparar objetivamente coisas que a gente sabe. Hoje, os jovens dizem que todos os velhos são saudosistas, acham que no tempo deles as coisas eram melhores. Não é o meu caso. Eu sou uma pessoa crítica. O passado não era melhor em muitos aspectos, em absoluto era péssimo. Eu via as mulheres no Brasil vivendo quase

que enclausuradas como a mulher árabe. O Banco do Brasil não aceitava mulheres. O único trabalho que as mulheres faziam quando eu era menino era o magistério, professoras de grupo escolar.

Inclusive criou-se um tipo que Monteiro Lobato celebrou num conto, "Marido de professora", um malandro que casava com professora, como hoje aqui em Brasília a gente vê casos de pessoas de origem muito humilde que se casam com as chefes de repartições públicas. Era um escândalo naquela época. C fato de mocinhas irem estudar para professoras era visto com uma certa malícia.

DF-Letras - Por que os jornais hoje relegam cultura em suas páginas?

CN - Nós falávamos sobre imprensa. O próprio Nelson Rodrigues faz a crítica desse modelo, um gênio da caricatura, falando dos idiotas e objetividade. Hoje em dia como a imprensa está organ

C
A
S
S
I
A
N
O

Fábio Rivas

zada, se um tufão passou sobre Brasília eu acho que não vai sair nada nos jornais, sabe por que? Porque não existe coluna para tufões.

A vida é cheia de imprevistos. Eles não têm sensibilidade. Não têm abertura. Eu acho que isso tem a ver com o imperialismo cultural, sobretudo com a ajuda da televisão que nos impôs um estilo de vida, sobretudo para a nossa juventude, que não tem nada haver com a nossa realidade. É claro que sempre a juventude e a sociedade no Brasil receberão as influências externas e eu não sou xenófobo. Outro dia li que em Brasília existem 250 grupos de rock e deve haver muito mais porque cada vez estão aparecendo. O que é mais estranho é que a imprensa deveria ter uma função crítica, de elevação de padrões de cultura, de inteligência e de consciência. Há um gasto exagerado de espaço com essa exaltação do rock.

DF-Letras - Como aconteceu o seu fazer Poesias?

CN — Comecei menino. Aos 16 anos comecei a publicar prosas nos jornais. Eu colaborei com jornais por mais de 50 anos, principalmente na Tribuna de Santos. E com a melhor revista literária do país, a Revista do Brasil, na primeira fase sob a direção de Monteiro Lobato até 1925, a segunda com Rodrigo Melo Franco Andrade, um grande homem do Serviço do Patrimônio Histórico e a terceira com Aurélio Buarque e Otávio Tarquínio de Souza. Aparece um jovem com uma poesia genial "Balada do Mangue", sobre as prostitutas do mangue, no Rio de Janeiro, era Vinicius de Moraes. Uma de minhas poesias foi publicada na revista do lado da de Vinicius e teve comentários de Otávio Tarquínio. Eu não era ninguém no Rio de Janeiro para Otávio Tarquínio de Souza expressar as suas impressões. Isso ocorreria hoje? Mesmo eu com 50 anos de crítica literária não seria publicado. Se eu mandar alguma coisa para publicar no Estado de S. Paulo dificilmente sairá. A crítica literária desapareceu dos jornais.

DF-Letras - Então desde o início a poesia conviveu com a prosa e a crítica literária?

CN- Não. Logo depois eu parei de fazer poesias. Fiquei na crítica literária e na prosa. O meu retorno à poesia foi até engraçado. Depois de trabalhar por longo tempo na Editora Saraiva eu recebi um convite para lecionar literatura americana em uma faculdade no município paulista de Assis. Neste ambiente interiorano, bucólico longe dos familiares e aos 40 anos



Como os jornais estão organizados hoje, se passasse um tufão sobre Brasília não seria noticiado por que não existe coluna de tufões

é que a poesia brotou de vez. Depois de mostrar alguns trabalhos meus para colegas da faculdade, evidentemente omitindo a autoria, fiquei surpreso com as críticas e a acolhida positiva dos trabalhos. Na oportunidade sai gritando pelos corredores da escola - sou poeta, sou poeta...

DF-Letras - Hoje há mais ou menos poetas?

CN- Temos que reconhecer que a poesia moderna como a cultura de um modo em geral no país viveu o seu apogeu entre os anos 20 e 50. Poetas, cronistas, prosistas e dramaturgos floresceram nesse período. Os jornais até publicavam poesias. Hoje isso é impossível. Depois dos anos 50 a poesia perdeu um pouco da sua essência. O movimento concretista de Augusto e Haroldo de Campos e mais o Décio Pignatari, fez com que a poesia se utilizasse muito de

recursos e símbolos visuais. Com isso a poesia passou a conviver somente nos chamados círculos intelectuais e acadêmicos.

Agora parece-me que a poesia retomou a sua verdadeira essência. Ela está de volta principalmente através das mulheres. Elas são mais sensíveis e sentimentais. Entretanto, não surgiu ainda nenhuma Cecília Meireles, infelizmente.

DF-Letras - Professor Cassiano Nunes, quando Brasília entrou definitivamente em sua vida?

CN - Depois da temporada no interior paulista eu voltei ao Rio de Janeiro. Tinha deixado a Editora Saraiva, também para trás. Foi quando num encontro casual no aeroporto do Rio com o grande poeta Carlos Drummond de Andrade, lhe disse que estava

de volta à cidade e precisava de alguma coisa.

Ele naquele jeito mineiro, muito trancado, mas com um grande coração por dentro, ficou de ver se arranjava alguma coisa. Uns quinze dias depois recebi uma correspondência de Drummond dizendo que era para que eu me apresentasse à Universidade de Brasília, no Departamento de Letras.

Era 1966 e eu sabia da crise política que tinha acontecido na UnB em 1964 e a questão toda envolvendo os professores. Quem estava dirigindo o Departamento de Letras era o poeta Ciro de Anjos, grande amigo de Drummond, daí que veio a indicação do meu nome. Graças a Drummond eu vim para Brasília, pouca gente sabe disso.

DF-Letras - Quais são os seus planos para o futuro?

CN - Estou me preparando para lançar brevemente uma publicação completa dos estudos sobre Monteiro Lobato com base em documentos inéditos. São estudos preciosos sobre a vida desse nosso grande escritor que eu admiro muito. Outro projeto que eu estou levando adiante é a publicação que trata das minhas memórias.

Como eu vivi entre as décadas de 40 e 50 em São Paulo, onde houve uma vida literária muito intensa, da mesma forma com o teatro quando pude conviver entre os grandes nomes do teatro de Arena, TBC, teatro Oficina, além do cinema, quero registrar essas passagens da minha vida. Eu estou escrevendo as

memórias deste tempo, até parodiando Hemming Way, o livro irá se chamar "São Paulo era uma festa".

DF-Letras - Professor, o senhor é mais conhecido como crítico literário e poeta. Mas falando de teatro, por que não se aventurou nesta área?

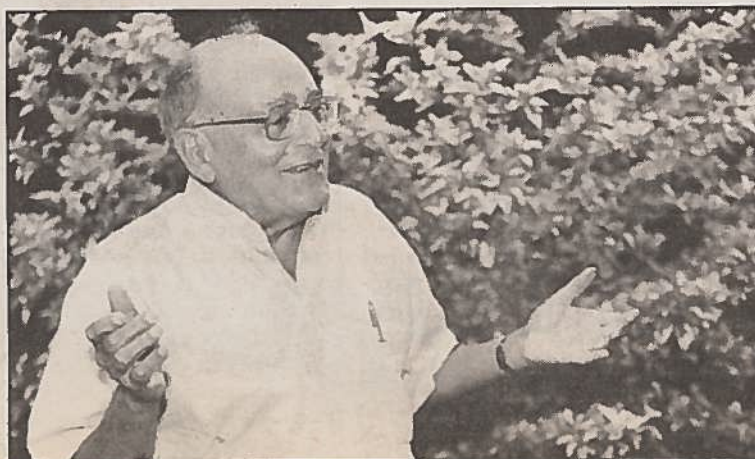
CN- Eu vou lhe confessar uma coisa. O meu maior sonho era ser dramaturgo, mas perdi a chance. Eu ainda andei escrevendo algumas peças, mas na verdade houve de minha parte uma grande frustração por não ter feito mais coisas voltadas para o teatro. Hoje, em Brasília, não tenho mais tempo para nada. O teatro ficou guardado em uma gaveta. Acabei me dedicando à crítica literária. Atualmente eu sou um dos críticos literários que mais faz conferências no País. Tenho viajado muito para dar essas palestras. Inclusive em Brasília. Eu já percorri todas as cidades-satélites falando sobre literatura e a cultura de um modo geral. Desta forma o teatro não teve tempo suficiente para aparecer mais. O meu sonho era ser dramaturgo.

DF-Letras - Que outros projetos estão em andamento no momento?

CN - Eu gosto muito de trabalhar estudando sobre documentos, pesquisando artigos, cartas, etc. Recentemente eu li uma notícia de que a Novacap irá publicar um livro a partir de depoimentos de antigos funcionários que chegaram para construir Brasília. É a história contada por aquelas pessoas que ajudaram a fazer a cidade desde os tempos pioneiros.

Isso me fez lembrar um trabalho que eu fiz e submeti à apreciação da diretoria da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Com base em depoimentos de antigos carteiros, telegrafistas e guardafios da ECT, consegui histórias fantásticas a respeito de Brasília e da epopéia de sua construção. Fiz entrevista com o primeiro carteiro que chegou ao Distrito Federal. Ele me disse que chegou aqui embrulhado em um cobertor, isso aqui era um deserto. Essa e outras histórias são a verdadeira história do Brasil, e o que é melhor, contada pelo próprio povo.

Mantive vários contatos com a diretoria da ECT. Fui bastante insistente, no sentido de conseguir a publicação do livro. No começo eles ainda me davam satisfação de como estava andando o pleito. Mas até agora, nem um sinal de interesse a empresa deu. Eu acho isso o fino da ironia porque o Correio não escreve cartas. Continuo aguardando uma cartinha.



Pra que esquinas? Brasília tem o verde de seus jardins que são maravilhosos

A batalha da construção

A 18 de abril de 1956, na cidade de Anápolis, Goiás, o Presidente Juscelino Kubitschek assina mensagem ao Congresso, criando a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil — Novacap —, que deveria receber todos os encargos da construção de Brasília. A mensagem resultou na Lei nº 2.847, aprovada por unanimidade, e sancionada a 19 de setembro de 1956.

Três dias depois, a 22 de setembro, presentes o representante da União e o então Presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, Dr. Ernesto Silva, foi lavrada a ata da constituição da Novacap, que lançou concurso entre engenheiros, arquitetos e urbanistas brasileiro para a apresentação de um Plano-Piloto.

Classificou-se, em primeiro lugar, o projeto apresentado pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa, nome já anteriormente consagrado na cátedra e nas atividades de sua profissão. O julgamento do concurso realizou-se no dia 12 de março de 1956, funcionando a seguinte comissão julgadora: William Wolford, inglês; Slamo Papadaki, norte-americano; André Sivo, francês; Horta Barbosa, do Clube de Engenharia; e Paulo Antunes Ribeiro, do Instituto dos Arquitetos do Brasil.



Na indicação da seta, a certeza das dificuldades do começo de Brasília, mas também a esperança por um futuro promissor

Logo após, partiam os primeiros pioneiros para darem início aos trabalhos preliminares da construção da Nova Capital. Não foi sem um misto de descrença e de indiferença que a Nação assistiu à partida. Mas, em breve, todo o País começaria a empregar-se.

Recapitulemos os acontecimentos dessa fase final.

Criada a Novacap pela Lei nº 2.874 — que dá, ainda, o nome de Brasília à futura Capital — é esta constituída com o Capital de 500 milhões de cruzei-

ros, dividido em 500 mil ações de Cr\$ 1.000, cada uma, todas subscritas pela União.

No dia 24 de setembro de 1956 são nomeados pelo Presidente da República, respectivamente, para Presidente e Diretores da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, os Drs. Israel Pinheiro da Silva, Bernardo Sayão Carvalho e Araújo e Ernesto Silva. A 25 de outubro do mesmo ano, eram nomeados o Diretor Iris Meinberg, e o Conselho de Administração, composto pelos Srs. Adroaldo Junqueira Aires,

Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, Epilogo de Campos, General Ernesto Dorneles e Oscar Fontoura.

E compuseram o Conselho Fiscal os Srs. Herbert Moses, Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves e Major Mauro Borges Teixeira, cabendo a suplência aos Srs. Temistocles Cavalcanti Correa e Vicente Assumpção. A 2 de outubro de 1956, chegou à Fazenda do Gama o Presidente Juscelino Kubitschek, a bordo de um Douglas da FAB, que desceu na pista construída ao lado do chamado

“Catetinho”, casa de madeira que abrigou o Chefe da Nação nas suas inspeções às obras da Nova Capital, até 30 de junho de 1958, quando se transferiu para o Palácio da Alvorada, residência oficial do Presidente da República.

Foi nessa ocasião que o Sr. Juscelino Kubitschek pronunciou estas palavras de fé profética:

“Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País e antevejo esta Alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande Destino.”

O “Catetinho” foi construído em apenas 10 dias por um grupo de amigos de Kubitschek, estando hoje incorporado ao patrimônio histórico e geográfico da União, tendo abrigado, entre outras personalidades, o Presidente de Portugal, Gen. Francisco Higinio Craveiro Lopes.

Em toska mesa de madeira, em campo aberto, a 2 de outubro, o Presidente da República assina o primeiro ato oficial em Brasília: a nomeação do Sr. Mário Menegheti para o Ministério da Agricultura.

A 9 de outubro de 1956, toma posse na Presidência da Novacap o Sr. Israel Pinheiro. A 16, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem anuncia o início da construção da ro-

Brasília é nossa

O aniversário de Brasília não é apenas uma data festiva, mas principalmente um marco histórico a ser seguido por todo o Brasil.

Construída para abrigar a Capital da República e ser o Centro das decisões políticas do País, Brasília foi concebida para ter apenas 500 mil habitantes no ano 2000.

Hoje, constatamos justamente o contrário. Somos quase dois milhões de habitantes, a cidade cresceu e se desenvolveu: passou a ter vida própria, como qualquer outro grande centro urbano e num tempo recorde: 35 anos.

Brasília, hoje, é o orgulho

dos cadangos. Tanto daqueles primeiros construtores que aqui fixaram raízes com suas famílias, como daqueles que aqui nasceram, cresceram e agora criam seus filhos. Somos uma família, com características e sinais próprios. Há quem diga até que temos um sotaque brasileiro.

Mas o aniversário de Brasília é, antes de tudo, um dia de lutas, para que as conquistas até agora alcançadas não parem por aí, ou o pior; caiam por terra.

Vamos lutar para que Brasília possa se consolidar em todos os sentidos e não regrida, como querem alguns. Vamos “pintar as caras” e sair às ruas para que, na

reforma constitucional, conquistemos a independência administrativa e financeira que tanto mereceremos e possamos não mais depender de recursos da União para sobreviver.

Vamos brigar pela criação de novos e melhores empregos, principalmente através da construção de indústrias e do desenvolvimento, aqui, de pequenas e médias empresas. Temos que lutar também para o crescimento racional do Entorno e a ocupação ordenada do solo, tanto na área urbana como na área rural, através da agricultura, que também é uma vocação brasileira.



Zé Ramalho

PDT

Enfim, as perspectivas são muitas, principalmente porque Brasília é uma cidade de braços abertos, que recebeu migrantes de todas as regiões do País, absorvendo também suas culturas e seus ensinamentos.

Por todos esses motivos e muitos outros, não faz mais sentido dizer que Brasília é apenas a Capital da República. Não! Na verdade, ela é também a Capital da República, mas, antes de tudo, a nossa Cidade.

E ao comemormos o 35º aniversário de Brasília, cada um de nós apaga uma velinha e comemora a parte que nos cabe nessa festa.

Pois então, feliz aniversário para todos nós!

dovia Anápolis-Brasília, anunciando o projeto da Transbrasiliana, a BR-14.

O Presidente da Novacap, acompanhado do arquiteto Oscar Niemeyer e engenheiros, estuda, a 1º de novembro, o local para os primeiros prédios a serem construídos em Brasília. A Novacap já instalara seu escritório da cidade de Luziânia, obtendo ainda a cessão de locais em Anápolis, para o armazenamento de materiais. No dia 7, é o Departamento Nacional de Estradas de Ferro que anuncia as obras projetadas para a ligação ferroviária com Brasília, através da Central do Brasil, via Pirapora; da Paulista, partindo de Colômbia e de Goiás, partindo de Anápolis.

A 10 de novembro, de baixo de forte chuva, o Presidente Kubitschek realiza sua primeira inspeção aos núcleos pioneiros de trabalhadores em Brasília. Já existem, então no sítio da Nova Capital, 232 operários.

A 1º de dezembro, concluem-se os entendimentos para que a Companhia Siderúrgica Nacional forneça à Novacap as estruturas metálicas destinadas à construção de um grande hotel em Brasília. No dia seguinte, Oscar Niemeyer conclui a elaboração do plano para o Palácio Residencial do Presidente da República, que recebeu a denominação de Palácio da Alvorada.

A 8 de dezembro, o Presidente Kubitschek volta a Brasília, partindo de Macaíó. No dia 11, inauguram-se os serviços do SAPS, para fornecer alimentação aos operários locais.



Os candangos, como eram chamados os primeiros habitantes de Brasília, festejam no dia da inauguração da cidade

Começa a adquirir vida o Núcleo Bandeirante, onde a iniciativa particular poderá desenvolver-se, fornecendo o necessário aos habitantes de Brasília. A "Cidade-Livre", assim chamada, deveria ser extinta no momento em que o Plano-Piloto possuísse vida própria. Mas, necessidades sociais e outras le-

varam o Congresso a votar sua imortalidade, transformando-a em Cidade-Satélite.

Em janeiro de 1957, anuncia-se que Brasília conta com 2.500 operários, empregados nas diversas obras então em andamento. No Palácio do Cateite, a 18 de fevereiro, o Presidente da República pre-

side a cerimônia de assinatura da escritura de transferência para a União de 30.933.759 alqueires geométricos de terras situadas dentro dos limites de Brasília, correspondentes a um quarto da área da futura Capital do País.

A 19 de março, são divulgados os elementos principais do projeto vencedor do Plano-Piloto de Brasília, de autoria do Professor Lúcio Costa.

O primeiro núcleo policial foi instalado a 1º de abril, chefiado pelo Coronel da Polícia Militar Antônio Muzzi. Já no dia seguinte era inaugurado o aeroporto de Brasília, dotado de pista pavimentada de 3.300 metros de extensão, a maior do Brasil. Acompanhado dos Embaixadores da França e de Portugal, o Presidente Juscelino Kubitschek desceu na nova pista, que desde então passou a receber grande número de aviões comerciais e militares. A pista foi submetida aos mais severos testes. E por ela deslizam hoje os maiores e mais pesados jatos do mundo.

Espectáculo tocante foi, sem dúvida, a "Primeira Missa de Brasília", oficiada por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, então Cardeal-Arcebispo de São Paulo, hoje exercendo suas funções de Pastor em Aparecida do Norte. Quinze mil pessoas acorreram nesse dia, 3 de maio de 1957, a Brasília. Nessa data ainda não haviam surgido quaisquer construções definitivas. O Cardeal de São Paulo leva para Brasília a imagem de Nossa Senhora da Aparecida, madrinha da cidade. A imagem foi ofertada pela

Capital de São Paulo. O Cardeal Vasconcelos Motta ressalta a importância de Brasília "que será o acontecimento máximo depois do Ipiranga" e "o trampolim mágico para a integração da Amazônia na vida nacional".

Nessa mesma data, o Presidente Juscelino Kubitschek inaugurou oficialmente o aeroporto. Iniciado a 6 de dezembro de 1956, requereu as seguintes obras: desmatamento, 1.334.000 metros quadrados; terraplenagem, 178.000 metros quadrados; base estabilizada, 40.900 metros quadrados; revestimento, 73.000 metros quadrados; serviços topográficos, de localização e nivelamento, 28 quilômetros. Na primeira fase foram concluídos 2.400 metros de pista, na largura de 45 metros.

A 14 de maio, chegou a Belém o Engenheiro Bernardo Sayão Carvalho e Araújo, diretor-executivo da Novacap e o vice-governador de Goiás, que iniciou a discussão de detalhes, com a Superintendência do Plano da Valorização Econômica da Amazônia, para a construção da rodovia Belém-Brasília, com 2.200 quilômetros de extensão, possibilitando a que o Brasil se integrasse em si mesmo, unindo o norte ao extremo sul do País. Bernardo Sayão, que mais tarde tombaria na Belém-Brasília, pagando com a vida a ousadia de desafiar a selva amazônica, foi o cérebro e os braços na abertura da grande estrada, que está permitindo nas matas nunca dantes penetradas um surto de progresso inenarrável.

O florestamento e reflor-

O Sonho e a Aventura

Primeiro, a imensidão do planalto de Goiás, pra lá, bem pra lá do grande sertão das Gerais. E o sertão era sem fim. Nele povoavam os buritis, as seriemas e as alvoradas mais bonitas de que se tinha notícia. O céu de tão azul, de tão infinito, parecia que cruzava a linha do horizonte e misturava-se com a terra, como a dizer que Deus morava ali por perto. E o planalto era diferente. Tinha um quê de mistério. Por ali, todos os sertanejos, todos os bichos e a natureza sabiam de um sonho que o vento soprava por todas aquelas paisagens há um punhado de anos, desde a visão de Dom Bosco e o sacrifício do inconfidente Tiradentes.

tes. Era a profecia de que ali, bem ali, naquela imensidão nasceria uma cidade capital, síntese de uma nova civilização, marcada pelo progresso e pela generosidade entre os homens, onde "jorriaria o leite e o mel".

E o sonho habitou entre nós e Brasília se fez. Graças à santa clarividência do fundador J.K., à arte e criatividade de Niemeyer e Lúcio Costa e ao poder empreendedor de cada pioneiro, a cidade nasceu e se tornou grande sob o signo do ecumenismo. Uma terra sem espaço para o rancor, onde o culto ao pluralismo e o respeito ao individualismo constru-

iram mais do que a areia, o cimento e o ferro.

Trinta e cinco anos depois, uma nova ordem se implantou. O mandatário iniciou por convidar os representantes do povo para aceitarem "participar da aventura de governar". E o governo como todo alarde, como que neo-bárbaros, espalhou por todos os cantos as bases da nova cultura. A sociedade agora deve se organizar sob a luz de uma única estrela. E os que não tiverem essa ideologia no peito devem ser alijados do processo. Milhares foram exonerados. Outros tantos humilhados e "encostados". Moradias destruídas. Tribunais revolucionários,



Tadeu Filippelli

PP

agora denominados de "foruns", foram constituídos em todas as organizações para julgar sumariamente os empregados dentro de um critério maniqueísta: contra ou a favor do novo regime. Os "inimigos" passaram a ser execrados. Aqueles que ofereciam maior perigo, os intelectuais, passaram a ser combatidos em praça pública por hordas de simpatizantes arregimentados em todo País.

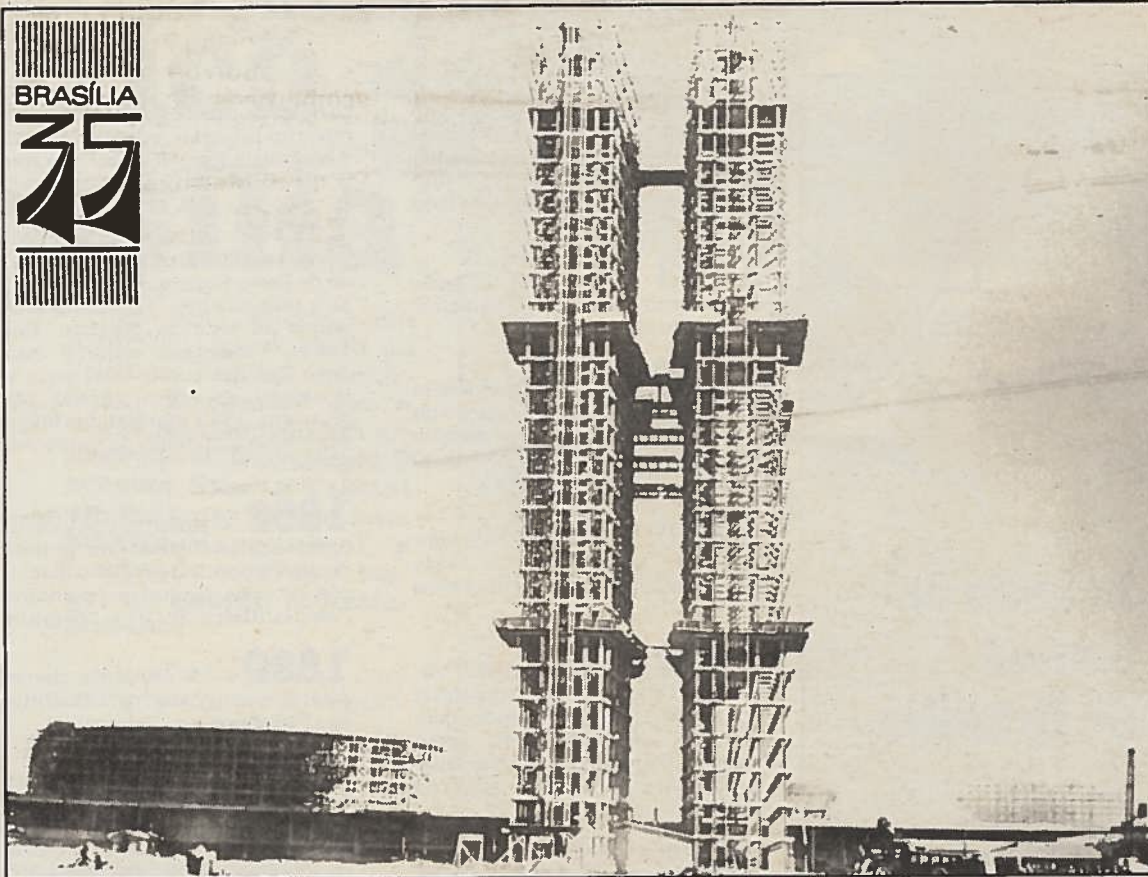
E como que por encanto em pouco mais de cem dias, construiu-se um muro que dividiu a cidade: de um lado a nova república sindicalista, do outro os excluídos e tudo aquilo que sobrou do sonho de Juscelino. E dia após dia, a brisa do Planalto, que nos velhos tempos espalhava para todos os candangos a esperança cantada por André Malroux, teve sua liberdade condicionada. E o sonho se desfez. Ficou a aventura.

restamento de Brasília não foi esquecido. A 23 de maio, o Presidente da República aprovou o termo de acordo entre a Novacap e o Ministério da Agricultura para estudos e efetivação do plano do florestamento e reflorestamento da área do Distrito Federal. Na mesma ocasião, a Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura inicia um plano de trabalho para a instalação de um parque de reserva que represente um refúgio de animais silvestres nas imediações da Nova Capital, com o fim de preservar a fauna. Infelizmente, necessita-se de medidas mais enérgicas do que as que até o momento foram adotadas. Ainda na mesma época, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização dá início às suas atividades na área de Brasília.

A 2 de junho, os Padres Salesianos — Ordem fundada por Dom Bosco — dão início à construção do primeiro ginásio de Brasília, à expensas da Novacap, e que tomou o nome do fundador da Ordem. Em 1883, Dom Bosco teve uma visão, na qual a Nova Terra da Promissão surgiria entre os paralelos 15 e 20, no Brasil. Esta é a localização exata de Brasília.

O Primeiro Congresso Científico de Brasília foi inaugurado em julho de 1957 e teve a participação de 80 médicos mineiros e goianos, que se reuniram na Nova Capital sob o patrocínio da Associação Médica de Minas Gerais. Nesse dia foi inaugurado em Brasília o Hospital do IAPI, que passou a prestar serviços a todos os segurados da Previdência Social.

A 7 de agosto, instala-se



O Congresso Nacional à época de sua construção, hoje consolidado como palco das grandes decisões nacionais

em Brasília o primeiro núcleo de imigrantes japoneses, que iniciam suas atividades na área do Cinturão Verde. Os colonos chegados a Brasília são elementos rigorosamente selecionados, especializados em horticultura e preparo de pomares, todos eles com larga experiência no País de origem.

A 30 de agosto de 1957, os representantes das classes produtoras do País, em número de 300, reafirmam sua fé e seu entusiasmo pela construção de Brasília. Ouvindo a exposição do Presidente da Novacap, Dr. Israel Pinheiro, os líderes da indústria, do comércio e da agricultura manifestaram sua disposição de colaborar com

o grande empreendimento, que reputam vital para a redenção econômica da Nação. Na ocasião, o Sr. Israel Pinheiro esclarece que quem construirá realmente Brasília será a iniciativa privada: a Novacap apenas urbanizará e fiscalizará as obras. Os prédios públicos construídos pela Novacap não ultrapassam a cinco por cento do total das construções previstas. Dois dias depois, 20 alunos da Escola Superior de Guerra chegam a Brasília sob o comando do Brigadeiro Alves Sêco, hoje Ministro do Superior Tribunal Militar.

No dia 20 de setembro, em Washington, o Brasil recebe do Banco de Exportação e Importação (Exim-

bank) a soma inicial de US\$ 10,000,000 para financiamento da compra de estruturas de aço para os 11 Edifícios, onde hoje estão instalados os Ministérios. Falando no ato, o então Embaixador Amaral Peixoro afirmou: “— o aço que será usado na estrutura para a Nova Capital pode ser considerado, por si mesmo, um símbolo da força das tradicionais relações entre nossos países.

No aço da Usina de Volta Redonda, como no aço destinado a Brasília, vemos um símbolo da colaboração norte-americano-brasileira, no quadro das realidades do Século XX. Brasília é uma obra de pioneiros. É o início de uma

realidade futura e é justo que os Estados Unidos estejam associados conosco nessa empresa do futuro, como têm estado no passado.”

A 27 de setembro, é inaugurada a primeira agência da Caixa Econômica Federal em Brasília.

Numa terça-feira, a 1º de outubro de 1957, no Palácio do Catete, o Presidente Juscelino Kubitschek sanciona, em solenidade realizada ante todo o Ministério, parlamentares, membros do Poder Judiciário e altas autoridades civis e militares, a lei do Congresso Nacional que fixa a data de 21 de abril de 1960 para a mudança da Capital Federal para Brasília. Uma caneta oferecida por jornalistas goianos é utilizada na histórica solenidade, quando o Presidente da República afirmou:

“Este ato representa o passo mais viril, mais enérgico, que a Nação dá, após sua independência política, para a sua plena afirmação, como povo que tomou em seus ombros uma das mais extraordinárias tarefas que a história contemporânea viu atribuir-se a uma coletividade: a de povoar e de civilizar as terras que conquistou, vastas como um continente: a de integrar, na comunhão dos povos, para o bem-comum da humanidade, um dos mais ricos territórios do mundo. Sendo este ato, ao mesmo tempo, o maior e mais severo compromisso que o Brasil toma consigo mesmo, entendi que a ele deviam estar presentes as altas autoridades da República, os representantes mais credenciados de nossa cul-

Brasília, uma linda realidade

Brasília é uma realidade. A frase, colocada assim, solta, soa como lugar-comum. Mas, se refletirmos cuidadosamente veremos quanta profundidade e quanto sentido ela encerra. Trinta e cinco anos depois da inauguração da "capital e todos os brasileiros", a frase ganha ainda mais força. Ganha contornos de evidência. Brasília é uma realidade. Linda, irreversível, incontestável. E envolvente.

Quem, em sã consciência, conseguiria não se deixar envolver? Essa gente, o céu, o pôr-do-sol, as cidades satélites, o Lago

Paranoá, Via Sacra, Água mineral, Vale do Amanhecer, Catetinho, monumentos, eixos, luzes...

Só mentes maldosas, que ignoram a poesia de todas as esquinas sem esquina de Brasília, podem menosprezar nossa cidade. Mas essas mentes existem. E nós, trabalhadores, parlamentares, servidores públicos, estudantes, donas de casa, artistas, temos que combatê-las. Não com violência, mas com a inteligência de mostrar o nosso amor por essa cidade por esse sonho de Dom Bosco tornado realidade.

E devemos travar esse bom

combate, em respeito à obstinação e à ousadia de Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Israel Pinheiro, Severinos, Joaquina, Franciscos, Antônio, Josés e tantos outros candangos anônimos. Devemos partir para essa batalha santa em respeito a nós mesmos.

Aqueles que conhecem Brasília apenas pelo trajeto Aeroporto-Eixo Rodoviário-Esplanada dos Ministérios e insistem em atacar a nossa cidade não podem continuar a fazê-lo. Não têm esse direito. Aqui não vivem, não criam seus filhos, não plantam suas árvores, não cultivam seus sonhos. Para es-



Daniel Marques

PP

ses, Brasília não passa de um "pouso", ou, para outros que tais, não passa de uma aventura de um lunático que "ousou" tirar a Capital Federal do Rio de Janeiro.

Aventura sim. Ousadia mais ainda. A transferência da Capital, a Construção de Brasília, tem muito de aventura, de ousadia, de obstinação, de busca de um ideal. Ao que sabemos, essas são qualidades que devem ser perseguidas por todo ser-humano. E, de uma forma ou de outra, elas estão concretizadas no trabalho e na vida de cada brasiliense. Que Brasília, a nossa realidade, se perpetue e seja respeitada cada vez mais.

tura e de nossas forças produtoras, todos aqueles que com a inteligência, a energia e o trabalho perseverante possam concorrer para que a Nação não falhe, nesta histórica empreza."

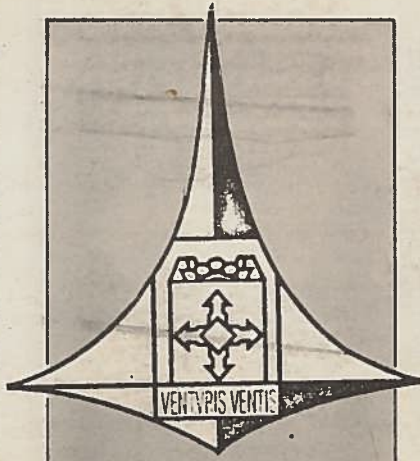
A 18 de outubro, o Ministro da Educação, Dr. Clóvis Salgado, inaugura a primeira escola de Brasília. Esse estabelecimento projetado por Oscar Niemeyer foi construído em apenas 20 dias, recebendo, de imediato, 300 crianças, filhos de engenheiros e de operários da Novacap.

"Na inauguração de Brasília irei de automóvel com a complementação asfáltica da rodovia Belo Horizonte-Brasília." Esta declaração foi feita pelo Presidente da República, a 22 de outubro de 1957, em entrevista à imprensa. No mesmo dia, os Presidentes das autarquias de Previdência Social traçam os planos de construção de apartamentos para os servidores públicos a serem transferidos.

No dia 26, é lançada a pedra fundamental do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, construído em Brasília por iniciativa da Primeira-Dama.

A 7 de novembro, o Presidente Kubitschek, em companhia dos engenheiros Bernardo Sayão e Waldir Bouhid, sobrevoa longamente o traçado previsto para a ligação rodoviária Belém-Brasília. Exige que uma caravana de Belém vá da Capital paraense a Porto Alegre, por rodovia, a 3 de abril de 1960. (Este feito pioneiro, com a ausência de Bernardo Sayão, morto nas selvas amazônicas, foi efetivado em janeiro e fevereiro de 1960, antecipando de três meses esta meta da maior importância para a vida de Brasília.)

Cronologia da mudança da capital



Brasão de armas de Brasília

Criado pelo poeta e especialista em heráldica Guilherme de Almeida, foi instituído em 12 de setembro de 1969. Possui no centro um escudo quadrangular com a cruz de Brasília, formada por quatro setas que partem do centro em direção aos quatro pontos cardeais, representando a herança indígena, a rosa dos ventos e a ação centrífuga do poder. Acima do escudo, uma coroa mural adaptada ao estilo dos pilotis da cidade, baixou, a divisa em latim Venturis Ventis, "aos ventos que hão de vir". O formato do brasão imita as colunas do Palácio da Alvorada, uma das imagens marcantes de Brasília.

1750 — O cartógrafo goiano Francisco Tossi Colombina elabora uma carta de Goiás e capitâneas próximas, sugerindo a mudança da capital do País para essa região.

1763 — Mudança da sede do governo colonial, de Salvador para o Rio de Janeiro.

1789 — A Inconfidência Mineira previa a Interiorização da capital. Era Intenção dos Inconfidentes estabelecer em São João Del Rei o governo brasileiro.

1809 — William Pitt, embaixador Inglês junto às Cortes portuguesas, sugere a mudança da capital brasileira.

1810 — O Conselheiro Velloso de Oliveira dirige memorial ao governo português, onde, pela primeira vez, aparecem argumentos ponderáveis justificando a mudança da sede do governo brasileiro.

1813 — Hipólito José da Costa, em artigos do "Correio Braziliense" (também publicados em 1818 e 1822 na Inglaterra), defende a transferência da capital para o Interior.

1821 — Primeira manifestação de um órgão da administração do País, a favor da mudança, em Instruções do Governo Provincial de São Paulo, aos deputados da Província, às cortes de Lisboa, indicando a latitude aproximada de 15º para a localização da nova capital e sugerindo para ela o nome de Brasília. A redação de tais Instruções é atribuída a José Bonifácio de Andrada.

1823 — José Bonifácio de Andrada apresenta à Assembléia Constituinte e Legislativa do Império do Brasil a "Memória sobre a necessidade de edificar no Brasil uma nova capital", na qual sugeriu para sede do governo a comarca de Paracatu, MG.

1824 — A Confederação do Equador, na revolução Pernambucana, inclui, como preliminar

para qualquer negociação com o governo Imperial, a Instalação da Assembléia Constituinte "em um ponto central do Brasil".

1839 — O historiador Francisco Adolfo Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, pronuncia-se, pela primeira vez, a favor da mudança da sede do governo. Em 1845, Varnhagen admitia São João Del Rei como local para a Instalação da futura capital, porém, em 1849 mudou de idéia, sugerindo o planalto de Formosa, Goiás.

1852 — Holanda Cavalcanti apresenta ao Senado um projeto de lei dispondo sobre a construção de uma capital no planalto, "nas latitudes de 10 a 15 graus

1890 — A mudança da capital é consignada na Constituição Provisória.

1891 — A Primeira Constituição da República estabelece, em seu artigo 3º, "Fica pertencente à União no Planalto Central da República uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital federal".

1892 — Floriano Peixoto constitui a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, sob a chefia do cientista Luiz Cruis, Diretor do Observatório Nacional, com o encargo de estudar e demarcar área do futuro Distrito Federal.

1894 — A Comissão apresenta o relatório final e seus trabalhos, uma completa monografia que ainda não perdeu a atualidade, indicando uma área retangular de 14.400 km² que passou a ser chamada, desde então, de "Retângulo Cruis".

1920 — O Presidente Epitácio Pessoa assina um decreto legislativo que prevê o início da construção da nova capital.

1922 — Em Planaltina, a 7 de setembro, como parte das comemorações do Centenário da Independência, é lançada a pedra fundamental da nova capital.

1934 — A Constituição prevê a mudança da capital.

1937 — A nova Constituição também prevê a transferência da sede do governo.

1940 — O presidente Getúlio Vargas lança em Goiânia a cruzada "Rumo ao Oeste".

1946 — A mudança da capital para o planalto central é incluída nas Disposições Transitórias da Constituição promulgada em 18 de setembro. O Presidente Eurico Gaspar Dutra nomeia a Comissão Poli Coelho para localizar a nova capital.

1953 — O Decreto 32.976, de 8 de julho, constitui a Comissão de Localização da Nova Capital, chefiada pelo general Aguiinaldo Caiado de Castro, que seria substituído, em 1954, pelo marechal José Pessoa.

1955 — A 5 de agosto, o Presidente Café Filho aprova o sítio e a área da nova metrópole, entre os rios Preto e Descoberto e os paralelos de 15º30' e 16º03'5", abrangendo terras de três municípios goianos: Planaltina, Formosa e Luziânia.

1956 — Em 18 de abril, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira encaminha ao Congresso a "Mensagem de Anápolis", propondo, entre outras medidas, a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil e o nome de Brasília para a nova metrópole. Com aprovação unânime da Câmara e do Senado, o projeto governamental converteu-se na Lei Nº 2.874, de 19 de setembro de 1956.

1957 — A Lei nº 3.273, de 1º de outubro, estabelece a data para a transferência do Distrito Federal.

1960 — No dia 21 de abril de 1960 é transferida oficialmente para Brasília a Capital do Brasil.

Brasília, uma epopéia nacional

Brasília está comemorando seus 35 anos de fundação, constituindo-se hoje em um dos marcos mais importantes de nossa capacidade de realização, movida pela fé e determinação de um povo obstinado e sequioso de progresso.

São passados 35 anos, ao longo dos quais Brasília resistiu a sucessivas campanhas contra sua consolidação, rebatendo vigorosamente todas as tentativas de inviabilizá-la.

Não foram poucos os que procuraram ridicularizá-la apontando-a como fria, desumana, neurotizante, entre outros termos, de-

preciativos. Também não foram poucos os que tentaram reverter o processo da marcha para o Oeste brasileiro a partir da nova capital do país, não se rendendo à realidade das conquistas nunca dantes imaginadas.

A fronteira, antes limitada apenas à parcela mais desenvolvida da Nação, expandiu rapidamente abrindo caminho para a real integração do país, plantando na vasta região abandonada a semente do progresso.

Rasgaram-se florestas abrindo estradas, construindo cidades, rompendo o isolamento a que esta-

vam relegados milhões de brasileiros e, acima de tudo, mudando por completo a política de ocupação territorial e a necessidade de desenvolvimento do interior.

Só mesmo a má vontade, para não dizer impatriotismo, reluta em reconhecer a importância de Brasília, a partir de sua fundação, na formação de um novo Brasil, totalmente ligado em todos os seus quadrantes.

Outra prova cabal da importância da transferência da capital para o Planalto Central, foi a oportunidade dada ao povo brasi-



Jorge Cauhy
PP

leiro para mostrar seu espírito empreendedor e corajoso, aceitando com garra a enorme tarefa de abrir um novo horizonte para o país, regando com seu suor a construção de um futuro digno da própria grandeza deste país.

São passados 35 anos e jamais poderemos olvidar os que acreditaram que, aqui em Brasília, estavam empenhados na epopéia que é motivo de orgulho nacional e admiração internacional.

Como pioneiro e orgulhoso de ter participado com meu modesto trabalho em prol de Brasília, só me resta saudá-la e desejar que continue irradiando a luz que rompeu as trevas do atraso.

Histórico de Brasília

O nascimento de Brasília obedeceu a um determinismo histórico. A idéia da transferência da Capital Federal para o Planalto sedimentou-se na alma popular através de séculos, aparecendo como meta a alcançar, tanto nas Constituições como em movimentos que visavam a independência política.

Já em 1750, o cartógrafo genovês Francisco Tossi Colombina apontava a região onde hoje se localiza o Distrito Federal, como o local mais indicado para a fixação da sede do governo da Colônia.

Em 1789 o problema da interiorização político-administrativa do País era inscrito como destaque no programa da malograda Inconfidência Mineira, sob o fundamento de que o Governo Central deveria ser subtraído às agitações dos Portos.

Em 1808, José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, no "**Correio Braziliense**" jornal editado em Londres e fundado por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça já se batia pela mudança da Capital para o centro geográfico do País, justificando possuir o Rio de Janeiro nenhuma condição que se requer de uma cidade com as características de cabeça do Império.

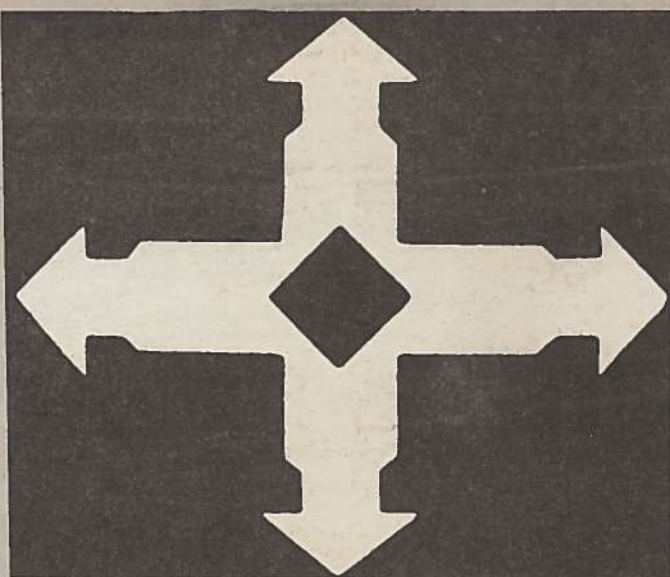
Logo depois, em 1810, o Conselheiro e Chanceler

Veloso de Oliveira, em memorial apresentado ao Príncipe Regente, ponderava: "**E preciso que a Corte não se fixe em algum porto marítimo. É preciso fixar a Capital do País em lugar são, ameno, aprazível e isento de confuso tropel de gentes indistintamente**".

Mas a idéia ganhou consistência com José Bonifácio de Andrada e Silva, sem dúvida seu mais clarividente precursor.

Assim é que, em 1821, o Patriarca da Independência acentuava nas instruções transmitidas aos Deputados de São Paulo às Cortes de Lisboa: "Seria muito útil que se levantasse uma cidade no interior do Brasil, para assento da Corte ou da Regência, cidade essa que poderia ser na latitude pouco mais ou menos de 15 graus, em sítio sadio e fértil."

Ao elaborar o estudo que mais tarde, em 1823, encaminharia à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império (Memória sobre a necessidade e meios de edificar no interior do Brasil uma nova Capital), assinalava José Bonifácio, as implicações econômicas e demográficas do empreendimento e sugeria a denominação da cidade que se idealizava: "Desta Corte Central dever-se-ão logo



Bandeira de Brasília

Idealizada por Guilherme de Almeida, autor do brasão, a bandeira foi oficializada em 26 de agosto de 1969. Sobre fundo branco, simbolizando a paz, um escudo quadrangular abriga a cruz de Brasília. O verde e o amarelo do escudo traduzem a fidelidade aos símbolos nacionais.

abrir estradas para as diversas províncias e portos de mar, para que se comuniquem e circulem com toda prontidão as ordens do governo, e se favoreça por elas o comércio interno do vasto Império do Brasil. Sendo ela central e interior, fica o assento do Governo e da legislatura livre de qualquer assalto de surpresa feito por inimigos externos. Chame-se para as províncias do sertão o excesso de povoação, sem emprego, das cidades marítimas e mercantes. Como esta cidade (Metrópole ou

Brasília) deve ficar quanto possível equidistante dos limites do Império, tanto em latitude quanto em longitude, vai-se abrir deste modo, por meio de estradas que devem sair deste centro como raios para as diversas províncias e suas cidades interiores e marítimas, uma comunicação que decerto criará, em breve, giro de comércio intenso da maior magnitude, visto a extensão do Império, seus diversos climas e produções".

Visão extraordinária, a do Patriarca da Independência,

que já no seu tempo se preocupava com o excesso de aglomeração litorânea. E, não fora tardio o atendimento de suas premissas, o desenvolvimento do Brasil, como um todo, teria evitado a atrofia econômico-demográfica da maior parte de seu território.

De José Bonifácio até a inauguração da Capital, a idéia da mudança foi ganhando consistência. E sua localização no Planalto Central foi pregada por Varnhagem (1834-1877), que argumentava com a circunstância de a região "**reunir em si as três grandes conchas fluviais do Império.**"

O Brasil, a essa época, havia conquistado a independência. Quando da elaboração de nossa primeira Carta Magna, a mudança da Capital veio novamente à baila, conforme documento da Assembléia Constituinte e Legislativa do Brasil, firmado pela maioria de seus membros na sessão de 8 de junho de 1823.

Em 1852, Holanda Cavalcante entrega ao Senado o projeto de sua autoria sobre a transferência da sede do Governo para o interior do País.

A Constituição Provisória da República, estabelecida pelo Decreto 914-A de 23 de outubro de 1890, em seu artigo 2º estabelecia: "Cada uma das antigas Províncias formará um Estado e o antigo Município neutro constituirá o Distrito Federal, continuando a ser a Capital da União, enquanto outra coisa não se liberar o Congresso."

Uma cidade democrática

Antes de tudo, parablenzo a população brasiliense pela passagem dos 35 anos da inauguração de Brasília, cidade que foi construída para ser definitivamente a capital da República e que até hoje embala o sonho de desenvolvimento do país e acalenta em nossos corações o sentimento de brasilidade, já que esta cidade-estado foi edificada por todos os brasileiros, do Sul e do Norte, do Leste e do Oeste

Brasília é chamada a capital da esperança, e não é à toa. Para ela vieram brasileiros de todas as

raças, credos e classes sociais. Em Brasília, pessoas humildes vieram ganhar o seu pão e sustentar os seus filhos condignamente, pois aqui, todos nós, sem exceção, tivemos a chance de crescer na vida e ganhar o nosso sustento. Brasília, antes de tudo, é uma cidade democrática, embora ainda não seja socialmente justa.

Mas Brasília não é só isso. Antes de 1960, o Brasil só se resumia às regiões Sul e Sudeste. Até Minas Gerais, que sempre foi um Estado forte, era relegado a um segundo plano. Pois bem, com a

transferência do poder político e econômico para o centro do país, o Brasil pôde enfim mostrar a sua verdadeira face. E por quê? Por que as chamadas regiões longínquas, os chamados sertões, passaram, ainda que moderadamente, a participar das decisões e dos interesses do país, demonstrando que o Centro-Oeste, o Norte e o Nordeste também existem, também reivindicam recursos, também têm voz ativa.

Brasília, por isso tudo, é a principal responsável pela total integração do Brasil, aproximando



Marcos Arruda
PSDB

os grandes centros econômicos e culturais das regiões mais longínquas deste país. Graças a Brasília, o Norte está sendo ocupado, o Nordeste está mais industrializado, o Centro-Oeste se tornou um pólo de pecuária e agricultura e Minas ficou mais forte do que já era.

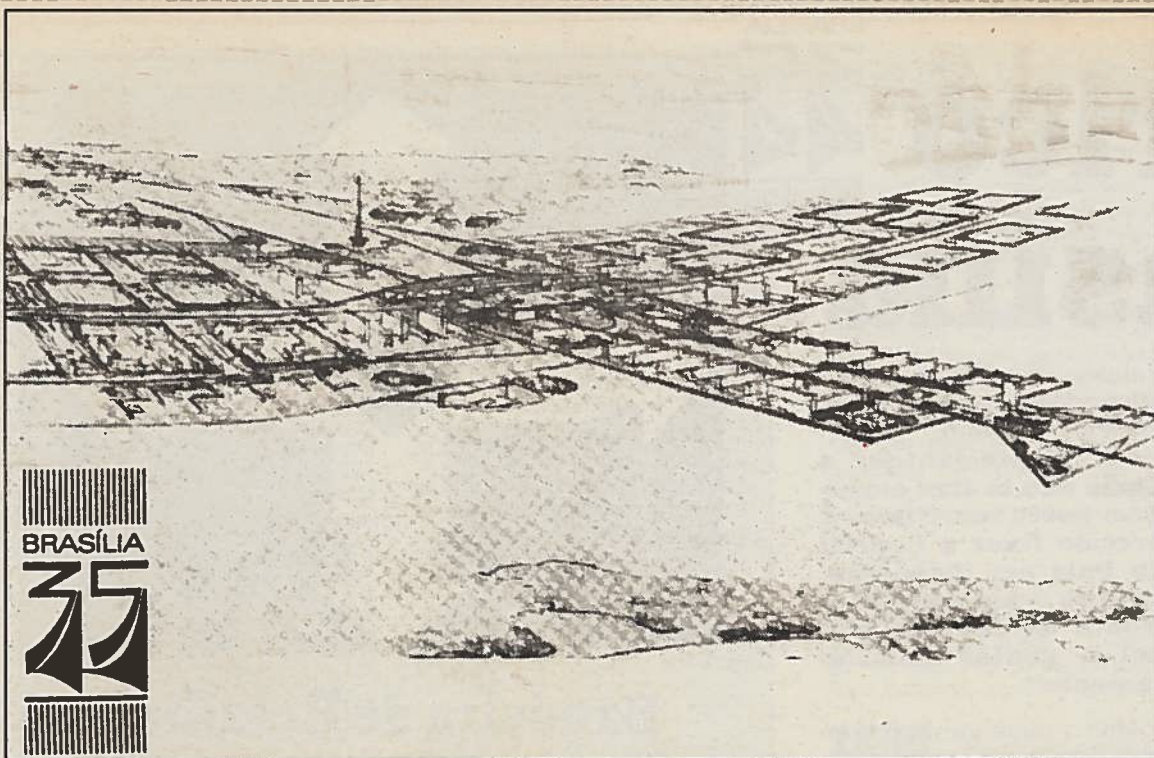
Além do mais, Brasília é considerada patrimônio cultural e sede das embaixadas de todos os países que têm relações diplomáticas com o Brasil, dando-lhe um charme cosmopolita e se tornando ponto de referência das decisões internacionais nas quais o país venha a participar.

Mas logo no ano seguinte, o Congresso deliberava ao outorgar a Constituição de 1891: — Art. 2º — Cada uma das antigas Províncias formará um Estado e o antigo Município Neutro constituirá o Distrito Federal continuando a ser a Capital da União, enquanto não se der a execução ao disposto no artigo seguinte: Art. 3º — Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela se estabelecer a futura Capital Federal.

Em função desse dispositivo constitucional, foi nomeado em 1892 a Missão Cruls, composta de 22 membros e chefiada pelo eminente Dr. Luiz Cruls, para proceder a estudos na região do Planalto Central. A idéia da transferência começava a corporificar-se. Os trabalhos dessa Missão foram os mais proveitosos e os resultados foram de imensa valia para a localização da cidade que hoje é a Capital do País.

No entanto, os primeiros projetos da lei objetivando a concretização de grande empreendimento não tiveram maiores consequências. Foram eles apresentados, na Primeira República, por Sá Freire em 1889; Nogueira Paranaguá, em 1905; Eduardo Sócrates, em 1911; e Justo Chermont, em 1919.

Passou, então, um longo período em que a idéia da transferência ficou latente. E a Constituição de 16 de julho de 1934, parecendo desprezar os trabalhos anteriores, reafirma, no en-



Vista geral de Brasília no plano idealizado pelo seu criador, arquiteto Lúcio Costa

tanto: Será transferida a Capital da União para um ponto central do Brasil. O Presidente da República, logo que esta Constituição entrar em vigor, nomeará uma comissão que, sob instruções do Governo, procederá a estudos de várias localidades adequadas à instalação da Capital. Concluídos tais estudos, serão presentes à Câmara dos Deputados, que escolherá o local e tomará, sem perda de tempo, as providências necessárias à mudança. Efetuada esta, o atual Distrito Federal passará a constituir um Estado.

O Brasil teria, no entanto, novas Constituições antes de ter a nova Capital. Os constituintes de 1946, compreendendo a necessidade inadiável da transferência inserem no Ato

das Disposições Constitucionais Transitórias da Carta Magna de 18 de setembro, os preceitos pormenorizados sobre a mudança.

Suceder-se-ia, então, um encadeamento de providências que viria culminar com o início da construção de Brasília. Em 21 de agosto de 1948, o Presidente Eurico Gaspar Dutra assina a mensagem Nº 393 entregando à consideração do Congresso os trabalhos dos técnicos comissionados para tratar da mudança.

A 8 de junho de 1953, o Presidente Getúlio Vargas, pelo Decreto nº 32.276, cria a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, composta de 7 membros. O General Caia do de Castro é nomeado

seu Presidente.

Pelo Decreto 38.521 de 9 de dezembro de 1953, a Comissão de Localização foi transformada em Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal.

E, no ano seguinte, pelo Decreto 36.598 de 1º de dezembro de 1954, a Comissão, sob a Presidência do Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, localizou o sítio ideal para a construção da Capital Federal.

Logo após, o Dr. Ernesto Silva era nomeado Presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, tendo tomado posse em data de 13 do mesmo mês.

A esta altura, o Governo do Estado de Goiás pelo Decretos 480 de 30 de

abril; 500 de 11 de maio; e 1.258 de 5 de outubro de 1955, e pela lei 1.071 desapropriara a área que iria constituir o futuro Distrito Federal, declarando de utilidade pública e de conveniência ao interesse social o terreno escolhido, suspendendo nela e adjacências qualquer alienação de terras do Estado e criando a Comissão de Cooperação para a mudança da Capital.

Faltava a lei final, marcando a transferência. E esta foi sancionada a 2 de outubro de 1957, pelo Presidente Juscelino Kubitschek.

É o seguinte o teor da Lei, que leva o nº 3.273:

“Artigo 1º - Em cumprimento do artigo 4º e seu item nº 3, será transferida, no dia 21 de abril de 1960, a Capital da União para o novo Distrito Federal, já delimitada no Planalto Central do País.

Artigo 2º — Os Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo ficam autorizados a tomar as providências necessárias ao atendimento do disposto no artigo anterior.

Artigo 3º — Fica incluída, em relação descritiva do Plano Rodoviário Nacional de que trata a Lei 2.975, de 27 de novembro de 1956, a ligação Rio-Brasília, para os efeitos do Art. 30 da mesma Lei.

Artigo 4º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário”

Estava terminada a batalha pela mudança. Começava a batalha pela construção.

Realidade foi maior que o sonho

Brasília e sua construção devem ser vistas no quadro do que era o Brasil nos anos 50. O presidente Juscelino Kubitschek, no livro *Por Que Construí Brasília*, recorda que os problemas “não poderiam ser resolvidos se a evolução da economia nacional continuasse a ter, como traço predominante, uma forte dependência das atividades primárias”. O País não deveria conformar-se com o papel de produtor, somente, de bens agropecuários. Como lembra JK, em 1950 “as atividades agropecuárias ocupavam cerca de 10 milhões de brasileiros”, um quinto da população.

Desnecessário acrescentar que se tratava de brasileiros muito

pobres. “Por outro lado”, diz JK, “os 21 milhões de habitantes da zona urbana”, concentrada principalmente nas regiões Sudeste e Sul, “eram apenas menos pobres do que os habitantes do campo pois o Brasil de 1950 tinha um parque manufatureiro ao extremo deficiente”. Em 1951, a renda per capita somava magros 147 dólares.

A tarefa de levar o País a novos patamares econômicos não se realizaria sem esforço - e sem oposição. Críticas e mesmo chacotas foram frequentes. Uma charge em *O Globo*, publicada em 1956, mostra JK, meditativo, a conversar com um repórter. Juscelino diz: “Estou pensando na mudan-

ça da Capital”. E o repórter: “Bravo. Já pensou V. Exª no capital para a mudança?”

Piadas à parte, a troca se deu. Simultaneamente, o Brasil ampliaria seu parque industrial, rasgaria a terra virgem com estradas como a Belém-Brasília e a Brasília-Acre, Furnas seria construída. Juscelino pode ser, de todo modo, criticado por deslizes cometidos em seu governo: empresas superfaturaram seus serviços - e, mais grave, a polícia nem sempre agiu com delicadeza no trato com os operários.

O ideal hoje deve ser o de reeditarmos a odisséia que o Governo JK soube promover, agora sob padrões democráticos mais ri-



Miquéias Paz
PC do B

gorosos e firmes. Brasília já não é apenas a capital administrativa, mas esboça o seu perfil econômico e deve operar como pólo receptor e irradiador para o Entorno em diversos planos, inclusive o cultural.

Lúcio Costa, parceiro de Oscar Niemeyer na concepção da nova capital, afirma essa possibilidade com palavras manuscritas em 1987. Ele diz: “Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído”.

Nós, modestamente, também.

Recordando como foi Brasília um dia

□ L. Fernando Tamanini

"Este livro foi escrito para ser lido daqui a cem anos". Com esta frase, que denota em si o sortilégio da imprevisibilidade do amanhã, L. Fernando Tamanini recomenda através de um simples cartão de visita a sua obra "**Brasília, Memória da Construção**", um estudo pormenorizado e, por isso mesmo, imprescindível a quem deseje conhecer, em profundidade de detalhes, o que significou, o que significa, o que significará, a construção da Capital para o nosso País.

A obra por si só é uma epopéia. JK, claro, ocupa o espaço merecido. Mas não só ele, como os outros... os outros, estão todos lá: aventureiros audazes de uma mesma história. O livro, ao contrário do que diz o próprio autor, tem que ser lido já mesmo porque daqui a cem anos continuará atual. Não há, portanto, em qualquer hipótese prejuízo de tempo.

Tamanini, procurador do Distrito Federal, é membro de várias instituições culturais e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Dedicou 12 anos de sua vida pesquisando detalhes sobre Brasília. Nesta edição especial do "DF-Letras" não poderia faltar o depoimento de quem testemunhou a construção da própria esperança (NELSON PANTOJA).

Moro em Brasília desde a fundação da cidade. Meu primeiro pouso foi um acampamento na Vila Planalto, ali por trás do Palácio, num descampado revestido de matinho ralo, que descia gradualmente até o lago, cujo nível se havia estabilizado em cota inferior à prevista, por estar a barragem ainda em obras.

Cinco fios de arame farpado separavam o acampamento da Vila propriamente dita. A casa, pré-fabricada tinha paredes de painéis retangulares, feitos de capim seco prensado numa "calda" de cimento e areia fina, experiência pioneira de tecnologia cabocla que não prosperou. Eram, leves os painéis, pareciam frágeis, mas permitiam acabamento bom, com visual agradável após uma demão de tinta colorida, contrastando com a junta escura, de madeira, que unia um painel ao outro.

Ao acampamento chegou, certa tarde, o jornalista Moacyr Valadares, que vinha do Rio como representante do seu jornal. As malas se haviam extraviado e Moacyr, após dois ou três dias de procura inútil, sentindo-se perdido, desamparado, na vastidão agreste do planalto sem fronteiras, telegrafou à mulher, Julinha em Copacabana: "Cheguei bem. Estou desesperado e sujo". Moacyr trabalharia, como jornalista, no Congresso Nacional, por trinta anos. Ele e Julinha descansam agora, tranquilos, no Campo da Esperança, perdida para sempre a bagagem extraviada, — nem isto importa, mais.

Variola e redemoinhos

Um dia ficamos sabendo que grassava na Vila surto de variola. Foi grande a preocu-



Tamanini viu a cidade crescer do nada

pação. Dos que viviam "do lado de fora", muitos iam buscar água, com suas vasilhas, numa torneira do Acampamento. Essa torneira, rente à cerca, servia para molhar, todo dia, o chão mal encascalhado do terreno cercado, numa tentativa, sem sucesso, de combater a fina poeira avermelhada, que qualquer brisa ligeira erguia e era aquele inferno. Se não fosse uma brisa, mas vento de verão, então o melhor era examinar rapidamente a situação e fugir para o lado certo, contemplando de longe os redemoinhos que se levantavam, girando-girando em ve-

locidade crescente, aumentando a cada instante o tamanho da roda. O remoinho arrancava dos varais as peças de roupa e as agitava céu acima; sugava o pó solto dos amplos espaços que os tratores haviam criado, o lixo das sargetas, as latas vazias, os jornais velhos jogados no chão e misturava tudo num turbilhão; infiltrava-se por todas as frestas e frinças, nada valendo cerrar as portas e as janelas; e transformava em seres surrealistas, de cabeleiras grotescas, os incautos surpreendidos no meio do caminho.

O surto de variola assustou

Autonomia incompleta

Brasília chega ao seu 35º ano de vida com plena maturidade política. sua população caminha certo para a manutenção do processo democrático e participativo, consciente do que significa a palavra "cidadania". Este é um direito adquirido. Não há razão legal ou moral para mudar esta situação.

Os próximos passos, neste momento, devem ser para a garantia de completa autonomia financeira e administrativa do Distrito Federal. Depois de 35 anos de vida e com quase 2 milhões de habitantes é incompreensível que o DF seja ainda dependente da União ou que ainda não tenha o Poder Judiciário.

No caso da autonomia ad-

ministrativa, temos que cessar com o cansativo discurso de que a União deve manter o Distrito Federal. Brasília hospeda o Governo Federal, sendo responsável pela segurança, saúde e educação de todos os membros da estrutura administrativa do Estado. É um fato que justifica uma compensação financeira. Mas está na hora de se mudar o discurso, pois ele não supõe mudanças.

Temos a obrigação de alterar esta "imagem" da dependência permanente, seja criando novos empregos e estimulando os pequenos e microempreendimentos, seja promovendo uma séria e responsável reforma administrativa no GDF, como a necessária privati-

zação de feiras e dos estádios de futebol e um sistema de co-gestão na TCB.

Já a questão da ausência do Poder Judiciário no Distrito Federal é mais grave. A Constituição preconiza a isonomia entre os poderes. O DF não só não tem o seu Judiciário como também está em situação de inferioridade com o Poder Judiciário Federal, instalado em nossa cidade. Recentemente, com a concessão de uma liminar para bloquear a investigação de uma CPI na Câmara Legislativa, podemos perceber a intromissão do Judiciário Federal nos trabalhos legislativos. Justo o Judiciário responsável pela fiscalização dos cartórios que fraudaram documentos investigados pela mesma



José Edmar Cordeiro

PSDB

CPI. Sem vinculação com o povo do DF, o Judiciário está atualmente longe da realidade de nossa cidade e sem qualquer fiscalização.

Sem estas alterações não teremos um Distrito Federal independente plenamente. Estaremos sempre sujeitos a pressões e a fatores que não estão ao nosso alcance. Sempre dependendo da boa vontade do Governo Federal ou do Judiciário Federal. Não é isso que queremos. Não é isso que o povo quer, com certeza.

Este DF Letras abre mais uma vez um espaço para o debate, para saldar o 35º aniversário de nossa cidade, vislumbrando um Distrito Federal mais próximo ao sonhado por Dom Bosco e idealizado por Juscelino Kubitschek.

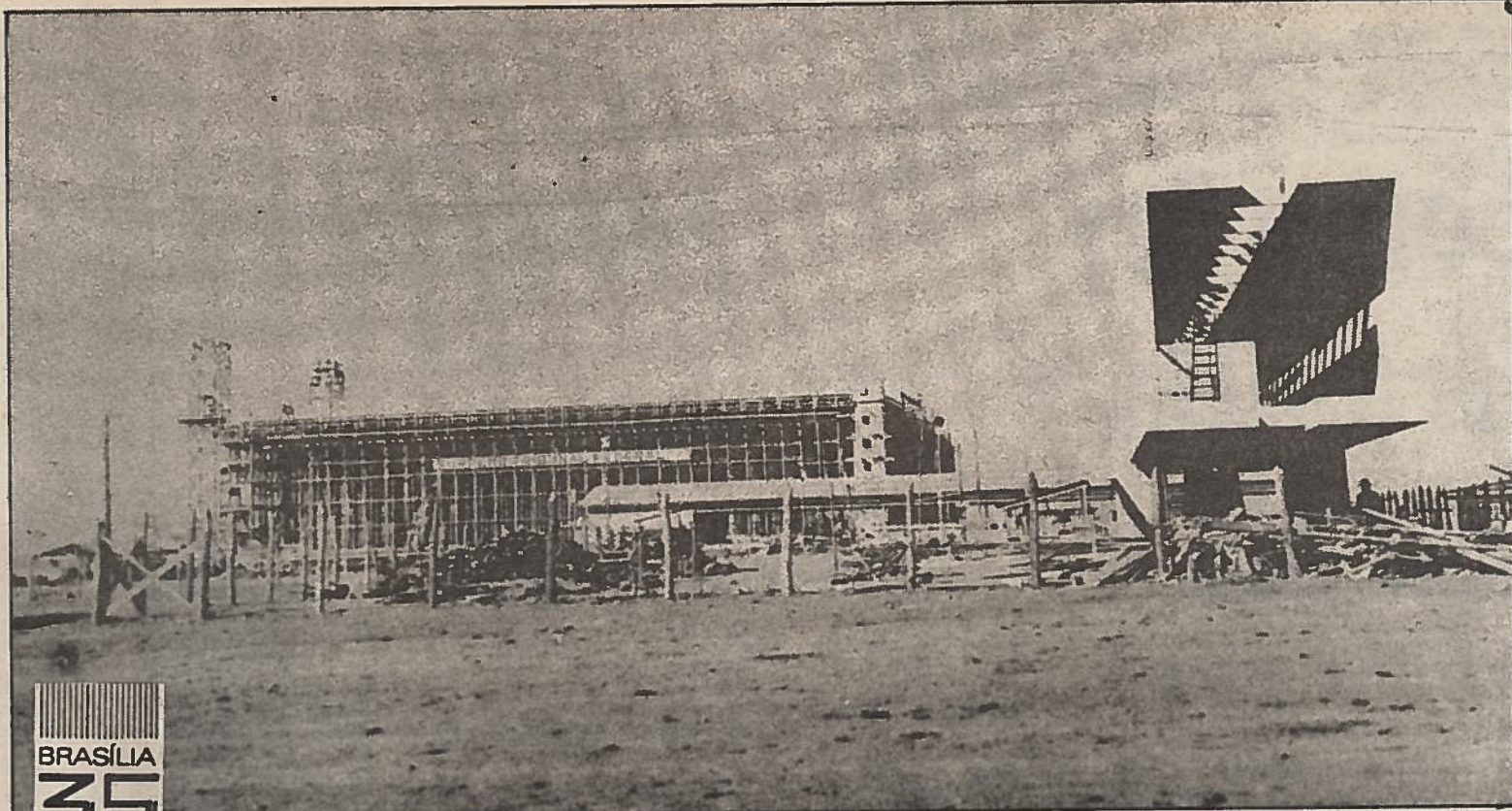
por algum tempo. A solução foi manter fechado o portão da cerca e cortar o mais baixo dos arames, no local apropriado, permitindo desta forma que as vasilhas alcançassem a torneira, empurradas sob os outros fios, sem que ninguém precisasse entrar pelo portão.

O 'Mercado Diamantina'

Fazer compras era "programa", cheio de emoções e surpresas, numa viagem de cinquenta quilômetros, ida e volta, à Cidade Livre, onde quase tudo tinha que ser adquirido. O velho Mercado Diamantina, labirinto "persa" que se fora ampliando sem planejamento nem cuidado, concentrava o burburinho ruidoso, alegre, festivo, dos vendedores e fregueses e reservava imprevistos a cada passo. Ali tinha de tudo, desde o lombinho de porco, a carne-de-sol, a linguiça feita na véspera, até o chapéu de palha, a foice, a pá, as calças de brim, a cachaça; desde o coentro cheiroso, a salsa, a cebolinha, até o borzeguim de couro cru, o facão, o fumo de rolo, o perfume barato, o sabonete gessy. Havia de tudo ali, numa mistura absurda de cheiros e de cores, que produzia em todo mundo um sentimento bom de alegria de viver, de participação e de fraternidade. Saudade.

Aniversário de J.K.

Naquele primeiro ano (1960), no dia do aniversário de JK, 12 de setembro, assisti, no mezanino da Rodoviária, em sua extremidade ocidental, à inauguração do memorial da obra, representado por chapas metálicas polidas, de fina espessura, com os nomes gravados de todos quantos haviam trabalhado



Supremo Tribunal e Museu da Cidade em final de obra

em sua construção. Juscelino, presente, encaminhou-se, após a solenidade, para o seu carro, e formou-se extenso cortejo de automóveis, liderado pelo presidente, para dar a volta ao lago, trajeto cuja pista de asfalto acabara de ser concluída. No meu pequeno Austin de segunda mão, incorporei-me ao cortejo e tomamos a direção do "balão" do aeroporto, até alcançar aquela rotatória que o povo batizara, carinhosamente, de "bambolé de dona Sarah", e aí fletimos rumo à barragem do Paranoá. Asfalto novo, céu sem nuvens, tarde fresca, região deserta e intocada, o perfil, à esquerda da cidade incipiente já majestosa, brilhando ao sol suas extensas paredes de cristal, tudo contribuía

para que nos julgássemos, os que seguíamos JK, diferentes dos outros que habitavam o país e não conheciam o sortilégio dos novos tempos.

Na-ista sobre a barragem se fez uma parada ligeira, e logo se retomou a marcha, já agora na parte norte do lago. Pouco adiante a surpresa: a pista de asfalto, na verdade, não fora concluída. Para que JK pudesse, no seu aniversário, dar a volta completa ao lago, e na impossibilidade de concluir todo o serviço, a Novacap, a certa altura do trajeto, reduzira a largura do asfalto à largura de um carro, e só os bons motoristas conseguiam permanecer na trilha sem que as rodas perdessem o rumo e saíssem para o chão de terra, por sorte já compac-

tado para receber o asfalto que viria.

Na ponte do Braghetto, novo problema. Por mais que corresse com o seu trabalho, estimulados pelos engenheiros e pela chegada, a qualquer momento, de JK, os operários não haviam conseguido colocar a ponte em condições de uso. O cortejo imobilizou-se. Por fim, os engenheiros improvisaram, com pranchões de madeira, uma passagem, mas só para Juscelino, que desceu do carro e foi apanhá-lo, de novo, do outro lado. Todos nós, que o seguíamos, tivemos de retornar até o "balão" do Torto, pegar aí a estrada rumo sul, e finalmente alcançar o Plano Piloto pelo Eixo Monumental.

Deixar o Rio nem pensar...

Naqueles primeiros tempos a cidade dividia com o Rio a administração do país. Habitados ao litoral e tendo lá uma estrutura de trabalho consolidada através de muitos anos, os Ministros preferiam despachar no Rio, só vindo à capital o necessário para salvar as aparências e não irritar Juscelino, que convocava, de tempos em tempos, reuniões em Brasília, a fim de que não desertassem de vez. O Itamarati ficou por lá, as Embaixadas, também.

Cada Ministro tinha aqui um Gabinete, com dois ou três funcionários, e da acabei

Reinaugurar Brasília

Há 35 anos a população do Distrito Federal espera por um salto na qualidade de vida. No âmbito nacional diante da realidade atual podemos ser pessimistas em afirmar que dificilmente conseguiremos diminuir as desigualdades sociais nos próximos anos.

Mas independente disso, nós cidadãos do Distrito Federal precisamos ser otimistas. Devemos lutar pelo desenvolvimento sócio-econômico com projetos em prol do desenvolvimento econômico e

social, combatendo com prioridade a exclusão social.

Se esperamos 26 anos para conquistar a autonomia política, consolidada com a Constituição Federal de 1988, não significa que tenhamos que esperar mais 26 anos para promover o crescimento do Distrito Federal com igualdade e oportunidade de emprego para todos.

O mínimo que a sociedade local espera é que os políticos cumpram suas promessas. Ao go-

verno Cristovam Buarque cabe a confirmação de todos os compromissos de campanha. E que seja como próprio governador deseje a reinauguração de Brasília.

Como ele mesmo disse, a ideia de que a cidade foi inaugurada há 35 anos do ponto de vista arquitetônico, mas não foi projetada até hoje do ponto de vista social. De acordo com ele, a prioridade é toda a criança na escola, sistema de saúde funcionando,



Cláudio Monteiro

PPS

programa de geração de emprego e ordem na terra.

A nós parlamentares cabe também cumprir nossas promessas de campanha, trabalhar com eficiência e ética, e, é claro, legislar para o povo. O ano mal começou, mas, felizmente já posso contabilizar importantes vitórias em favor de toda a sociedade.

Com a troca de governo surgiu a chance de juntos reinaugurarmos uma nova Brasília.

fazendo amizade com quase todos, entrando e saindo de suas salas a qualquer hora, em qualquer dia, sem dificuldade nenhuma. Os porteiros, os contínuos, mal levantavam os olhos quando passávamos. E os funcionários graduados, penso que até gostavam quando aparecia alguém para um bom papo.

Naquela ocasião veio a Brasília o Sr. Silvano, Vice-presidente da Mesbla, meu patrão, e mostrou desejo de falar com um Ministro que os jornais diziam estar na capital. "Não haverá problema", lhe disse. "É agora mesmo". E o conduzi ao prédio na Esplanada. Subimos ao 6º andar, onde ficava o gabinete, percorremos o longo corredor, não havia porteiro, não havia contínuo, fomos andando, abri a porta da ante-sala do Ministro, não havia ninguém, entramos na sala privativa do próprio Ministro, deserta, alguns papéis arrumados sobre a mesa, silêncio, sentei na poltrona do homem, olhei para o Sr. Silvano, ele fez um gesto não tanto de desapontamento mas de reação bem-humorada, e refizemos o caminho de volta ao seu hotel.

Não foi fácil trazer do litoral a Administração. Levou anos. Tudo servia de pretexto para não vir: falta de meios, escassez de habitação, arquivos ainda lá, assessores presos a importantes compromissos diversos, problemas residuais. Levou anos.

Jânio Quadros: Brasília pára.

No início de 1961 Juscelino foi embora e veio Jânio. Perdido no meio do povo (que povo sou), testemunhei, na Praça dos Três Poderes, a transmissão da faixa presidencial no parlatório do Palácio,



Operários armando estrutura das galerias da Câmara

que recebera um toldo, pois a época era de chuva. E debaixo da chuvinha miúda, que mansamente fora chegando e aumentando, acompanhei JK ao aeroporto, na consagrada carreta que se formou ao final da cerimônia, esvaziando a Praça. A cidade se despedia do Fundador.

No curto período de Jânio as obras pararam. Nada se

fez. Nenhum tijolo, nem um metro de asfalto, nenhuma nova luminária, nada. Tudo parou. O presidente não era, nem nunca foi, amigo de Brasília. Gostava, sim, de sua Vila Maria, em São Paulo, bairro de gente simples que ele transformara demagogicamente em símbolo, usado nos pleitos eleitorais.

Foi um tempo de desânimo

e preocupação para a cidade. E quando Jânio traumáticamente se foi, as preocupações não se foram.

"Comunista", não!

João Goulart, vice-presidente, que devia assumir no lugar de Jânio, era homem de esquerda e encontrava-se, não por acaso, na China Comunista, do outro lado do mundo. Não podia assumir — decidiram os ministros militares. O Exército se dividiu, a ameaça de um confronto sangrento pairou sobre o país por alguns dias. E a solução de adotar-se o parlamentarismo, afim de reduzir os poderes do presidente e aceitar a pose de Jango, na verdade foi um adiantamento do problema, conforme se haveria de constatar.

Fala-se que Jango, um homem reconhecidamente simples, tranquilo, ligado à terra e aos ancantos da vida familiar, infenso às pompas e à ostentação, não estaria preparado, não estaria à altura de presidir um país gigante, complexo, como o nosso. Não quero julgar, mas não posso fugir à responsabilidade de dar o meu testemunho de como foram aqueles anos na nova capital.

Como já disse, era fácil, então, o acesso aos gabinetes, até mesmo aos do Palácio do Planalto. Estava eu, uma tarde, na ante-sala da Casa Civil, não me recordo por que, quando irromperam, portas adentro, três ou quatro senhores. Eram homens rudes, logo se percebeu, não só pela maneira de vestir, mas principalmente porque falavam alto, gesticulavam muito, e não queriam mesmo esconder sua condição de portuários, de estivadores do cais do Rio de Janeiro. Logo me lembrei que os jornais dos últimos dias vinham noticiando as reivindicações dos trabalhadores dos portos e as suas

ameaças. Aqueles senhores, liderados por um líder sindical em evidência na ocasião, buscavam de Jango o apoio explícito que esperavam. Mas enquanto aguardavam ser recebidos, e o foram antes de todo mundo, aproveitaram a platéia cativa para uma demonstração de força, num minicômico que improvisaram, encerrado com gesto teatral: ou obtinham o que queriam, ou paralisavam o país. E todos eles, como se previamente ensaiados, cruzaram os braços ruidosamente, batendo com as palmas das mãos no braço oposto.

Sai do Gabinete Civil preocupado, não gostara do que vira. Parecera-me um desrespeito à autoridade, ao próprio presidente, aquela atitude de ameaça e de arrogância em pleno Palácio. Não gostara, também, de assitir o Chefe da Casa Civil, ele mesmo, vir abrir a porta do seu gabinete, sorridente, e convocar os turbulentos para entrar. Sai do Palácio preocupado.

Essa preocupação só fez crescer nos meses que se seguiram. Sentia-se que Jango, aos poucos, perdia as rédeas, era envolvido, não sabia resistir às pressões, não conseguia resolver os problemas do país — e então viajava a Uruaçu, no interior de Goiás, para um churrasco amigo com os peões de sua fazenda, e lá ficava alguns dias em paz, enquanto a tempestade rugia cá fora.

Desemprego. Desespero. Ódio.

A essa altura já ingressáramos, através de concurso público, na Novacap. A Administração da Companhia funcionava num prédio da W-3, na quadra 508. Designado para o Departamento de

Luta pela autonomia econômica

Os brasilienses foram às urnas pela primeira vez em 1986, ano de autonomia política parcial. A autonomia política ampla veio em 1988, com a promulgação da Constituição, no mês de outubro. Mas a autonomia plena só foi consagrada em 1990, com a primeira eleição de deputados distritais e de governador.

A Câmara Legislativa do Distrito Federal, em sua primeira legislatura, honrou seus compromissos constitucionais, com destaque para a promulgação da nossa Lei Orgânica, que estabelece as bases de um relacionamento

dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, bem como as parcerias com os diversos segmentos da sociedade.

A nossa meta principal, hoje, quando Brasília completa 35 anos, é a autonomia econômica, com pleno emprego e renda. Nasci em Sobradinho, onde resido. Estou com 27 anos e sou o primeiro brasiliense eleito deputado distrital. Sei bem que é viver e crescer nesta cidade.

Saimos na frente em prol da democracia e do impeachment de Collor. Como soldado da Polícia

Militar e representante dos Praças, liderei a campanha de desmilitarização da Polícia Militar. Na Câmara, apresentei projeto de lei criando um novo Regulamento Disciplinar para a PMDF.

Acumulei experiência na luta. A maior tarefa, porém, está apenas começando. Governar o Distrito Federal, uma vitrine do Brasil, onde existem pessoas de todos os cantos do País e de várias partes do mundo, é um enorme desafio.

Outro desafio é o combate à violência. Na condição de presidente da Comissão de Defesa dos



Marco Lima

PT

Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Legislativa propus e ajudei a criar o Fórum de Combate às Armas e à Violência. 996 pessoas foram assassinadas em apenas 26 meses - de janeiro de 1993 a fevereiro de 1995 - e outras 918 perderam suas vidas no trânsito no Distrito Federal. Os números são assustadores.

Nossas ações, no entanto, estão voltadas para o desarmamento da sociedade. É melhor gastar os nossos recursos em escolas e hospitais do que em celas e presídios. Afinal, nós merecemos uma vida melhor.

Telefones Urbanos e Interurbanos (DTUI), trabalhávamos na SQS-408, bem distante, mas volta e meia precisávamos ir à sede da Companhia. O número de desempregados, na capital, aumentara muito, alcançava já alguns milhares. E como à época a Novacap fosse a única esperança de emprego, esse milhares se concentravam em suas imediações, sentados no meio-fio de um lado e outro da avenida, encostados na parede da empresa, congestionando o hall de entrada do edifício.

Com o correr do tempo, como a Novacap não conseguisse resolver o problema, a agitação dos desempregados foi aumentando, tornaram-se agressivos, ousados, até ameaçadores. Eram agora verdadeira multidão e aquele trecho na W-3 transformou-se em "terra de ninguém", representava um risco passar por ali, principalmente dirigindo carro de luxo, ostentando bem-estar, prosperidade. Isto eu senti na carne ao percorrer o trecho, incautamente, ao volante de um Oldsmobile-98, carrão bonito, importado, imenso, o maior de quantos havia na cidade, veículo de embaixador ou de empresário magnata, pensariam todos, mal sabendo que ao volante ia um modesto funcionário público, sem condições de adquirir um fusquinha ou um dauphine, e que comprara o carrão porque, batido e reformado, custara, na revenda de carros usados, menos da metade do mais barato automóvel nacional, e estava sendo pago em prestações. Jamais esquecerei aqueles poucos momentos, a multidão cercando o carro, cedendo passagem a custo, e o modo como me olhavam. Jamais esquecerei.

Desde esse dia procurei evitar a W-3, deixei de lavar o carro, que ficou, após algum tempo, coberto de poeira, um traste, e aquilo me tranquilizou um pouco.



Palácio da Alvorada em construção

A revolta dos sargentos

Brasília e o país viviam momentos terríveis. Certa manhã acordamos com a notícia de que estaria ocorrendo na cidade um levante militar. Os revoltosos já haviam ocupado, segundo se dizia, a sede da Telefônica, as estações de rádio, o prédio onde funcionava a Prefeitura, o aeroporto militar e o aeroporto civil, a Chefatura de Polícia e os Ministérios da Marinha e da Aeronáutica. Soube-se, mais tarde, que o levante era liderado por sargentos, exatamente da Marinha e da Aeronáutica, inconformados com a Justiça Eleitoral, que permitira o registro da candidatura

de sargentos a cargos eletivos e posteriormente cassara o mandato dos que haviam sido eleitos. O Exército não se levantara, seus sargentos e toda a guarnição de Brasília permaneciam leais. Logo essas tropas cercaram os revoltosos e ao final da tarde tudo terminara, com a rendição de quase mil sediciosos, transportados para o Rio e alojados, presos, em navios cedidos pela Marinha para esse fim.

1964

Nos meses que se seguiram a situação agravou-se rapidamente. Não havia mais respeito à autoridade e à hierarquia. Após o motim dos

marinheiros, reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos, no Rio, sob o comando do Cabo Anselmo, sentia-se que um terremoto se avizinhava. Não houve, pois, surpresa quando Minas se levantou contra Jango e as forças do Exército lá sediadas avançaram na direção do Rio. Na tarde desse dia e na manhã seguinte testemunhei "milícias" se organizando em alguns pontos da cidade, com o propósito de ajudar Jango a resistir. Na W-2 Sul, atrás da Casa do Barata, homens se reuniam,

marchavam, praticavam "ordem-unida", obedeciam a vozes de comando. Durou pouco o "treinamento". Os milicianos desapareceram das ruas assim que se divulgou a fuga de Jango para o Uruguai.

IHGDF, um bom começo.

Naquele ano de 1964, fundou-se em Brasília o Instituto Histórico e Geográfico, iniciativa de Saulo Diniz, ministro do Tribunal de Contas do DF, que mandara buscar em São Paulo o estatuto paulista e orientara sua datilógrafa a copiá-lo fielmente, apenas substituindo, no texto, São Paulo por Distrito Federal. Nasceu, assim, nossa entidade, e as circunstâncias explicam por que seu primeiro estatuto faz referência a dispositivos do estatuto anterior...

Fui um dos fundadores, participando da primeira diretoria como orador oficial e depois, nas subsequentes, como secretário, vice-presidente e presidente. Ernesto Silva, que sucedera a Saulo Diniz, obteve da Novacap a doação de um terreno excelente no centro da cidade, para nele se edificar a sede do Instituto.

Nossa primeira iniciativa cultural importante, logo em 1967, foi ousada: realizar um Congresso Brasileiro de História e Geografia, reunindo na nova capital o que houvesse, à época, de mais representativo, no país, nessa área do conhecimento humano. E não só no país, mas também em Portugal.

Em nome do Instituto, percorri o país de norte a sul, de Manaus a Porto Alegre, promovendo o Congresso e visitando, em cada estado, seu Instituto Histórico, as universidades e o governador. Recebido sempre com muita fidelidade, os convites que formulava eram acolhidos com o maior interesse. Nota destoante foi o governador do Pará, coronel Alacid Nunes, incapaz de entender, de alcançar a importância da Reunião.

O comparecimento ao Congresso foi excepcional, levan-

Brasília, o orgulho de uma Nação

Cheguei ao Distrito Federal nos idos de 1957, vim da minha querida Pires do Rio, como tantos outros brasileiros, atrido pelo sonho de JK, que iniciava corajosamente em pleno Planalto Central, a edificação da nova Capital da República.

Para quem como eu, chegou nesta região no começo de Brasília, jamais poderia imaginar que daquele cerrado sem fim, surgiria uma cidade tão vibrante e que mais tarde fosse se tornar esta maravilha arquitetônica e uma paixão de todos nós que a vimos nascer e

nela depositamos todos nossos sonhos.

Em Brasília existe o espírito realizador de JK, a arte de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, a garra de Bernardo Sayão e Israel Pinheiro, a punjança de Ernesto Silva, monumento vivo da história de Brasília, com quem tive o prazer de conviver, mais há também, o suor e o amor de todos seus operários, pioneiros, que aqui chegaram trazendo na bagagem a esperança, o sonho, a saudade da terra natal, a lembrança dos parentes que ficaram e, sobretudo, a certeza

no futuro daquela que seria a Capital de todos brasileiros e o berço dos seus filhos e netos.

Brasília carrega em suas asas o orgulho desta nação e a prova maior de que este País sofrido, achincalhado, explorado tem tudo para dar certo, basta que cada brasileiro se vista do espírito candango, e num mutirão do amor façam deste Brasil, o Brasil de todos, onde não haja excluídos e que a legião de miseráveis que perambulam por suas ruas conquistem a cidadania e o direito a uma vida melhor.



César Lacerda
PRN

Parabenizo Brasília pelos seus 35 anos de vida e seu povo pela crença que teve no destino desta cidade, patrimônio da humanidade, diamante do Planalto Central, nave mãe que sob suas asas acolhe seus filhos e o sonho de cada um.

Obrigado Brasília por sua generosidade, trago a você o abraço carinhoso do povo do Gama, Santa Maria e Recanto das Emas, satélites desta estrela maior, que em sua luz conduz nossos horizontes a um porto seguro.

do-se em conta o número de participantes e o altíssimo nível dos congressistas, em muitos casos figuras nacionais. A Marinha trouxe uma delegação numerosa, liderada pelo almirante Mário Rodrigues. O Exército confirma presença, mas desistiu à última hora, mandando, entretanto, como observador, o coronel Bermudez. Soube-se depois que a posição do Exército se alterara por suspeita de que alguns membros do Instituto fossem simpatizantes da esquerda e certos convidados mais do que isto. De qualquer forma, os trabalhos decorreram na maior tranquilidade, sem qualquer atitude ou manifestação de natureza política, e as plenárias desenvolveram-se sempre com casa cheia, no Salão Vermelho do Hotel Nacional, melhor local, então, para seminários, congressos e convenções.

Portugal veio com um grupo brilhante, que incluía geógrafa de muito mérito, a Dr^a Raquel Soeiro de Brito, autora de um livro importante, lançado pouco antes em seus pais (e que tenho em minha estante) "Goa e as Outras Praças do Norte." Um capitão-de-mar-e-guerra, de Lisboa, fez excelente conferência sobre a conquista do Atlântico, alcançando grande sucesso. Os portugueses trouxeram, também, um filme que documentava o surgimento e a formação de uma ilha vulcânica em pleno mar. De bordo de um avião foi filmada a erupção logo no seu início, e continuou-se a filmar, durante muitos dias, o jorro contínuo de fogo e lava e o crescimento paulatino da nova ilha. Conhecendo-se, como se conhecem, ilhas vulcânicas até de grandes dimensões, que acabaram por se transformar, com o correr dos séculos, em regiões habitadas, amenas e tranquilas, a filmagem do acontecimento em sua origem e no seu desdobramento foi espetáculo que impressionou. Mas tarde fiquei sabendo que o vulcão desagregara-se



Os ministérios em obras



em meio a violenta explosão e a ilha desaparecera no mar. Até quando ficará coberta assim pelas águas? O vulcão, certamente, voltará à atividade um dia, a ilha se consolidará finalmente e os novos mapas registrarão sua existência.

A feijoada

Os portugueses chegaram a Brasília com enorme vontade de conhecer nossa feijoada. Falavam nisto sempre que um ensejo surgia. Decidi oferecer-lhes a oportunidade de experimentar esse prato especial da cozinha brasileira. Contratei o Gagliardi e recebi os lusitanos em minha casa. Mas a notícia correrá, não sei como, e meu HP-3 na 706

tornou-se pequeno para tanta gente que apareceu. A delegação de São Paulo veio completa, a do Pará também, e ainda alguns congressistas do Rio de Janeiro, liderados pelo reitor Pedro Calmon.

Gagliardi entrou em pânico. Para salvar a situação teve que atrasar, naturalmente, o almoço. E orientou os garçons a que não parassem de circular, servindo, generosamente, a caipirinha salvadora, que fez o maior sucesso entre os d'além mar e, surpreendentemente, também junto à mulher do reitor Pedro Calmon, que sentada em posição favorável interceptava todas as viagens dos garçons, com um sorriso maroto e grandes elogios ao "bar-man". Foi um sufoco, mas tudo acabou

bem, com o sucesso absoluto da feijoada do Gagliardi, favorecido, é verdade, pelo meiapileque que já dominava todo mundo.

Início das obras

A construção da sede do Instituto foi precedida de concurso para escolha do projeto. Concorreram três renomados arquitetos: Alcides Rocha Miranda, professor da UnB; Hélio Gonçalves, de Belo Horizonte, que projetara o edifício do Banco Central; e Milton Ramos, um dos mais conceituados profissionais do país e que acabou vitorioso.

apresentando solução de grande beleza plástica, que previa três prédios interligados: um para a Administração, outro para exposições e o terceiro amplo auditório, destinado a solenidades de grande vulto.

Para iniciar a obra obteve-se verba junto ao governo, e essa verba foi reparada à Novacap, através de convênio, ficando a Companhia responsável pela contratação da Construtora e o acompanhamento dos trabalhos.

Quando o primeiro prédio do conjunto, o pavilhão de exposições, alcançou a fase de acabamento, de arremates, a verba inicial chegara ao fim, mas havia outra, no Orçamento da União, para conclusão da obra.

A escolha do prédio de exposições, como primeiro edifício a ser erguido, se deu precisamente por se tratar da obra de mais difícil execução, uma estrutura em concreto-armado, complicadíssima e cara, que se fosse deixada para o final, provavelmente não seria feita. Por outro lado a beleza do seu desenho, o inesperado das formas, seu impressionante visual, transformariam o prédio não só em nova referência arquitetônica da cidade, mas no próprio símbolo gráfico do Instituto, como ocorrera com o Palácio da Alvorada em relação à nova capital.

Os robespiéres candangos

Aconteceu, entretanto, que a revolução de 1964, democrática em sua origem, perdera o rumo, e como sempre ocorre na sequência de processos revolucionários, os que haviam liderado o Movimento nas horas da incerteza

Amadurecimento político aos 35 anos

Chegamos aos 35 anos de construção de Brasília com um aspecto importante a ser ressaltado: o amadurecimento político da capital do País. Foi um processo longo que passamos, até chegar a tão almejada autonomia política. E uma constatação inequívoca do amadurecimento político é o funcionamento da Câmara Legislativa.

Ainda que o Distrito Federal permaneça atrelado ao governo da União no que diz respeito à origem de boa parte dos

recursos que precisamos para "banca" nosso cotidiano - na verdade, a autonomia econômica do Distrito Federal é uma discussão fundamental, que tem sido, muitas vezes, abordada na Câmara Legislativa -, é inegável o grande passo que representou a criação da Câmara Legislativa. Grande no sentido de mostrar que o DF não poderia politicamente permanecer vinculado às decisões tomadas por uma comissão formada por senadores que nada tinham a

ver com a realidade dos moradores do Brasília e das cidades-satélites.

Em sua segunda legislatura, a Câmara Legislativa tem representantes de praticamente todas as satélites, representantes de diversas categorias profissionais e de diferentes segmentos econômicos de nossa sociedade. Temos na Câmara o perfil do DF. Na Câmara ocorrem os debates, são tomadas as decisões que diretamente dizem

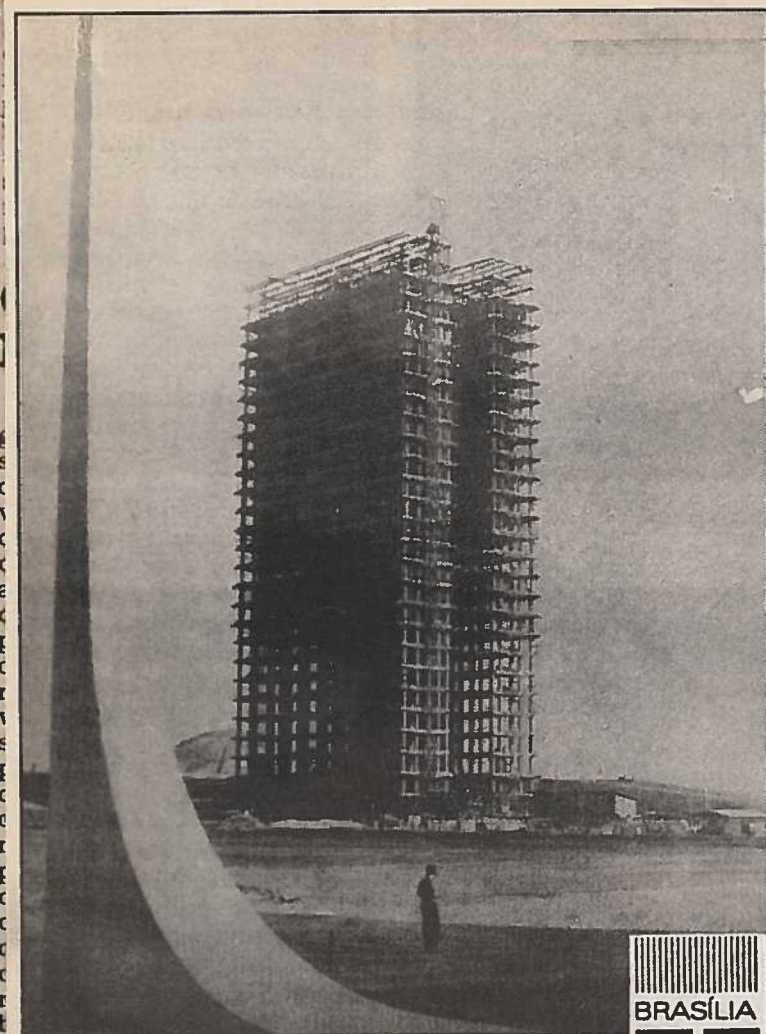


Manoel de Andrade

PP

respeito aos interesses dos moradores do Distrito Federal. Esse é, exatamente, o grande passo da diferença em relação ao quadro político anterior quando ainda dependíamos da Comissão do DF no Senado.

Dessa forma, não é exagerado dizer que um dos maiores motivos que temos para comemorar na passagem dos 35 anos de construção de Brasília é o aspecto de nossa emancipação política.



Anexo do Congresso em construção



pesa. Por mais que fossem prestadas todas as informações pedidas, não houve como superar a má vontade do Conselheiro. Decidiu o Instituto, a essa altura, reconhecer o valor da despesa recusada, mas o Conselheiro não aceitou, informando que ao Tribunal competia aprovar ou não a **prestação de contas** e não as notas de despesas isoladamente. Isto dizia mas **jamais escreveu**, a despeito de provocado várias vezes e alertado para o absurdo da informação, dado que seria inconcebível recusar-se no todo uma prestação de contas, digamos, de um milhão de cruzeiros, pela contestação de uma despesa de mil.

Nessa disputa levou-se tempo, e a verba destinada à conclusão das obras, que não podia ser liberada antes de resolvido o impasse, foi perdida, ficando o pavilhão de exposições inacabado.

Pouco tempo depois, pelas voltas que o mundo dá, o presidente do Instituto, Guido Mondin, que sucedera a Ernesto Silva no cargo, foi nomeado Ministro do Tribunal de Constal da União, e ao familiarizar-se com os preceitos da lei e com os procedimentos da Casa, indignou-se com o Tribunal do DF, cuja atitude, constatou, fora não apenas absurda e ilegal, mas muito mais do que isto.

Face a tudo que ocorrera, o Instituto em reunião de Diretoria, decidiu deixar assinado para sempre o episódio, que tanto prejudicara a vida da instituição, pondo em xeque o seu conceito e em risco seu patrimônio, mandando confeccionar uma placa de metal com os dizeres:

Inimigos de Brasília

— José Wamberto
— Luiz Zaidman

“Abertura” lenta e gradual versus “linha dura”

É curioso como em plena ditadura, com censura à imprensa e restrições de toda espécie, ficasse a cidade sabendo que o presidente Geisel e o seu Ministro do Exército, General Frota, haviam entrado em rota de colisão. O ministro, liderança forte na área militar que se convencionara chamar de “linha-dura”, decidira enfrentar o presidente e opor-se ao seu programa de abertura democrática. Do choque resultou a demissão do ministro. Frota, entretanto, parecia não querer acatar a demissão. Imaginava, quem sabe, ter aliados para isto. Estabeleceu-se curioso impasse, queda-de-braço inconcebível: o presidente e seu ministro convocaram a Brasília, cada um de sua parte, os generais comandantes de Exército e outros em comando de grandes unidades e tanto Geisel como Frota destacaram oficiais de sua confiança para receber, no aeroporto, os comandantes, à medida que desembarcassem. Nessa disputa dos dois grupos por colocar nos seus respectivos automóveis os generais que chegavam. Geisel levou a

melhor. Todos os que vieram preferiram dirigir-se ao seu Palácio; e hipotecaram, disciplinadamente, completa lealdade ao presidente, inviabilizando o putsch de Frota, que se retirou para o Rio, onde morava.

A cidade tudo acompanhou com apreensão, torcendo pela vitória de Geisel, e respirou aliviada com o final que desejava.

Nos trinta e quatro anos de vida da nova capital, pude testemunhar tantos acontecimentos! De alguns, participei. No seu chão, minhas raízes foram se aprofundando, e seria hoje quase impossível arrancá-las deste solo. Esse vínculo com a cidade que vi nascer, minha identificação com o seu destino, levaram-me a pesquisar a sua história. Penso ter alcançado, com a publicação do livro “Brasília — Memória da Construção”, dois importantes resultados: o esclarecimento de alguns pontos obscuros, de algumas dúvidas históricas, e a reunião, numa só obra, dos originais de dezenas de documentos da maior relevância, alguns só agora revelados. Dou-me por satisfeito.

correndo todos os riscos, viram-se suplantados pelos radicais que invariavelmente surgem na esteira dos acontecimentos e que empolgaram o poder: era a “linha dura” em ação, e as consequências para o Instituto não demoraram.

As “punições” revolucionárias haviam ultrapassado os limites do Legislativo e começavam a alcançar outras áreas, inclusive o Poder Judiciário. Preocupados, os que

detinham cargos na Administração Pública, mormente os mais bem pagos, buscavam, quase todos, marcar posição moralista, mostrando-se muito mais realistas que o rei. E assim, certo Conselheiro do Tribunal de Contas do DF, acolitado por subordinado servil, decidiu impugnar prestação de contas do Instituto, de verba concedida para a realização do Congresso de História e Geografia, por não aceitar pequena nota de des-

Brasília, uma riqueza em área verde

Brasília é cidade de múltiplas definições.

Muitos procuram atribuir-lhe um destino cármico de acolher corruptos; outros acreditam que ela representa a geração do consumo desenfreado; vezes, é tachada de fria, burocrática, desprovida de calor humano.

Há, ainda, quem a quer capital do 3º milênio e crê firmemente que na magia dos pa-

ralelos e meridianos, foi traçada para salvar do Apocalipse os escolhidos que estará a abrigar.

Mas Brasília, 35 anos; é uma realidade cujo cotidiano nos mostra uma cidade mais madura, dificuldades vencidas, outras tantas por vencer, mas cujo espírito coletivo, de tantos brasis reunidos, vai movendo adiante.

A Brasília que não vemos

é uma riqueza em área verde, tem espaços amplos, pessoas respeitando individualidades; esclarecimento político acima da média do país, talentos culturais, destaques esportivos, etc.

A cidade é viva e pulsa no coração de cada um de nós. Acolhemo-nos reciprocamente, mãe e filhos adotivos, pois a nossa relação com Brasília não



Antônio José (Cafú)

PT

é de naturalidade, mas de pura afetividade.

Tristes, porém, percebermos seu lado excludente, desigual. Este nós podemos e devemos mudar.

Que seja um compromisso nosso, cidadão brasileiro que anonimamente tem construído o bonito de sua história: lutar pela Brasília que queremos, sem qualquer tipo de apartação.

Brasília e o amanhã



Aldo V. de Magalhães

Brasília pensa no futuro. É atitude madura e promissora. Embora esta cidade sempre tenha estado voltada para o amanhã, desde o sonho de

Dom Bosco até o momento de sua realização, há vinte e dois anos, seus habitantes tiveram, não poucas vezes, motivos para temer. Temer alterações em sua estrutura avançada, nem sempre compreendida pelos que chegam apressados e se surpreendem com as coisas que nunca viram. Alguns querem esquinas, porque o armazém onde seus pais faziam compras em sua cidade do interior ficava numa esquina. Isto os impede de ver as muitas esquinas que não poderiam deixar de existir em Brasília e existem. Outros reclamam por mais praças sem mesmo se dar conta de que moram numa praça, na maior extensão de área verde em zonas urbanas de todo o mundo.

As coisas acontecem aqui como em geral ocorrem nos pequenos espaços de escritórios que mudam de gerente. Os afoitos vão logo fazendo alterações, com a certeza de que descobriram coisas novas, e depois de tudo pronto se dão conta de que retornaram a erros passados. A volta, a penosa volta às posições já aprovadas pela experiência e pelas novas técnicas, é sempre regresso e muitas vezes não ocorre. Esbarra no amor próprio, na pseudodignidade, e em tantas outras dificul-

dades do comportamento humano.

Este risco Brasília tem corrido ao longo das duas décadas de sua vida. E é preciso concordar em que está vencendo brilhantemente. Já venceu, na verdade, a pior fase. Agora, sua preocupação de preservar o traço avançado e a novidade em experiência passa a construir a lição do futuro, para que se saiba o que de bom deve ser feito quando novas tentativas forem feitas, na construção de cidades. É o que se chama "a memória" de determinada cultura, de uma fase comportamental de um grupo social ou de uma cidade.

A tarefa é confiada, inicialmente, a um grupo de estudo para o que foi cha-

mado de "tombamento preventivo" da cidade.

Após o levantamento que procurou indicar os locais a serem tratados com prioridade, a Secretaria de Educação deverá cuidar de normas para a preservação de monumentos que todos esperam sejam de valor histórico, a seu tempo.

Coincidindo com o anúncio da providência oficial de preservação, uma entidade particular lança concurso que olha também para o futuro ao cuidar das coisas do passado. E o apelo é muito sugestivo: "Pinte Brasília". O convite se alicerça em outra frase cheia de encanto para os que aprenderam a compreender esta cidade amando-a: "Demonstre seu amor a Brasília".



Glênio L. Lima chegou a Brasília com os pioneiros

Que não ocorra aos exagerados apanhar um spray e continuar a borração de paredes tentada há algum tempo por um grupo de idiotas. Não se trata de pichação de espaços, e muito menos de recomendável processo de conservação de imóveis com sucessivas camadas de tinta. Esse "pinte Brasília" é o convite aos artistas para que retratem aspectos vivos de sua cidade. Do concurso resultará uma exposição tendo Brasília como tema central. A promoção é da Escola de Artes de Brasília e tem o patrocínio do Rotary Club Brasília Norte. É assim que se fortifica a chamada "alma da cidade", tão reclamada pelos que passam apressados pela capital de seu país na busca de solução para problemas administrativos e quando emperram na burocracia não têm escrúpulos em atribuir o seu infortúnio à falta de esquinas, ou, numa suprema injúria, à falta de alma e calor humano nesta cidade nova. Como se uma cidade que reuniu em vinte anos a maior população urbana já reunida em todos os tempos em tão pouco tempo, pudesse ter feito isto sem alma, sem o desejo definido de construir algo novo. De conquistar um espaço e um futuro. É este feito que as instituições estão procurando preservar e que a Escola de Artes quer ver no registro de óleos, gravuras e desenhos.

Abril, 1982.

Aldo V. de Magalhães é jornalista, professor e escritor

(Conto publicado na Antologia Cronistas de Brasília editado pela Associação Nacional de Escritores, 1995)

O povo construiu sua identidade

Trinta e cinco anos depois, eis a cidade e seu povo. Uma Brasília que extrapolou a concepção original de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, com raízes fincadas no sonho do arquiteto e no ideal do urbanista. Hoje a cidade tem história e é habitada por um povo que construiu sua identidade; mesclando projetos comuns, tradições e costumes de vários estados brasileiros.

A capital, que num primeiro momento teve na monumentalidade de sua concepção as marcas mais visíveis de sua presença, passou a ter com os anos, na população que para aqui ocorreu o fundamento

mais expressivo de sua consolidação. Mesmo voltado a se adaptar a um novo modelo de convivência social, estabelecido pelas superquadras e, mais tarde, pelas cidades satélites, o cidadão brasiliense logo se ressentiu da exclusão política a que foi submetido pelo regime de excessão.

Essa insatisfação - que ganhou consistência com o passar dos anos - gerou um vigoroso movimento pró-emancipação política do DF, que culminou com a inserção, na Constituição de 1988, de um artigo assegurando autonomia política plena do DF a partir de 1990, com a eleição dos primeiros

deputados distritais para a Câmara legislativa do DF.

A instalação do Legislativo local constituiu um nítido divisor de águas na história de Brasília pela possibilidade que franqueou à sociedade de discutir propostas apresentadas pelo poder público e fazer opções mais condizentes com suas aspirações. A partir de então as decisões de interesse da comunidade brasiliense não mais estariam sujeitas à decisão de um grupo de senadores representando interesse diversos dos nossos.

E falar da história de Brasília significa falar dos quatro anos



Geraldo Magela

PT

de funcionamento da Câmara Legislativa, durante os quais foi aprovada nossa Lei Orgânica, responsável pela delimitação dos direitos e deveres de nossa comunidade, além de cerca de 700 leis, que resultaram em maiores garantias ao cidadão brasiliense.

Falar sobre Brasília é tocar na história de todo o país. Pelo curto tempo de sua existência, essa cidade e seus candangos provaram estar quites com as lutas de reconstrução da democracia no país. Das Diretas já ao Impeachment do presidente Collor, Brasília e os brasilienses vem dando exemplos de um belo itinerário de organização social e política.

Câmara cria a

Lei Orgânica Sacramento Autonomia



Com a almejada autonomia política consagrada pela Constituição de 1988, o Distrito Federal finalmente deixaria de ser "uma unidade cassada da Federação", como sempre enfatizava Tancredo Neves, para adquirir a sua cidadania. Empossada em 1991, a Câmara Legislativa do Distrito Federal aos poucos foi vencendo as críticas e desafios surgidos após sua criação e,

para surpresa dos mais céticos, mudou a concepção que até então o brasiliense tinha de sua própria condição de cidadão e implantou, em definitivo, a "cultura das leis" numa demonstração tácita de que desenvolve um trabalho em defesa da comunidade.

Já em sua 2ª legislatura, após entregar a Lei Orgânica do DF no dia 08 de junho de 1993 — o que por si só significou uma grande mudança na cabeça do povo no que diz respeito à sua cidadania —, a Câmara Legislativa continua na sua missão de criar "leis em defesa do povo". Hoje é lei, por exemplo, a utilização do cinto de segurança. Como também é lei o estabelecimento de comércio em esquina dos conjuntos habitacionais e o comércio em residências que ficam de frente para as avenidas nas cidades-satélites. O que era, neste último caso, apenas uma iniciativa informal da comunidade, passou a ser um instrumento oficial que, utilizado pelo povo, gerou empregos e novas oportunidades de negócios.

Todos os setores da comunidade sentiram, de perto, o efeito das leis aprovadas pela Câmara Legislativa. O cultural, por exemplo, passou a contar com a lei que criou o Fundo de Desenvolvimento e incentivo às atividades artísticas e a família, célula - mater da sociedade, numa iniciativa pioneira em todo o País, foi contemplada com o Planejamento Familiar.

As leis citadas são apenas alguns exemplos de como a Câmara Legislativa, de lei em lei, desempenhou um papel fundamental na mudança de concepção que se operou no brasiliense no que diz respeito à sua cidadania. A "cultura das Leis" hoje é uma referência na mentalidade cívica do brasiliense. De lei em lei, com o cidadão comum sentindo de perto os seus efeitos, a defesa da cidadania aprimorou-se e, hoje, a Câmara Legislativa é a caixa de ressonância de toda a sociedade brasiliense.

É esta mudança de concepção, da luta franca e aberta pela cidadania; é esta "cultura das leis", o efeito, enfim, que os atos da Câmara Legislativa provocam junto à comunidade, que o DF-Leis pretende refletir. Criado como um espaço especial para repercutir as mudanças surgidas após a criação da Câmara Legislativa, o DF Leis, na data em que se comemora 35 anos da fundação de Brasília, pretende ser um espelho dos anseios da sociedade. Afinal, lei também é cultura.

No dia 8 de junho do ano passado, reunida no Memorial JK, a Câmara Legislativa entregava ao povo de Brasília a sua Lei Orgânica, constituição que passaria a regular as relações jurídicas entre a sociedade e o poder constituído. Um ano, dez meses e seis dias foram consumidos na elaboração da L.O., que encerrava um período em que a capital viveu sob um regime jurídico singular, e abria-se outro, plenamente democrático, em que a sociedade passava a conduzir seu destino de acordo com seu próprio arbítrio.

Durante os quase dois anos de elaboração da Lei Orgânica foi feito um grande esforço para garantir prioridade a setores que, mesmo incluídos na Confstitui-

ção Federal, pudessem ter sua cobertura legal ampliada e reforçada. Foi assim com a área social, presente em quase metade da Lei Orgânica e responsável pelas diretrizes para a saúde, educação, cultura e desporto, comunicação social, defesa do consumidor, transportes, assistência à criança, ao adolescente, à mulher e aos deficientes físicos.

A Lei Orgânica representa a afirmação da autonomia política do Distrito Federal, mas também sinaliza na direção da autonomia financeira, introduzindo incentivos à co-participação do Poder Público, da classe empresarial e da família na formulação de políticas públicas de interesse da coletividade. Nos 25 artigos do capítulo da educação, por exemplo,

define-se a obrigação de garantir serviços médicos, odontológicos para os alunos fundamental.

Contabilizam-se avanços, atenção às pessoas portadoras de deficiência, o incentivo à profissionalização da cultura Federal, a criação da Fundação Regional de erradicação do analfabeto DF em dez anos, inova em outro aspecto o conteúdo da Constituição, deixou muitos pontos para serem regulamentados. A Lei Orgânica é auto-aplicada em 80% dos seus dispositivos, possibilitando sua realização das maiores esperas.

Povo frequenta e acredita

Talvez por sua localização distante do centro político de Brasília — no Parque Rural, no fim da Asa Norte — e por ser uma instituição recente — pouco mais de quatro anos — a Câmara Legislativa do Distrito Federal não tem ainda o destaque natural que cabe a qualquer instância do Poder Legislativo. Isso não significa que seus atos passem despercebidos ou que seus discursos, por vezes exaltados, não tenham repercussão.

Ao contrário, em quatro anos de existência, a Câmara já tem fiéis frequentadores. É o caso de Antonio Cândido, mais conhecido como Maranhão, líder comunitário em Guariroba. Pelo menos uma vez por mês ele comparece às galerias para assistir à sessão legislativa, inteirar-se dos assuntos encaminhados e verificar se existe algum do interesse da comunidade que representa.

No último dia 17, segunda-feira, chegou cedo à Câmara para apanhar com o deputado Renato Rainha (PL) fichas de um abaixo-assinado contra a descriminalização das drogas no país. Ele considera que a população tem de se desdobrar para fazer valer sua vontade e que a proposta do deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ) representa um contra-senso e não um avanço.



Sandra Costa



Nicolino Caselato

Acompanhado de um vizinho — Gildásio Jacinto —, Maranhão não gosta de perder tempo. — "Toda e qualquer causa que valha a pena, lá estamos nós" avisa. Gildásio comenta a impressão sobre a sessão: — "Um pouco de verdade, um pouco de mentira, e assim acabamos chegando à nossa própria conclusão". Considera desgastante o embate entre o governo que findou e o novo e conclui: "O PT precisa dar seu recado logo. Pode fazer isso retomando as obras do metrô", avalia.

Mais respeito — Também presença frequente nas galerias, Nicolino Caselato, presidente da Cooperativa de Transporte Autônomo de Passageiros de Ônibus do DF, acredita que muitos projetos importantes deixam de ser votados em benefício da população em decorrência da obstrução. — "Afinal, se foram eleitos, não importa o partido, têm de mostrar seu compromisso com o povo", observa.

Caselato experimentou, com a aprovação da Lei 407/92, proposta pelo deputado Manoel de Andrade (PP), uma grande vitória na Câmara. A lei permitiu o ingresso no transporte coletivo dos autônomos, mas ainda não foi regulamentada. — "O povo de Brasília merece respeito", na opinião de Case-

Leis

'Cultura das leis'

acçado
ostên-
olsico-
msino

, utros
o l às
sciên-
p regi-
mstrito
o versi-
e a
ho no
disso,
p con-
ã, que
na se-
ol Or-
ãterca
ss, vi-
i sem



Algumas idéias que viraram leis

Na primeira legislatura, a Câmara aprovou mais de 600 leis. Agora, em seu segundo período legislativo, demonstrando mais uma vez sua vocação em defender os interesses do DF, a CLDF aprofunda discussões sobre os mais diversos temas sempre em busca da consolidação da cidadania brasiliense.

Algumas das leis aprovadas na primeira legislatura (**todas serão indistintamente publicadas nas próximas edições do DF/Leis**) atingiram em cheio o comportamento cultural do povo de Brasília. O uso obrigatório do cinto de segurança em veículos automotores no DF, do ex-deputado Cicero Miranda, é um exemplo. Hoje, segundo o Detran, mais de 90% da população respeita a lei.

Por motivo de segurança, o Guará e o Cruzeiro têm seus prédios residenciais protegidos por grades. De autoria do deputado Cláudio Monteiro (PPS), a lei foi adotada pela esmagadora maioria dos moradores.

Os não-fumantes respiraram aliviados com a lei que reserva 50% das mesas em restaurantes, bares e lanchonetes aos antitabagistas. O autor é o deputado Peniel Pacheco (PTB). Para garantir o transplante de órgão, Agnelo Queiroz (PC do B), hoje deputado federal, criou a Central de Captação de Órgão; Wasny de Roure (PT) o aleitamento materno e Maria de Lourdes Abadia tornou obrigatória a oferta de leito nos hospitais públicos para o atendimento à saúde da mulher. A discriminação social (assédio sexual) contra a mulher agora é punida por lei, iniciativa de Lúcia Carvalho (PT).

O GDF, agora, é obrigado a criar abrigos para mulheres vítimas de violência, proposta de



Grades protegem crianças



O povo usa o cinto

Rose Mary Miranda (PP). Benício Tavares é autor da lei que assegura 20% (e não até 20%) das vagas em concursos públicos a pessoas portadoras de deficiência física.

O estabelecimento de comércio nas esquinas dos conjuntos

habitacionais das cidades-satélites e nas residências voltadas para as avenidas, gerou novos empregos e negócios. Iniciativa do deputado José Edmar (PSDB). O ex-deputado Padre Jonas regulamentou a utilização das kombi-lotação e Fernando Naves (PP) criou a escola pública de trânsito. Maurílio Silva (PP) legalizou o funcionamento de templos religiosos em residências.

Geraldo Magela (PT) criou incentivos à arte e à produção cultural; enquanto Edimar Pirineus (PP) aprovou a lei que concede passe livre a estudantes das áreas rurais. Coube a José Ornellas propor o ordenamento e a ocupação do solo no DF.

Tadeu Roriz (PP) legalizou benefícios fiscais para o desenvolvimento do esporte e Manoel de Andrade (PP) propôs e aprovou normas para a regularização do serviço de táxi. Euripedes Camargo (PT) teve a iniciativa de legalizar os lotes irregulares de Samambaia.



Aviso diz tudo

a Câmara



Basílio Jacinto

lato, "e isso não lhe tem sido dado", acrescenta ao considerar que o transporte público de Brasília não corresponde às necessidades da população.

Sandra Maria Costa, moradora da chácara 25, em Taguatinga, não frequenta a Câmara com assiduidade. Conhece a Lei Orgânica, sabe o que ela representa e gosta de exercer seu papel de cidadã. Na Câmara, veio manifestar-se em relação ao projeto do deputado José Edmar Cordeiro (PSDB), que cria o Parque Ecológico JK. Ela defende o direito de sua família de permanecer onde está e é contra a implantação do Parque sem levar em consideração a realidade.

A presença nas galerias conserva estreita sintonia com a ordem do dia das sessões. É só constar assunto polêmico, as galerias — reformadas no final do ano passado para ampliar sua capacidade, hoje por volta de 200 pessoas sentadas — ficam lotadas. Por essa via, os brasilienses começaram a exercer sua cidadania com muita disposição.

Parte das mais de 650 leis aprovadas na primeira legislatura teve acompanhamento do público. Contra ou a favor, a torcida algumas vezes se excede, mas acaba entendendo que numa democracia prevalece o desejo ou o voto da maioria.



Antônio Cândido



Novos comércios, novos negócios nas satélites

Babilônia em Brasília

□ Astrid Cabral

Tenho vontade de sacudir a monotonia da paisagem como quem sacode os cabelos ou a poeira da roupa. E no entanto não fosse o céu de Brasília, o que faria eu? Circulo entre ruas uniformizadas, visito gente que mora em apartamentos padronizados, e por onde passeiam meus olhos é sempre o mesmo panorama de cubos de cimento e pirâmides ao sol. Há a beleza das arestas que ferem o azul como lâminas de facas, mas sou fro saudade de outras paisagens, as roxas lombadas dos morros, o casario irregular, a sombria silhueta das florestas recortando o chão. E revejo-me debruçada em sacadas de seculares arabescos, em convívio com o mofo, a ferrugem e os telhados. Atrás deles há uma história que procuro ler. Perdida em ruas labirínticas e estrangulada em travessas exíguas, acho-me num espaço de dois tempos. Com alguns passos transporto-me da confeitaria **belle-époque** a um bar século XX, com todos os seus aços e elétricos. Palmilho por calçadas gastas ouvindo o rumor de outros passos e o roçar de roupas. Um calor emana dos corpos que se movimentam ao longo das paredes e fluem no leito do tempo como estranhos rios humanos.

Mas eis-me blindada entre as paredes de um carro que escorre pelo Eixo, bamboleia entre canteiros e gira por trevos gramados. Sinto-me num atafego, falsamente protegida por camadas de lata e vidro. Embalde procuro o som de vozes, pois o que ouço são buzinas ou o rangir de freios

tomados de susto. No silencioso percurso de rodas, inexistem os encontros fortuitos entre as pessoas.

Lanço meus olhos à distância como enormes redes de pescar atiradas às ondas, e recolho as fotografias de sempre. Quisera o imprevisto, a cidade multiforme. E eila imutável. Os espaços em branco podem desde já ser preenchidos na expectativa, a certeza de que a norma será obedecida em nome da preservação do mesmo ritmo plástico. A cada vão, presenteou-se sua futura imagem. Céus, que tanta ordenação põe a gente maluça do caos! Previsões e planos têm a dura contraparte de exilar a surpresa. Por isso é que, de início horrorizada com a possibilidade de que o colosso de Niemeyer e Lúcio Costa pudesse ser profanado algum dia, sorrio aliviada com as exceções à regra que começam a brotar timidamente na periferia da cidade. Chego até a ansiar pela previsão pessimista de um amigo meu: "Dia virá em que nesta mesma cidade serão construídos castelos góticos".

Assim foi que apareceu em pleno campo um acampamento de maloca pele-vermelha. Assim foi que domingo

deparei com o anúncio do "Correio Braziliense": "Vende-se uma casa, antigo estilo babilônico..." e tomada de desenfreado entusiasmo precipitei-me rumo àquela sugestão de Ásia em pleno cerrado. Num exercício de imaginação procurei visualizar a casa. Reminiscências de ginásio levaram-me aos jardins suspensos de Semiramis, às lajotas da biblioteca cuneiforme, aos azulejos. O nome de Assurbanipal ecoava em meus ouvidos quando chegamos.

Isolada, a casa escondia-se entre os pés de casuarina, a pedir perdão pela irreverência ao estilo oficial.

Brasília, 1967

Astrid Cabral é professora e escritora.

(Conto publicado na Antologia dos Cronistas de Brasília editado pela Associação Nacional dos Escritores, 1995)

e m



crônicas
no tempo

Brasília e na História



Pedro O. Barros, artista do cerrado

Compromisso com o sonho

Pouco mais de um século antes de sua construção, Brasília já se relacionava a um sonho. Era o ano de 1883, quando o padre italiano Dom Bosco, mais tarde tornado santo, teve o famoso sonho-visão, onde previa que aqui, "entre os paralelos 15 e 20, no lugar onde se formará um lago, nascerá uma grande civilização, e isso acontecerá na terceira geração".

Aqui, previa Dom Bosco, será a terra prometida. Para Juscelino Kubitschek, o grande estadista que ousou transformar o sonho em realidade, Brasília seriam um futuro de prosperidade, seria o símbolo do crescimento do país, que tomara novo impulso a partir

da ocupação do Planalto Central.

Contagiando todos que aqui chegavam com a sua inabalável fé no desenvolvimento da nação e nos tempos de prosperidade que a construção da nova capital iria desencadear, JK entregou no dia 21 de abril de 1960 a terra prometida. Inacabada, mas alimentada pelo sonho, pela perspectiva de crescimento, e pelo desejo, estampado na esperança dos migrantes que para aqui vieram, de ver "jorrar o mel" previsto por Dom Bosco no século passado.

Brasília continua inacabada. Muito ainda falta para que as milhares de famílias que ainda lutam

pela sobrevivência, pela moradia, pelo emprego, por escola para seus filhos, por saúde, por melhores níveis de qualidade de vida, tenham acesso à igualdade social. As dificuldades impostas pelo inesperado crescimento da cidade permanecem. Mas é importante perceber que o sonho, também, não acabou. Ele permanece vivo na esperança dos milhões de brasileiros que acreditam na força do trabalho honesto como meio de transformar a cidade na grande civilização prevista por Dom Bosco e iniciada por JK.

Ele ganhou um novo impulso, também, nos últimos cinco anos, a partir do momento em que



Edimar Pireneus

PP

essa população trabalhadora e honesta consolidou a representatividade política, fazendo ouvir sua voz através do trabalho que desenvolvemos na Câmara Legislativa. É aqui, no nosso dia-a-dia, que contribuímos, com o nosso trabalho, para transformar em realidade o sonho da melhoria de qualidade de vida. Passo a passo, através de medidas que, muitas vezes, podem parecer pequenas, mas que, somadas, refletem um importante salto na conquista de dias melhores para a nossa população. A comemoração dos 35 anos de Brasília representa, portanto, paa nós, do Legislativo um pacto de compromisso com o sonho de Dom Bosco e de JK.

A primeira missa de Brasília

■ Danilo Gomes

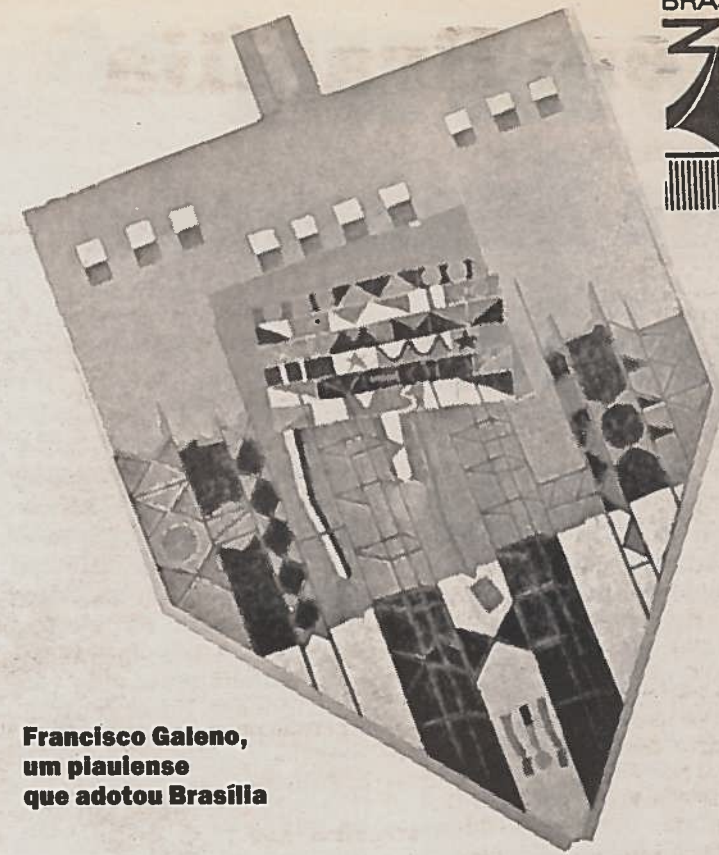
um lugar que não pode deixar de ser visitado, em Brasília, é o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, ali na 703 Sul, próximo ao SENAC. Brilhantemente dirigido pelo grande historiador da Capital Federal, Adirson de Vasconcelos, o instituto é o guardião de um valioso repositório de documentos, objetos, livros, mapas, fotos, relíquias, ligados a Brasília e à epopeia de sua fundação pelo saudoso estadista Juscelino Kubitschek de Oliveira. Lá estive uma noite dessas, para a bonita solenidade de posse de novos membros, vários deles meus bons companheiros na Associação Nacional de Escritores — Napoleão Valadares (Presidente da ANE), Anderson Braga Horta, Kurt Pessek, José Santiago Naud, Lília Portugal Magnavita e João Emílio Falcão*.

O ambiente do Instituto, dedicado a pessoas e fatos relacionados à história da mudança da Capital brasileira para o Planalto Cen-

tral, fez-me lembrar a figura do sacerdote que celebrou a primeira missa de Brasília, no memorável dia 3 de maio de 1957. Refiro-me ao Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, então Cardeal-Arcebispo de São Paulo, mineiro de nascimento e amigo de Juscelino.

O nome Brasília foi sugerido por ele em conversa com seu amigo Israel Pinheiro, que aceitou a sugestão e levou-a ao conhecimento do Presidente, que, por sua vez, aceitou e oficializou o nome. Sob um pálio de lona, ali no Cruzeiro, próximo ao Memorial JK, o Cardeal foi o oficiante da primeira missa de Brasília. Seu irmão, o poeta Joaquim da Conceição Vasconcelos Motta, escreveu a letra de um hino, para a ocasião muito especial, letra que recebeu música de Luiz Melgaço.

O Cardeal Motta era um homem ligado à Literatura e à História. Pertencia à Academia Mineira de Letras e ao Instituto Histórico



Francisco Galeno, um piaulense que adotou Brasília

e Geográfico de Minas Gerais. Naquele 3 de maio, há 37 anos, ele leu a sua Oração Sacra à Primeira Missa, de que extraio estes trechos:

“O descobrimento em 1500, a Independência em 1822 e a fundação desta nova capital metropolitana, no centro do país, são os três marcos culminantes na vida nacional. (...) Brasília vai ser o mais formidável impulso unificador e civilizador do Brasil. Brasília vai ser a mobilização efetiva e definitiva desta grande Nação. Brasília vai ser uma como que metrópole universitária da civilização cristã, da democracia, da justiça social cristã, da fraternidade cristã, da paz cristã.”

E, no dia 21 de abril de

1960, D. Carlos publicava no “Correio Braziliense” o artigo intitulado “Ave, Brasília”, em que dizia: “Brasília, o Monumento do Ipiranga e a Estátua de Cristo no Corcovado constituem, agora, os três sublimados símbolos do Brasil. Brasília é a capital central e centralizadora, de concepção e construção genuinamente nativa, gigantesco centro de convergência e de irradiação da vida do país. Hoje não é somente o dia do registro civil, oficial do nascimento de Brasília. É também o dia do seu batizado cristão, pois inaugura-se também, hoje, a Arquidiocese de Brasília, sob o patrocínio

de Nossa Senhora Aparecida e sob o nome de Arquidiocese Brasiliopolitana de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.”

Esses e outros acontecimentos da vida daquela que depois foi o primeiro Arcebispo de Aparecida estão no livro Cardeal Motta - Reminiscências, do médico, poeta e cronista Salvador Ferrari, mineiro de Ponte Nova, casado com Chiquita, sobrinha de D.Carlos. Além de escrever a biografia do sábio e santo prelado, que nasceu em 1890 e viveu 92 anos, Salvador Ferrari reuniu, no mesmo volume (Edições Loyola, São Paulo, 1990), excertos de suas cartas pastorais, discursos, conferências e pensamentos. Trata-se de um notável trabalho de documentação.

Naquela noite de posse, lá estava o sócio Affonso Heliodoro dos Santos, que acompanhou toda a saga da fundação, ao lado de JK, que é o patrono da cadeia do Arcebispo D. José Newton, também presente. A cadeia patrocinada pelo celebrante da primeira missa de Brasília pertence ao Padre José Carlos Brandi Aleixo. Brasília, 1994.

(Conto publicado na Antologia Cronistas de Brasília editado pela Associação Nacional de Escritores, 1995)

Danilo Gomes é escritor e pesquisador.

Nota da Editoria - O jornalista João Emílio Falcão faleceu em março deste ano em Brasília.

Brasília quer prioridades sociais

Brasília foi construída por pioneiros que vieram de todas as partes do país em 1960. Foi inaugurada como um marco do Brasil moderno. Trinta e cinco anos depois chega a hora de reinaurarmos a cidade que JK idealizou e construiu.

Como citou nosso Governador no dia de sua posse “queremos a partir de agora

não mais a Brasília do traço de um arquiteto e das ferramentas dos pedreiros. Não mais a Brasília do amor dos brasileiros pelo Brasil. Agora, é a hora de inaugurarmos. A Brasília da dignidade, da auto estima, a Brasília social e econômica, consciente de sua vocação, de seus limites e de seu potencial”.

Com a responsabilidade

dos eleitos por uma cidade que é a capital da República, centro irradiador de opinião, de cultura e de um novo fazer político, hoje prestamos homenagem a Brasília e seus habitantes.

Aos trinta e cinco anos Brasília dá sinais de sua maturidade política. Fez do populismo uma página virada em sua história. Brasília



Lúcia Carvalho
PT

quer prioridades sociais. Quer um governo comprometido com educação, saúde, segurança e a geração de empregos. Quer uma nova cultura política, com transparência e participação.

A Brasília que vamos juntos reinaurar é a Brasília da ética e da dignidade de seu povo.

O buzinaço dos sem poderes na Esplanada dos Ministérios

□ Esmerino Magalhães jr.

Uma cidade é uma porção de coisas de onde emana o humano, e não os monumentos apenas.

Vinte e quatro anos depois de sua inauguração e nossa cidade continua sendo vítima de incompreensões mal-informadas e despeitos da má-fe.

Uma cidade não é o prefeito, o delegado, o presidente da câmara (principalmente em época de eleições "biônicas", votos vinculados, pacotes abriescos, medidas de emergência, e a baioneta sempre atrás da porta), mas, e principalmente, seu povo, suas canções, suas esquinas, seus botequins, seus bêbados filosóficos e seus filósofos às vezes bêbados de lucidez, a pracinha em frente à igreja, suas crianças, suas esperanças e os amantes loucos ou suicidas que invadem a noite com seus desvarios que serão legendas cantadas pela eternidade de alguns meses.

Uma cidade é uma porção de coisas de onde emana o humano, e não os monumentos.

Alguém já viu, no Rio ou São Paulo, alguma reportagem cinematográfica ou televisada sobre Brasília,

que mostre, em vez das manjadas imagens do onde não se vive (O Itamarati, o Planalto, o Congresso, o Palácio da Justiça), o interior de uma quadra residencial completa, naquela hora em que as crianças saem da escola como pássaros de uma gaiola aberta? E quando se espalham sobre os gramados, sob a sombra das espatódeas carregadas de coroas vermelhas? E os reflexos de prata do sol na copa dos eucaliptos argentinos? E a chuva amarela das flores desgarradas das nossas sibipirunas?

E os casais de namorados pedestres, em contraponto à cidade de rodas, seguindo pra não-sei-onde pelas margens do rio de asfalto chamado Eixo Rodoviário Sul, sem outro aparente objetivo que não o de reverenciar poesia cor-de-rosa que explode das paineiras barrigudas, após as primeiras chuvas, para atenuar a roxa melancolia das quaresmeiras e dos ipês?

E o incêndio dos flamboyants em setembro, ao som sinfônico das cigarras, na "velha" W3 Sul, onde, nos primórdios da imigração, um menino su-

burbanco comeu estrogonofe pela primeira vez, no Chez Willi, com certo preconceito contra aqueles cogumelos que exigiam ser chamados de champignons, e depois, desavergonhadamente, foi ver o strip-tease da argentina da boate Macumba, ali perto, ainda no pequeno trecho asfaltado da avenida que já foi o "centro comercial" de Brasília.

Não era nenhuma Luz del Fuego, mas o fogo estava em nós. Não havia muita luz, mas isso ajudava a obumbrar as marcas do tempo na veterana e pioneira atriz. E o strip-tease, como convinha a 1960, era parcial, o que deixava espaço para a imaginação. Sim, ainda tínhamos imaginação. Nossos olhos não estavam viciados nos naturalísticos festivais de porradas e de estupros dos filmes atuais, e nos enterneçíamos com D. Rodrigo Dias de Vivar perdoando os mouros derrotados e descendo de seu ginete, a caminho do desterro, para dar de beber ao anônimo lázaro.

Volto, melancólico, da idade de Ouro ao **Hic et nunc**:

A câmara apressada, a

objetiva mercenária, o videoteipe preconcebido não focalizam aquelas imagens. Só o olhar de quem ama.

Mas perguntem a uma criança nascida aqui se quer mudar...

Gente ilustre, mas pouco observadora, tem visitado nossa cidade e corroborado as falsas impressões, principalmente porque não saíram do circuito oficial, do reino das mordomias, dos banquetes do Itamarati (que eu preferia Palácio dos Arcos, como no projeto), dos drinques na piscina da mansão ministerial, das bocas-livres peculatórias, ou, tratando-se de profissionais da informação, premidos pelo tempo, ficam restritos aos corredores do Congresso e aos dois restaurantes da moda política.

E dizem também que esta é a cidade sem botequins de esquina, velha lenda que persiste como na Escócia o impagável monstro do Loch Ness.

Bares de esquina? Quantos papos, quantas amizades, quantos planos já não se aprofundaram no Beirute, no Chorão e até aqui, nos confins da Asa Norte, no nosso humilde boteco (acho que cometi um pleonasmo), o Delícia do Paladar, onde costumam **locupletar as faces** (não seria delicado "encher a cara") o Drummond Amorim, o Emanuel Medeiros Vieira, o Herculano Farias, o Antônio Roberval Mike ten e outros tantos, incluindo este locutor que vos fala.

Aliás, noutro dia, o Mike ten, professor, poeta e boêmio inveterado (não

necessariamente nessa ordem), apresentou-me lá ao João Antônio, afilhado de Carne-Frita, mano do Meninão-do-Caixote, desafeto de dedos-duros e leões-de-chácara, amizadinha de Paulinho Perna-Torta, "pai" de Malagueta, Perus e Bacanaço, que entoava loas ao sarapatel, tecia metáforas libidinosas sobre a galinha de cabidela e desenvolvia, com o mais deslavado e justificado jacobinismo, a tese de que o "chorinho" é a música de câmara legitimamente brasileira sem fronteiras delimitantes do erudito e do popular.

O arguto Henfil, de passagem, entre uma cacetada e outra nesses corajosos jovens intelectuais que se arriscam a escrever louvações a generais decrépitos (Vai fundo, Bressane! Mautner "tá" contigo e não abre!), riou que existem duas cidades completamente distintas aqui: a do Poder e a dos Seres Humanos.

Há mais tempo, com notável perspicácia, o depois exilado Arthur Poerner escrevia em O PODER JOVEM, que os principais movimentos políticos estudantis, nas duas últimas décadas, tiveram profunda repercussão na Universidade de Brasília, quando não tiveram lá o seu epicentro.

Uma cidade que possui tais estudantes, dos quais pode ser símbolo, entre outros, o martirizado Honesto Guimarães, não pode ser a serviçal do Poder absoluto.

E ela já provou por diversas vezes a sua independência e rebeldia. Des-

A cidade com alma

A cidade que nasceu sob o signo da esperança é hoje um patrimônio que adquiriu alma e identidade. Do idealismo e da aventura de sua construção, Brasília superou - e ainda supera - desafios e oposições das mais variadas. Mas, a cidade que surgiu da capacidade de homens simples e governantes de fundirem seus sonhos soube transpor esses obstáculos gerados pelo ceticismo e inércia de poucos. A capital não é mais um simples slogan "de todos os brasileiros". Ela se efetivou.

Essa capacidade de repre-

sentar e refletir os sentimentos de toda a Nação é que lhe dá legitimidade de capital. E isso não lhe foi outorgado; foi conquistado. Brasília superou - e ainda supera - desafios e oposições das mais variadas. Mas, a cidade que surgiu da capacidade de homens simples e governantes de fundirem seus sonhos soube transpor esses obstáculos gerados pelo ceticismo e inércia de poucos. A capital não é mais um simples slogan "de todos os brasileiros". Ela se efetivou.

E sua população, que pare-

cia fadada a não ter rosto, foi gradativamente ganhando as feições de uma nova era. E de maneira natural mostrou ao restante do País, nessas três décadas e meia, que seria o símbolo das transformações próximo ao Terceiro Milênio. A identidade de que necessitava Brasília não veio por decreto ou discurso. Mesmo aqueles que vieram formar a capital da República se misturam aos que hoje se dizem brasilienses, em uma espécie de adoção vice-versa.

A Brasília de cara híbrida,



Benício Tavares

PP

com um pouco de cada canto do País, não ficou sem alma. O morador, que já conquistara o direito de se dizer brasiliense, adquiriu sua plena cidadania com a instalação da Câmara legislativa e a promulgação de sua Carta de direitos e deveres. Ao longo desses 35 anos, essa agora senhora respeitável deixou para trás as indagações, interrogações e também exclamações e se constituiu como cidade pulsante. Estamos fazendo a história de uma cidade que entrará no próximo milênio com rosto, alma e identidade.

As árvores de Brasília

□ Branca Bakaj

de a votação maçica em Lott, contra Jânio, o vigoroso "não" no plebiscito do parlamentarismo de ocasião, a Revolta dos Sargentos, a resistência universitária, docente e discente, em tantos momentos críticos para a Nação, o acompanhamento triunfal ao túmulo de Juscelino, renegado pelos detentores do Poder, a "necessidade" reiterada das medidas de emergência e a memorável noite das buzinas e caçoladas.

Duas vezes, nesta cidade, vi-me chorando na rua.

A primeira, quando as tropas mineiras entraram pela W-3, em 1964 - as lagartas dos tanques mal governados quebrando os meios-fios.

Eu tinha uma garrucha de dois canos, 22, com defeito em um dos percussores, e uma impotência muito maior do que a desilusão de quem tem 24 anos e ficou velho de repente.

Ninguém atirou a primeira pedra. Cada um de nós estava indescritivelmente só, mesmo tocando-se os ombros, e, passado tanto tempo, não consigo lembrar se as lágrimas eram de tristeza ou de indignação.

A pistolinha que só dá um tiro, ainda a tenho. Nunca a consertei, como jamais consegui consertar este meu jeito *gauche* de olhar a vida.

A segunda vez, vinte anos depois, na véspera do 25 de abril de 1984, quando da votação da emenda das eleições diretas.

Em princípio, não queria

acreditar que toda aquela multidão estivesse comigo, cruzando com o mesmo objetivo a Esplanada dos Mistérios (ou dos Escândalos) e atravancando a Praça que era agora dos Sem Poderes, buzinando com uma enorme festa, tocando biblicamente nossas trombetas elétricas para a derrubada das muralhas de Jericó (ou dos antolhos dos jericos do autoritarismo).

Mas era verdade. Difícil não se sentir irmão de todos, solidário, mesmo que muitos de nós estivéssemos sozinhos, isolados nos carros.

Agora podia acreditar no povo de minha cidade, no futuro de meus filhos, num outro Brasil.

Descia W-3 Sul ao som dos foguetes e painéis (caçolaço de fazer inveja a qualquer Pinochet), e, gozando a surpreendente sensação de apenas estar vivo e ver, com o ar do quebra-vento no rosto, esbarro numa dúvida que não chega a ser metafísica: aquelas luzes da W-3, que seguem paralelas, aproximando-se, fazendo uma curva suave à direita, quase na linha pouco perceptível do horizonte noturno, como um colar de brilhantes no pescoço de uma imensa mulher negra, onde se tocam aquelas luzes? **Maio, 1984.**

Esmerino Magalhães Jr. é professor e escritor.

(Conto publicado na Antologia Cronistas de Brasília editado pela Associação Nacional dos Escritores, 1995).

*Depois, "Razão Social", hoje, extinta.

Assusto-me quando olho hoje para Brasília. É o mesmo susto de uma mãe quando descobre que sua filha cresceu, que já não é mais aquela criança travessa e inconsequente de outrora.

Lembro-me de quando aqui cheguei, em janeiro de 1960, vinda da inebriante praia de Copacabana, circundada por uma imensa massa de concreto, úmida, mas pouco afeita às árvores, por mais simples que sejam, salvando-se algumas belas amendoeiras, como aquela tão bem descrita por Carlos Drummond de Andrade.

A visão de Brasília era estranha, parecia um filme surrealista, uma paisagem de Marte, seca, árida, mas povoada de árvore. E foram exatamente estas árvores que tanta espécie me causaram.

"Olhava-se e sentia um aperto no coração. Como eram diferentes das amendoeiras das orlas marítimas! Elas eram grandes, verdes e brilhantes, enquanto as daqui eram raquíticas e retorcidas.

Sentia-as angustiadas, transmitindo sensação

de desamparo e solidão.

As árvores estavam sempre cobertas pelo pó levantado pelos redemoinhos de vento, ironicamente chamados pelo povo de "lacerdinhas".

Não havia muito verde para o olhos...

Cismava eu cá comigo que as árvores sofriam com a solidão do planalto, em perfeito contraste comigo que era tão feliz.

Hoje tudo mudou.

A cidade está superpovoada. E, qual moça faceira, cheia de adornos para realçar sua beleza. Autônoma em sua maioria.

Não sei quem é responsável pelo Setor de Parques e Jardins em Brasília, mas posso imaginar que seja uma pessoa sensível, pois humanizou o cerrado. As árvores frondosas, agora, disputam lugar com as pessoas, contam-se às dúzias, às centenas e servem de júbilo para o olhar, de repouso para um pedestre cansado - abrigado sob sua sombra amena -, de refúgio para os passarinhos e até para pregar o resultado do jogo do bicho.

Da janela de minha casa, mesmo, vejo duas

particularmente lindas. Enchem de cor os meus momentos de lazer e, até nos dias de tempestade, com seu bailado frenético provocam-me a emoção que só a natureza sabe dar.

Gosto, principalmente, daquela em que despontam flores vermelhas, como se estivessem espetadas em um vaso especial. Outras se cobrem de amarelo; outras, ainda, de branco. E, com isto, enriquecem nosso espírito, nossa alma.

Pela alegria que elas nos dão, é que me congratulo com este anônimo - para mim -, mas responsável por uma parcela de beleza tão expressiva em Brasília.

As mangueiras, jabuticabeiras, laranjeiras e jaqueiras trazem de volta muitas cenas de infância a tantos olhos já cansados pelos embates da vida. E como era bom subir nas árvores, abraçá-las e colher os frutos no pé!

Vamos colaborar com a infância de nossos filhos ou de nossos netos, ajudando a preservar e valorizar esses bálsamos para o espírito.

Branca Bakaj é professora e escritora

(Conto publicado na Antologia Cronistas de Brasília editado pela Associação Nacional dos Escritores, 1995)

Vamos repensar Brasília

Ao completar 35 anos de sua fundação, Brasília atingiu um certo grau de maturidade. A sua função primordial de abrigar os poderes da República foi atingida na plenitude. Num período curto, a cidade viu passar diversas fases da história do Brasil moderno. Vem resistindo bravamente as manifestações de pseudos saudosistas que desejam tirar-lhe o título de Capital da Nação. As tentações são várias. Começaram com o então presidente Jânio Quadros e persistem até o momento, capitaneadas por interesses ocultos.

Brasília superou todas as expectativas, ultrapassando as barreiras imaginárias de seus criadores. A cidade caminha a passos acelerados rumo ao limiar do novo

milênio, cumprindo a sua determinação de cidade mãe, procurando ser justa com todos os brasileiros, abrigando em seu seio todos os filhos que para cá migram, a procura de uma vida melhor. O sonho de JK foi plenamente consolidado. Os seus objetivos foram alcançados, porque além de ser o coração e a mente do País, é o pólo irradiador do desenvolvimento do interior brasileiro.

Apesar de tão nova, Brasília já apresenta alguns sintomas inerentes à falta de resposta imediata para seus problemas, porque continua sendo pensada de forma hermética, sem rasgar o véu da ambiguidade, entre o tradicional e o moderno. É necessário repensar Brasília. A cidade, símbolo da ma-

ternismo, não conseguiu romper o laço arcaico das idéias preconcebidas. A concepção arrojada do início virou uma armadura intrançável, onde o humano foi suplantado pela "burrocracia", pois os conflitos dos cidadãos foram empastelados em gavetas empoeiradas. É preciso ter em mente que a cidade não tem dono. Ela é de seus habitantes.

Partindo do princípio de que a cidade é um organismo vivo em constante mutação, venho procurando dar a minha contribuição para facilitar a vida do cidadão, valorizando o seu habitat, e quebrando o imobilismo estatal. O meu primeiro projeto de lei na Câmara Legislativa foi para extinguir a famigerada Carta de Hab-



Odilon Aires

PMDB

te-se, que representa um empecilho a manifestação dos anseios sociais, porque engessa a cidade de tal forma que o morador passa a viver em função de falsos padrões, já que não pode adaptar-se ao seu *modus vivendi*.

A minha proposta é apenas o início do repensar a cidade. Muitos passos terão de ser tomados. O Estado tem que estar atento para as mudanças da sociedade, não funcionando como elemento repressor dos anseios sociais. Brasília não pode ficar estática, devendo retomar o seu espírito original de vanguarda. Não podemos ficar presos a conceitos ultrapassados, senão cairemos na mesmice de todas as cidades. Vamos ousar, colocando Brasília a serviço do cidadão.

No sótão de uma casa situada na Rua dos Latoeiros, no Rio de Janeiro, hoje Gonçalves Dias, em 10 de maio de 1789, era preso Joaquim José da Silva Xavier, o Alferes Tiradentes. Portava um bacamarte carregado de chumbo e a escova pronta para o disparo.

Entregara-se, dando um final terrivelmente simples para os seus sonhos de liberdade. Um quadro, que vinha sendo desenhado desde 1785, não suportara as dissensões e as traições.

Ele, o arauto de uma nova era, consegue ainda levar seus segredos através de meses de inquirição, isolamento e pressões. Ele, o que mais pregava, alto e bom som, as suas idéias, se fizera mudo naqueles momentos de maior pressão e curiosidade policial. A sentença que já se tornara conhecida — a pena de morte — a todos os inconfidentes, já cobria de crepe aquelas mentes desesperadas. Somente Tiradentes permanecia sereno. Na sa-



la do Oratório, foi lido o acórdão, atingindo a todos, nas suas últimas esperanças. Após esta leitura de suplicio, o escrivão da Devassa leu a Ordem Régia que mandava comutar a pena de morte em degredo perpétuo; houve um momento de júbilo naquelas vozes sufocadas pelo espectro da morte. No final da leitura da Ordem, a sentença mais contundente: todos estavam degredados, à exceção do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o único a ser enforcado. Segundo testemunhas, o momento era de euforia, os réus "explodiam de alegria", entoando o Salve Rainha e o terço de Nossa Senhora. Os soldados retiraram os grilhões e correntes que os prendiam; somente Tiradentes permaneceu atado de pés e mãos.

Recebeu com serenidade sua sentença "sem sair do lugar". Deu parabéns aos outros com "ar sincero e moderado", e pediu perdão pelo que lhes fizera.

São poucas na história da humanidade atitudes

semelhantes. Que se passava na mente daquele homem que pregava a liberdade pela liberdade e se via tolhido naquilo que mais ansiava? Ele, o arauto da boa nova, ia percorrer o caminho penoso da solidão e da ignomínia para o encontro da sentença final. Serenou ante todas as acusações; transmutou-se da euforia do arrebate indômito, que o caracterizava, para o silêncio da compreensão, sem acusar e sem macular seus princípios. Aquietou-se no momento mais perigoso para, mudo, libertar-se das peias da incompreensão com seus atos serenos e sua lição de patriotismo. Fez a história pelo exemplo.

Este mineiro da Vila de São João Del Rei, nasceu em 1746, na fazenda do Pombal, propriedade de seu pai, o português Domingos da Silva Santos. Sua mãe, D. Antonia da Encarnação Xavier, era brasileira. Teve três irmãos, sendo dois padres e um militar — Capitão de Auxiliares — e quatro irmãs. Ficou órfão de mãe aos nove anos, e de pai, aos 11. Tiradentes ficou aos cuidados do seu tio, e padrinho, Sebastião Ferreira Leitão, cirurgião dentista. Tinha vários primos padres, entre eles o Frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da monumental obra "Flora Fluminense", em 11 volumes, e outros trabalhos de vulto; foi o organizador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Com esta convivência aprendera Tiradentes a prática da odontologia e da

TIRADENTES

A revolução pela educação

□ Alberto Martins da Silva

Lei orgânica, presente maior

Aos 35 anos, Brasília chega à sua maturidade no auge de seu esplendor. Ao completar mais um ano de sua existência, Brasília não é mais uma maquete arquitetônica, um projeto futurista ousado ou uma utopia desenvolvimentista. O sonho de JK tornou-se realidade e ganhou vida para seus dois milhões de habitantes - filhos adotivos e da nova geração. Símbolo da autonomia política do Distrito Federal, a Câmara

Legislativa caminha consolidada para o quinto ano de sua existência. Mas, apesar da pouca idade, já tem história. Sua maior conquista foi, sem dúvida, a Lei Orgânica do Distrito Federal - carta fundamental que contemplou cada brasiliense com um texto avançado garantindo assim, desenvolvimento com justiça, proteção aos idosos, às crianças, às mulheres e ao meio ambiente.

Moderna e com mais de

80% de seus dispositivos auto-aplicáveis, a Lei Orgânica já nasceu mudando a vida política do DF. De quintal do Poder, a Capital Federal conquistou seu espaço. Antes da existência da Câmara Legislativa, o Executivo local governou durante 30 anos através de seus decretos ou mensagens. Hoje, além de submeter suas ações à análise e fiscalização do Legislativo, o Executivo tem uma lei maior para se espe-



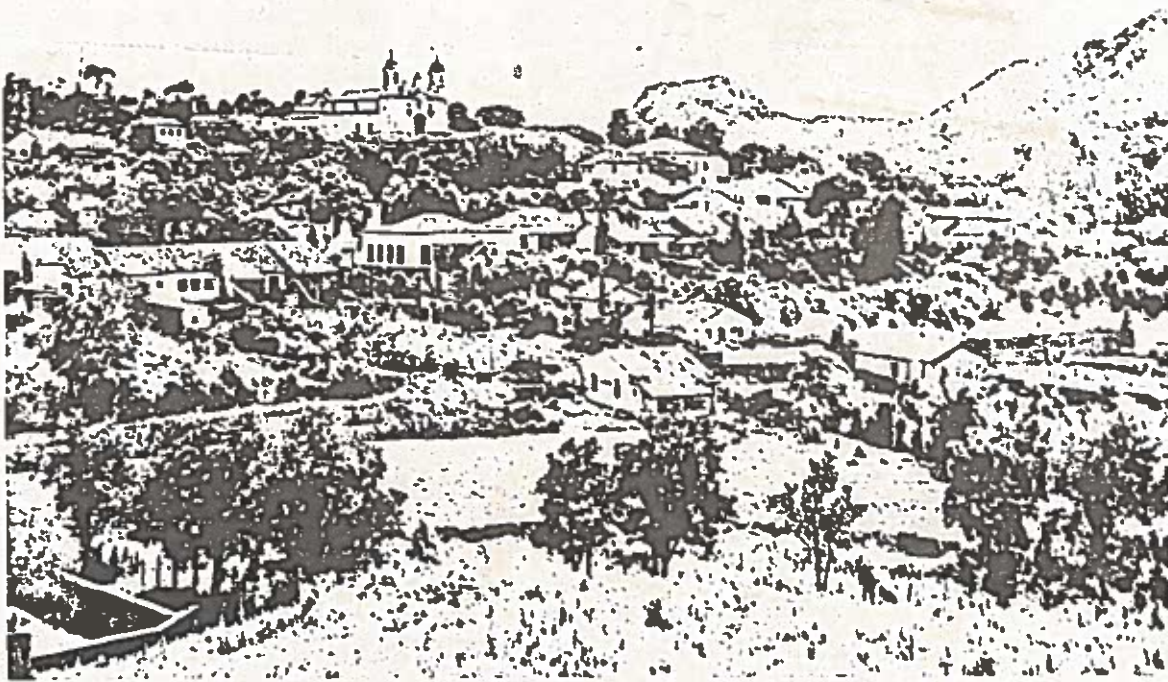
Peniel Pacheco

PP

lhar no exercício do Governo.

A Lei Orgânica consolidou os direitos de cidadania do brasiliense, que embora convivendo lado a lado com o Poder da República, estava alijada do processo de participação da vida política. De cidade cassada à plena autonomia, Brasília é a confirmação de um sonho que deu certo.

fitoterapia, tornando-se conhecido em Minas Gerais e Rio de Janeiro, atuando por muitos anos durante as longas viagens que empreendeu nas vastidões dos sertões como caixeiro-viajante. Trabalhou como homeopata, captando a simpatia de pessoas simples e notáveis. Alistou-se em 1775 diretamente no posto de Alferes — correspondente a 2º Tenente — logo após a criação do Regimento de Cavalaria, após selecionado. Sua vida militar tem passagens marcantes. Assim, de 1777 a 1779, estava em missão oficial no Rio de Janeiro, servindo nas forças de defesa contra a ameaça externa espanhola. Em 1780 já é Comandante do Destacamento de Sete Lagoas, Minas Gerais, e encarregado da guarda do Registro. Em 1781 passa ao Comando do Destacamento do Caminho Novo, com a finalidade de construir uma variante no caminho da Vila Rica ao Rio de Janeiro; sua indicação deveu-se a sua larga experiência em viagens pela região. Neste trabalho permaneceu durante cinco anos; a variante pronta, sugere em sua correspondência com o governador, seja ela calçada com pedras e indica as pedreiras existentes na área. Uma outra missão recebe, em 1784, a leste da Capitania, como Guarda da fronteira, nos limites com o Rio de Janeiro. Estas áreas eram consideradas fechadas por razões de segurança tributária. No despacho do governador, ao compor a Comissão Militar, diz que o Alferes Silva Xavier tinha



Os mineiros homenagearam o Mártir da Independência rebatizando o nome da cidade (São José Del Rey para Tiradentes

“inteligência mineralógica”, razão de sua nomeação. Assim, a ordem dada a Tiradentes compreendia a verificação de locais de veios minerais, e o estudo da possibilidade de mineração; a implantação de novas cidades; a preparação de plantas geográficas da região para averiguar a existência de caminhos desconhecidos; e a de determinar a localização de rios e montanhas, limítrofes com o Rio de Janeiro, apropriados para postos militares. São missões difíceis que ele executou com acerto e competência.

No período compreendi-

do entre 1786 a 1789, realiza uma série de viagens ao Rio de Janeiro, onde mantém contatos com elementos interessados nas idéias que ele pregava, principalmente comerciantes que desejavam livrar-se do incômodo sistema mercantilista. Sua prática revolucionária toma outra dimensão naquela cidade que ele conhecia tão bem, acostumado que estava a palmilhar seu território quando descia das minas gerais. Permaneceu um ano e meio desenvolvendo projetos para a grande cidade, tendo, entre estes, apresentado um siste-

ma de abastecimento de água pela canalização do rio Andaraí; construção de moinhos aproveitando a canalização do rio e mais os desníveis dos córregos Catete, Comprido, Laranjeiras e Maracanã; construção de trapiche; construção de armazéns para a guarda de mercadorias e gado quando desembarcados; e um serviço de barca de transporte de passageiros entre Rio de Janeiro e Niterói. Entre tantos conhecimentos, tinha Tiradentes a da prática de joalheiria e de economia. Tivesse Minas Gerais uma Universidade e por certo

Tiradentes seria um homem altamente capacitado no meio cultural no País.

Assim, ávido por tudo conhecer, envolveu-se nas idéias libertárias escritas nos livros que lia e ouvidas nas conversas que tivera com seus amigos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

Os eventos da liberdade sobreviveram da nova república americana e dos enciclopedistas franceses. Sua convivência em Minas fez amizade entre clérigos famosos, profissionais liberais, comerciantes e fazendeiros; muitos com passagens na Europa, bebendo nas fontes a força da liberdade.

Seu entusiasmo o fez orador de reuniões, aliciador de adeptos e pregador de idéias em todos os recantos por onde passava. Daí, também, ter recebido as alcunhas de “O República”, “O Liberdade” e o “Corta-Vento”.

Seu elevado caráter ficou evidenciado quando presou depolimento durante a Devassa. No primeiro interrogatório, ocorrido em 22 de maio de 1789, foi firme, sem medo, sem comprometer ninguém e sem apresentar detalhes de nada. A 27, durante o segundo interrogatório, nada informou de importante; negou tudo, preservando os amigos. Três dias depois, permanece sereno, ganhando tempo. Depois, acareado com Joaquim Silvério dos Reis, também preso, reconhece que a revolução já era do conhecimento das autoridades; até

Balzaqueana Brasília

Brasília chega à idade em que a beleza de suas paisagens, e a impressão única que todos nós temos ao observá-la justifica sua natureza de capital que assume o feijão e o sonho. Ao lado do dia a dia da sobrevivência, outro ideal: o sonho de

uma nova vida. Para muitos o sonho não acaba, por continuar irrigado pelas forças cósmicas da criatividade que dominaram a construção da cidade.

Cidade-refém do Executivo Federal, que nunca define claramente os limites de seu

compromisso com a capital federal do Brasil. Que se renova junto com a Nação, que pinta a cara, após assistir o desfile de tanques e tropas.

Brasília é isso: mosaico generoso do caráter nacional. Cidade-Estado que ex-



Rodrigo Rollemberg
PSB

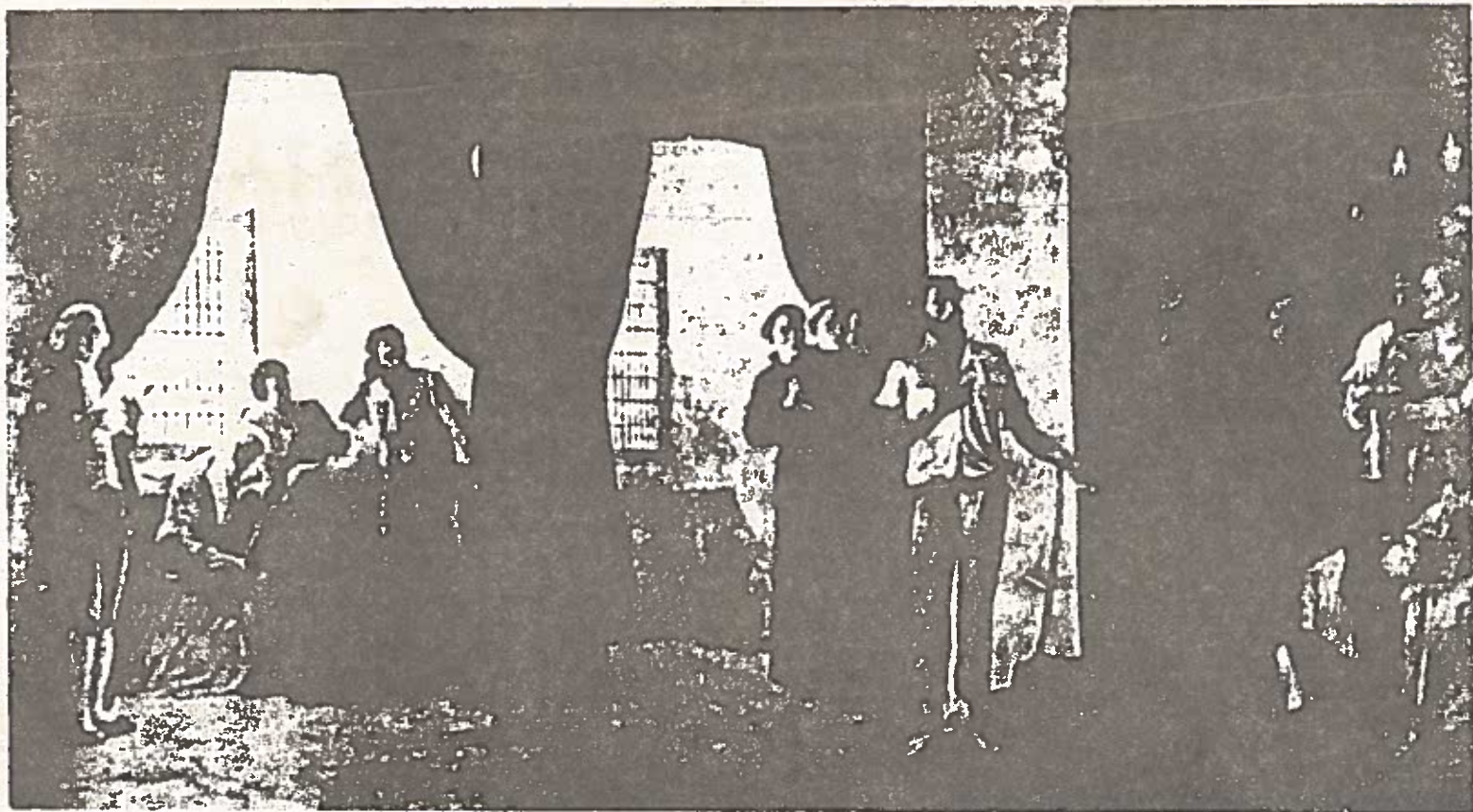
pande sua fronteira para o espaço interior do sentimento humano. Vocação eterna de templo da Paz do terceiro milênio. Local em que o mundo se encontra promovendo cultura, e convivência, em exemplo permanente para nossas vidas provisórias.

então, nada sabia da delação do amigo. Mesmo assim, continua pouco informando. Somente em 18 de janeiro de 1790, resolve confessar. Estava preso há quase sete meses, incommunicável; nega a culpa de todos e se diz responsável por tudo. Respondeu a 11 interrogatórios.

A região das minas gerais atraiu, com a riqueza do seu subsolo, uma grande onda migratória que em pouco tempo transformou aquela Capitania na mais rica e populosa da Colônia.

Passava dos 300 mil habitantes, nos idos de 1770, representando duas vezes a população da Bahia, sede do Vice-Reinado, e quase três vezes a do Rio de Janeiro. Os veios auríferos formaram uma sociedade diferenciada nos gostos, nos costumes, no luxo e nos contatos com emissários portugueses controladores da riqueza que o solo mineiro dadivosamente oferecia. Neste ambiente, onde as conversas reuniam homens conscienciosos e ambiciosos de liberdade, já que tomavam conhecimento da importância da região, foi nascendo, aos poucos, de mente em mente, a idéia de emancipação calcada na economia livre, na tributação honesta, na liberdade e educação para todos e na riqueza para os brasileiros.

Para que tal fosse concretizado, homens foram chamados para uma compreensão coletiva e para uma participação ativa nos momentos mais decisivos. Planos foram traçados e



Em 18 de abril de 1789 foi lida a sentença que condenou Tiradentes à morte por seu sonho de liberdade.

apoios garantidos. Cabeças pensantes criaram o ambiente propício para a grande arrancada do grito libertador, justamente no dia marcado para mais uma cobrança do tributo oneroso e injusto. Tiradentes foi o grande artífice da pregação aliciadora. Seus discursos inflamados e sua presença marcante singularizaram a própria mensagem de liberdade, na afoiteza dos atos e na força dos seus significados; tinha voz e vez.

Este sonho que alcançava mentes privilegiadas e mentes simples, padres esclarecidos e fazendeiros ansiosos, filósofos e poe-

tas, médicos e advogados, militares e artistas, durou enquanto não sofreu o impacto da fala denunciadora.

Naqueles momentos de aflição, durante a leitura da sentença, o silêncio de Tiradentes representou a grandeza de seu procedimento correto, cristão e patriótico. Que outros tentassem outra vez, teria pensado, com certeza.

Realizou o impossível: prendeu sua voz de mensageiro para ouvir sua consciência soberana. Saiu engrandecido no momento do desespero. Caminhou para o suplicio infamante,

calmo, humilde e vitorioso, traduzindo o verdadeiro significado da liberdade que pregara firme e obstinadamente. Na placidez de seu semblante e na firmeza de seus passos, a atitude de homem consciente, limpo de alma e certo de seu destino. A história reconheceu o seu importante papel; a Pátria o embalou em seus braços, o erguendo para a posteridade. Renascido para a Pátria, reverenciado pelos irmãos, respeitado pelo sentimento patriótico, serve à geração brasileira como um símbolo de um povo livre.

Num registro muito feliz, diz o historiador Márcio

Jardim:

“Depois de morto, sequestraram-se-lhe na cela navalha de barbear e um canivete, que poderia ter usado para abreviar o sacrifício. O suicídio, até bem pouco tempo, por influência da religião, era considerado infamante. Nem por aí o Alferes deixou-se infamar”.

Tiradentes transmite à Nação, exemplarmente, na coerência dos seus atos, a magnitude de raros exemplos.

□ Alberto M. Silva é general do Exército brasileiro

De capital da esperança à esperança da capital

Trinta e cinco. Brasília está completando 35 anos. Tão jovem, nossa cidade traz as rugas da maturidade precoce, cicatrizes das experiências de quem nasceu em berço esplêndido, cresceu amada, conviveu com escândalos e ainda vive em busca de sua própria identidade política, econômica, social e cultural.

Brasília, ao ser concebida por JK, recebeu o privilegiado tratamento de uma cidade que deveria ser o modelo - tanto de modernidade urbana quanto de qualidade de vida - para um país subdesenvolvido em busca da estabilidade econômica e política.

O sonho de JK não resistiu à força das baionetas. De capital da democracia, Brasília foi transformada em quintal da ditadura. O sonho virou pesadelo. Bravamente, a cidade resgatou sua dignidade. Foi às ruas, buzinou, bateu panelas, enfrentou generais para devolver ao País o direito de ser livre.

Com a volta dos militares aos quartéis, Brasília voltou a respirar democracia, conquistando, inclusive, o direito de escolher, livremente, seus próprios representantes. Mas os hóspedes que a cidade é obrigada a receber, não

souberam honrar o passaporte que os brasileiros de outros estados lhes deram. A corrupção colheu o Palácio do Planalto, se espalhou pelos mais importantes gabinetes do governo federal e tingiu com a cor da imoralidade o Palácio do Buriti. Por causa desses hóspedes aéticos, Brasília, injustamente, ganhou fama de “terra de anões”, “cidade de fantasmas”, “paraíso dos marajás”.

A resposta de Brasília veio das urnas. Rejeitamos os Fernandes, elegemos Lula presidente, fizemos Cristóvam governador. Nossa luta, agora, é corrigir os erros



Maria José (Maninha)

PT

do passado que dificultam o presente e comprometem o futuro de todo o Distrito Federal. Mais que isso: nossa luta é resgatar o sonho de transformar Brasília num modelo de administração popular e democrática para um País já desencantado com experiências neoliberais.

Uma cidade que não teme fuzis, mordidas, usurpadores nem poderosos de plantão, só merece parabéns, Brasília. Que suas rugas precoces nos ensinem a rejuvenescer a esperança de todos nós, que fizemos da capital dos brasileiros a nossa cidade.

O escritor Cristovam e seus heróis cibernéticos

■ Wilson Pereira

O escritor Cristovam Buarque é bem conhecido pelos seus livros sobre questões políticas nacionais, com uma bibliografia considerável, tanto pela quantidade, como pela qualidade.

O que talvez ainda poucos conheçam são os dotes literários (no sentido artístico desta palavra) do ficcionista Cristovam Buarque.

Os Deuses Subterrâneos, quarto livro de ficção do autor, é um romance surpreendente, sobretudo pela temática atualíssima e envolvente que desenvolve. Pode-se dizer que é um livro ousado, visto que, em primeiro plano, inscreve-se na linha da ficção científica, espécie a que poucos se atrevem, principalmente entre os escritores brasileiros, e mesmo entre os latino-americanos.

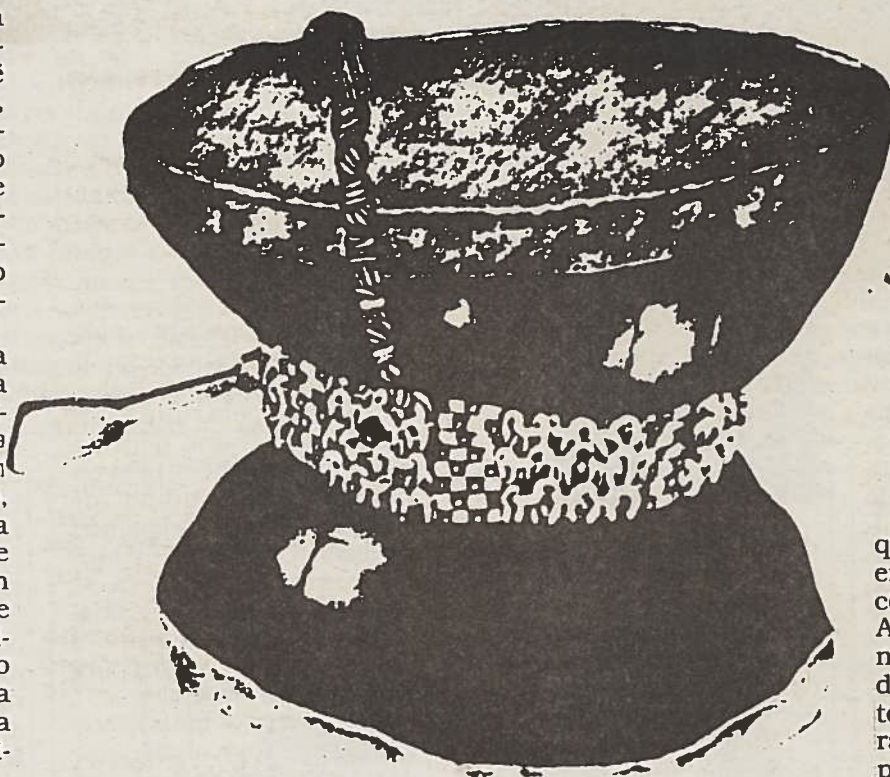
Mas mais ousado ainda por misturar, de forma imbricada, a feição científica e tecnológica com a esotérica e religiosa, com inserções político-sociais, tudo culminando numa preocupação filosófica e ética. Enfim, o homem em busca do conhecimento de sua origem e de seu destino, o homem tentando desvendar os mistérios da existência, a partir de sua própria criação, eis as linhas mestras da obra.

O sempre lúcido e inteli-

gente crítico literário Fábio Lucas, numa breve e magnífica apresentação do livro, assim se expressou: **“Os Deuses Subterrâneos** assinala o ingresso definitivo de Cristovam Buarque na esfera da ficção pós-moderna. Unindo recursos da ficção científica ao desenho de personagens de intensa motivação

intelectual e política Buarque soube urdir uma rede de intrigas dentro das quais ecoam as contradições do mundo contemporâneo. Cria heróis cibernéticos ao explorar a mente humana em conexão com uma complexa matriz informatizada, cuja memória central provém dos deuses. E inclui, na dile-

tante aventura de entusiasmados estudantes, uma trama internacional, em



que se envolvem as nações em crise de identidade, com a derrocada do Leste. A arte do ficcionista reside no ardiloso envolvimento do leitor na discussão de temas eternos da literatura, como a vida, a morte, o poder da arte, a autonomia do ser perante a ação dos

deuses, cuja sobrevivência, por sua vez, irá depender da consciência humana. Tudo isso à margem do estudo da relação homem/máquina. Curiosamente, o romancista faz girar toda trama ao redor de um espaço estratégico: Brasília, com seu poder racional e seus arredores mágicos”.

Ao lado desses ingredientes de teores filosóficos/existenciais, e do lastro científico da narrativa, o autor faz vir à tona, na fala das personagens, uma reflexão crítica bem fundamentada sobre muitas questões e problemas do mundo moderno como: a guerra nuclear, a poluição, o comércio e o vício das drogas, as relações de poder, a corrupção dos valores éticos, a miséria, o abuso da autoridade, a exploração dos países pobres pelas grandes potências. Tudo isso dentro do contorno ficcional, sem grauidades ou arroubos contestatórios, sem o ranço panfletário, mal de que padecem muitas obras que se metem com tais temas.

O livro propõe uma teoria audaciosa e arriscada: o homem como máquina (computador), criado por deuses que habitam uma morada subterrânea, situada na localidade conhecida como Barra do Garças, no interior do Mato Grosso. Essa criatura se vê de repente abandonada na superfície, e tendo sido desligada do “Grande Elo”, parte em busca de sua autonomia, de seu livre arbítrio. Desse ponto de vista, o que chamamos de humano, não seria senão andróide, ser autômato, máquina vivente e pen-

Soberana, autônoma e independente

Da promessa ao sonho. Do sonho a realidade. Passados 35 anos da sua inauguração, Brasília, a cada dia que passa, fica mais esplendorosa.

A cidade que era conhecida mundialmente por sua beleza arquitetônica, linhas retas e arcos que parecem flutuar, mostra também a força e pujança de seu povo. Não me venham com essa história de ilha da fantasia ou paraíso dos corruptos! Brasília é hoje uma ci-

dade de gente ordeira e trabalhadora que busca com dignidade dias melhores.

A conquista da autonomia política exerceu um papel fundamental para que o povo daqui lutasse ainda mais por seus direitos. Primeiro elegemos Deputados Federais e Senadores. Mas isso não era tudo. As pessoas queriam decidir seus rumos escolhendo o Governador. Porém, ainda não era o suficiente. Precisávamos de alguém que estivesse mais

próximo e que se preocupasse com as coisas ligadas às suas reivindicações mais imediatas. Ai escolhemos também os Deputados Distritais, estes, o primeiro recurso procurado pela população na defesa de seus direitos junto aos órgãos governamentais.

Na Brasília de 35 anos, a Câmara Legislativa e os Deputados Distritais exercem um papel fundamental. Apesar das tentativas de denegrir a imagem do Poder Legislativo, o balanço que se faz é



Renato Rainha

PL

bastante positivo. Em pouco mais de 4 anos de atuação, inúmeros projetos de interesse da sociedade foram aprovados. No seu livre e sagrado direito de escolha as pessoas elegem aqueles a quem confiam e conhecem o trabalho, ou não elegem aqueles que se afastam dos interesses da comunidade.

Esta é a Brasília de hoje. Soberana, autônoma e independente. PARABÉNS BRASÍLIA!

sante. Mas é interessante notar que, por mais que se indisponha com a tradição do conhecimento e com os preceitos religiosos, a trama ganha verossimilhança, graças à lógica interna da narrativa e a alguns recursos utilizados com extrema lucidez.

Apesar do inusitado da teoria que propõe, o ficcionista sabe conduzir os fatos com a segurança e a precisão de um repórter, envolvendo o leitor numa trama fantástica, mas de forma que tudo pareça possível e provável. E a sugestiva dicotomia entre crença e ceticismo aparece evidenciado nos diálogos entre alguns personagens.

Essa verossimilhança tem como pilar básico o capítulo inicial, sob o título "As Fontes", onde o autor expõe os motivos que o levaram a contar a história dos deuses. E só resolve fazê-lo depois de ouvir de muitas pessoas, e em diversos lugares, referências às divindades do subsolo. (Fazendo convergir ficção e realidade, e brincando com a ironia próprio do autor, poder-se-ia indagar: estava ele programado pelos deuses para contar essa estranha história?)

Em seguida, como procurando angariar credibilidade para os fatos, situa o início das investigações sobre a existência dos deuses numa Universidade, para, após, no decorrer de todo o texto, envolver organismos políticos, como CIA e FBI, e personalidades internacionais como o embaixador soviético, o Secretário de Estado, e até o presidente dos Estados Unidos da América, além do cientista alemão e do historiador...

Não é sem razão que o autor situa os fatos num espaço geográfico real (Brasília, Barra do Garças etc), e nomeia personagens, atuais mas já históricos, como é o caso de Gorbajev, e ainda, com fina ironia, lembra fatos recentes da história brasileira, sem citar nomes, mas indicando o ex-presidente Collor e as denúncias de seu irmão, que desencadearam o processo do impeachment.

Aliás, o humor e a ironia, que são traços bem suce-

dados do texto, têm seu ponto alto no capítulo "A proposta", em que o autor satiriza a arrogância e a falta de cultura dos americanos, simbolizados no Secretário de Estado.

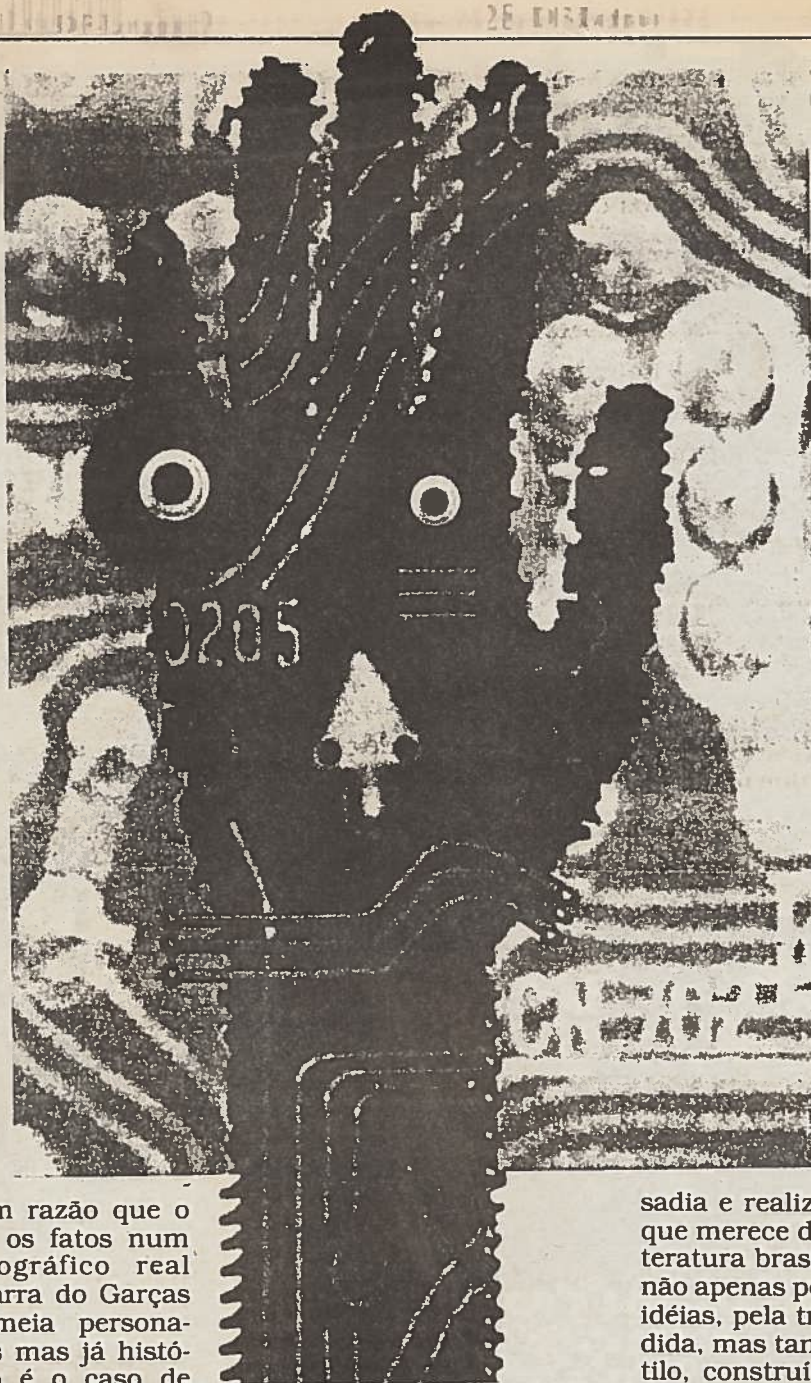
Dissemos que o romance é ousado; mas o autor se colocou à altura dessa ou-

sadia e realizou uma obra que merece destaque na literatura brasileira atual. E não apenas pela riqueza de idéias, pela trama bem urdida, mas também pelo estilo, construído numa linguagem sóbria, elegante, concisa. Os capítulos curtos, com títulos sugestivos, tornam a leitura agradável, mantendo sempre a expectativa do leitor para os próximos passos.

Num estudo mais detalhado, que foge ao alcance dessa despreziosa resenha crítica, outras con-

siderações podem ser levantadas e aprofundadas. Mencionamos, de passagem, algumas: 1 - a opção por deslocar os deuses das alturas celestes para a terra — e abaixo da superfície — não seria para dar mais solidez material ao ato da criação, semente e raiz da vida? 2 — Haverá uma visão holística na estruturação dos fatos, de forma que tudo se articula num plano único e global? 3 — O homem (andróide), ao ser visto como máquina, criada pelos deuses (humanos), não representa a metáfora do criador e da criatura, na era tecnológica, em que se criam máquinas cada vez mais sofisticadas e aperfeiçoadas? E essas máquinas não caminham para conquistar vida própria, como propôs Isak Azimov, no livro **Eu, Robô**? 4 — Não pretende o autor fazer uma crítica da supervalorização da tecnologia no mundo moderno, em detrimento do ser humano, tão subtraído de sua dignidade? 5 — A procura das verdades misteriosas do mundo espiritual, camufladas pelas religiões, não pode ser objeto de investigação científica? Tudo isso parece estar sugerido no texto.

A verdade é que se o Cristovam Buarque político, pela sua sinceridade e clareza de propósitos, soube conquistar tantos eleitores nas últimas eleições para governador do Distrito Federal, o Cristovam Buarque escritor, também o ficcionista, merece conquistar também um bom número de leitores. Mas de antemão "Os Deuses Subterrâneos", atestam: Cristovam Buarque é um escritor vitorioso.



Recadastramento

A Assinatura do Suplemento Cultural DF-Letras é gratuita. Se você tem interesse em manter a sua assinatura ou deseja começar a receber os exemplares do

DF
L · E · T · R · A · S

Preencha o formulário ao lado e envie-nos.

Câmara Legislativa do Distrito Federal
SAIN - Parque Rural Norte
CEP 70.086-900 Brasília-DF

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

CEP -

Sugestões _____

Lançamentos

Cronistas de primeira

Organizada pela poetisa Aglaia Souza, com a chancela da Associação Nacional de Escritores-ANE, sai pela **André-Quicé Editora** a antologia **"Cronistas de Brasília"**, cujo lançamento marcou a história literária brasiliense. Trata-se do primeiro trabalho no gênero, embora outros tenham sido publicados no passado, reunindo poetas e contistas, organizadas por Joanyr de Oliveira, Napoleão Valadares e Almeida Fischer.

O trabalho levado a cabo ao longo de meses por Aglaia Souza, coligindo textos, montando o currículo dos integrantes e reunindo um número significativo dos melhores escritores de Brasília, por si só já justificaria o mérito dessa empreitada. No entanto, **"Cronistas de Brasília"** transpõe a simples fronteira da quantidade de participantes (são trinta e cinco escritores) e se impõe tanto pelos nomes dos cronistas quanto pela qualidade dos trabalhos escolhidos. E aí este livro de crônicas revela sua importância e excelência, pois premia o leitor com textos esmerados, lavrados num estilo atraente, homenageando a decência da linguagem, o que lhe confere mais sentido e re-

presentatividade. Os autores escrevem com simplicidade e leveza, com narrativas sutis e digestivas, sem contudo comprometer a densidade ou escorregar pela banalidade ou pelos chavões. São crônicas capazes de nos prender do começo ao fim, pois cada um, à sua maneira de narrar, soube trabalhar a palavra, dando-lhe a devida fluência.

A obra reúne o que há de melhor na **intelligentsia** brasiliense, pesos pesados das letras candangas, gente que tem oferecido ao longo de sua carreira literária títulos que ilustram e enriquecem os anais da cultura brasileira, apesar de laborem fora do eixo Rio-São Paulo, onde os holofotes e os interesses da mídia e o mercado editorial se concentram.

Aglaia Souza traz a lume um trabalho de fôlego, com qualidade estética e editorial reconhecidos. Entre os que integram o presente trabalho, encontramos Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, Emanuel Medeiros Vieira, Afonso Felix, Clemente Luz, Joanyr de Oliveira, João Carlos Taveira, Jacinto Guerra, José Helder de Souza, Alan Viggiano,



no, Nilto Maciel, Afonso Ligório, Esmerino Magalhães Júnior, Astrid Cabral & muito mais, numa plêiade de cronistas de primeira, escritores e poetas de vasta bibliografia, muitos deles premiados em importantes certames literários

Cronistas de Brasília vem preencher uma lacuna no vasto universo da literatura que hoje se produz no Brasil e privilegiar a crônica naquilo que ela tem de mais forte: a sua vinculação com os valores mais elementares da vida. Pois traduz o cotidiano, o usual, o doméstico, o corriqueiro, o que se

passa diante dos nossos olhos e que adquire no texto um sentido literário, uma explicação poética, um **plus**, que só a ótica do cronista é capaz de captar e burilar. Num tempo em que a preocupação editorial com o lucro fácil tem transformado em **best-seller** uma tendenciosa produção de encomenda, que sobrepõe a apelação mística, a fantasmagoria e as seduções de auto-ajuda à verdadeira e culta literatura, estas crônicas são um novo alento, porque trata com respeito o leitor, que certamente não será cooptado pelo canto enganoso de escritos oportunistas que são a negação de qualquer propósito literário. Aglaia e seus cronistas vão ao encontro da leitura sadia, da narrativa decente, da beleza e das delícias que só um bom livro é capaz de instigar. Sendo iniciativa pioneira, reunindo um time de talentosos cronistas, vai-se na direção de retomar um gênero literário há muito esquecido de nossas editoras e que teve fecundos representantes como Rubem Braga, Stanislaw Ponte Preta, Nelson Rodrigues, Paulo Mendes Campos, Mário de Andrade, José Carlos de Oliveira, Carlos Drummond de Andrade e Otto Lara Resende e que em boa hora merece esse resgate e incentivo.

Ronaldo Cagiano



Ézio Pires, poeta, escritor e jornalista, hoje radicado em Brasília é autor de dez livros. Presidente do Sindicato de Escritores do Distrito Federal, Ézio Pires é um "construtor" de poesias ousado na forma e irrequieto no conteúdo.

O crítico Waldir Ayala assim se expressou sobre o poeta: "A riqueza de Ézio Pires reside também no contorno com que faz seu caminho. O símbolo é inesperado e muitos temas revalorizados definitivamente".

Com o lançamento deste último livro de poesias, **Anjas**, Ézio Pires continua fazendo o seu caminho, pois como afirma em sua poesia... "só o amor louco nos liberta". (Editor)



A Antologia Poética Nacional foi criada para atender novos poetas e divulgá-los em nível nacional, através de distribuição independente com a ajuda dos próprios participantes.

Os resultados até então obtidos em mais de dez volumes lançados foram ótimos, tendo agradado autores e editor, fazendo da **Antologia** motivo de orgulho e sucesso.

A cada ano três novos volumes são lançados, sempre com a participação de poetas estreados e a colaboração de veteranos, que ajudam no trabalho de divulgação e manutenção de sua periodicidade, mantendo vivo o ideal de real oportunidade aos iniciantes da arte de fazer versos.



O time dos cronistas brasileiros tem, em Jacinto Guerra, um craque de primeira linha. Digo isso com a consciência de quem lê cronistas desde a adolescência-Vivaldo Coaracy, Rubem Braga, Henrique Pongetti, Rachel de Queiroz, Drummond, Bandeira, Luiz Martins, Elsie Lessa, Cecília, Eneida, Alberto Deodato e tantos outros - e jamais se cansará de lê-los, na sua diversidade, no seu amplo leque de temas, na policromia de seus recursos estilísticos.

É com muita satisfação e honra que assino esta nota no pórtico do novo livro de Jacinto Guerra. Nele, a crônica adquire aquela aura com que a cercava o memorialista, contista, cronista e também político Carlos Lacerda...



Antologia de contos, crônicas e poemas reúne os melhores trabalhos do III concurso literário promovido pela Diretoria Cultural da Associação de Assistência ao Servidor da Fundação Educacional do Distrito Federal (Asefe), no ano passado.

A Asefe tem buscado, a cada ano, intensificar o apoio cultural aos seus associados e até aos de fora de sua esfera associativa. Segundo a entidade, a cultura não deve ser estagnada, ou limitada a um grupo, sob pena de estagnar-se.



Ibirapitanga, que significa "pau-brasil" em língua indígena, reúne 21 nomes do Coletivo de Poetas do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. O lançamento desta antologia teve um duplo sentido. Primeiro comemorar os 15 anos de criação daquela entidade e segundo, uma declaração de amor ao Brasil que vai completar 500 anos de história.

Os poemas reunidos no livro, uma edição cooperativa, têm temática plural, mas quase todos expressam amor profundo pelo nosso País. E assumem um engajamento radical com a vida, numa opção de luta contra a morte e pela afirmação da dignidade humana.



No silêncio da madrugada vou contando estrelas

Samambaia inspira a poesia de Áurea

Dona de casa. Marido e quatro filhos. Além de todos os afazeres domésticos ainda ministra aulas de corte e costura, pintura em tecidos e confecção de bonecos e já chegou a ter cerca de 90 alunas. Se não bastasse tanta atividade nas horas vagas é poetisa. Horas vagas?

Isso mesmo! Depois de tanto trabalho a poetisa Áurea de Souza, baiana de Itaqui no sudoeste do Estado, se auto-intitula a escritora da madrugada. Segundo ela somente após a meia-noite é que dispõe de tempo para escrever as suas poesias e seus romances. "Vou contando as estrelas e refletindo sobre a vida. Só eu e as estrelas sem hora para terminar, até esvaziar um litro de lágrimas", afirmou.

Áurea chegou a Brasília em 1980 e hoje mora na cidade-satélite de Samambaia em meio à poeira e lama encontra inspiração. Com todas as dificuldades inerentes as suas atividades do lar, ela ainda enfrenta mais uma: a falta de apoio financeiro para a publicação de seus livros. Com muita persistência já publicou dois livros de poesias e contos. O primeiro foi **Sonho de Áurea** e o segundo **Lírios do Vale**.

Agora, a autora tem outro trabalho em fase final de impressão. Trata-se de



um romance, **A Pequena raio de luz**, que conta as vivências de uma criança até a fase adulta. Ainda em projeto, a escritora pretende editar uma Revista de Modas, **Revista Áurea** de desenhos e moldes.

Com material pronto para publicar pelo menos 12 romances, Áurea de Souza se recente da falta de apoio de empresários e entidades governamentais para viabilizar a impressão e a divulgação de suas obras. Tudo que publicou até agora foi fruto de suas poucas economias e recuperadas após a venda de exemplares. Segundo Áurea qualquer ajuda para dar continuidade aos livros que escreve será fundamental. Para isso ela fornece o endereço e aguarda as colaborações: QR 306 conjunto 14 casa 8, Samambaia, DF.

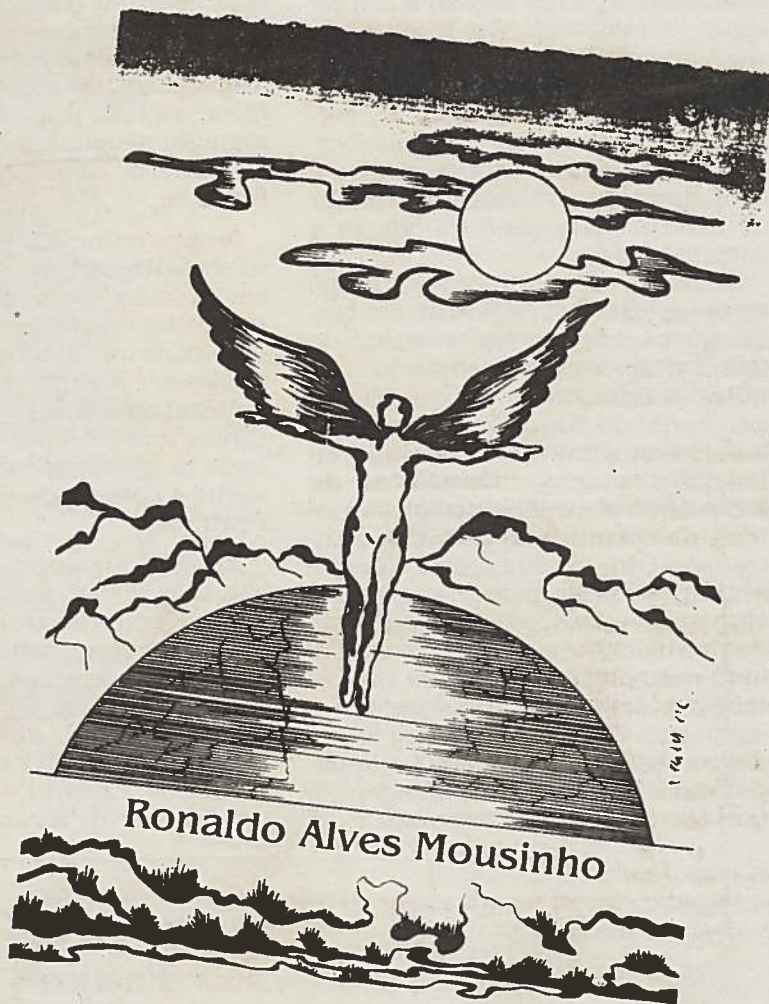
Consórcio de livros

A modalidade de compra de bens de consumo conhecida como consórcio foi uma saída criativa encontrada pela classe média brasileira para fugir dos preços altos e da inflação. Apesar de estar em baixa e na mira das autoridades responsáveis pela política econômica, acusado de provocar o aumento dos índices inflacionários, existe em Brasília um consórcio que vai muito bem obrigado!

Trata-se do consórcio de livros, coordenado pela Diretoria Cultural da Asefe, Associação de Assistência ao Servidor da Fundação Educacional do Distrito Federal, que de 1989, quando foi criado e até a presente data, já editou 63 títulos abrangendo todos os gêneros literários, inclusive partituras musicais.

Segundo o professor Ronaldo Mousinho, coordenador dos consórcios literários, já foram concluídos três grupos, sendo que atualmente estão em andamento mais três e um outro será aberto brevemente. Desta forma, até o final de 95 terão sido editados cerca de 100 títulos sob o regime de consórcios.

Os consórcios literários são abertos ao público em geral e a critério da Diretoria Cultural da Asefe as edições dos livros são negociadas com as editoras levando-se em consideração os aspectos de qualidade e menor preço. A própria entidade se encarrega da divulgação dos títulos publicados na mídia local e nacional, além de promover exposições dos livros em pontos de vendas localizados nos postos de



atendimentos da Asefe em todas as cidades-satélites do DF.

A Diretoria promove ainda um concurso literário anual de crônicas, contos e poesias com premiações em espécie e publicação dos melhores trabalhos inscritos. Para este ano de 95 as inscrições para o concurso serão abertas no mês de junho próximo. Além disso, está em andamento um projeto pioneiro de descoberta de novos talentos literários nas escolas de nível médio da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

O Projeto Cultural, como foi idealizado, tem o objetivo de também estimular entre os jovens estudantes o interesse sobre a língua Portuguesa, principalmente a leitura dos seus principais escritores. O Projeto incentiva os alunos a escreverem contos, crônicas e poesias, sendo que os melhores trabalhos são premiados com a edição de

uma antologia. A cidade-satélite de Ceilândia, uma das maiores do Distrito Federal, foi a pioneira e já se encontra na fase de seleção dos trabalhos dos alunos.

O Consórcio literário da Asefe é uma iniciativa pioneira na cidade. Segundo os seus idealizadores a média de edição de títulos até o final deste ano será de quatro livros por mês e uma perspectiva de crescimento a curto prazo.

Para maiores informações os interessados devem procurar o professor Ronaldo Mousinho, na Diretoria Cultural da Associação de Assistência ao Servidor da Fundação Cultural do Distrito Federal, Asefe, no telefone (061) 3 7 1 - 8 2 1 3 .

Brasília

Luzes & Sombras

A Brasília

■ Ely Costa

Brasília-DF

Os sinos que tangem no horizonte,
Anunciando o raiar dum novo dia,
Despertam a aurora inefável
De Brasília altaneira.

Cidade monumento cultural da humanidade,
Título que mereceu ainda ao alvorecer,
Que os homens a perpetuem com lucidez e sabedoria,
Esse manancial flamejante.

Estrela maior, ilumina
As mentes dos nossos governantes
Abrindo a Brasília um campo fértil
Junto ao Congresso,
Em consonância com o universo

Brasília capital do nosso querido Brasil
Seja orgulho dos brasileiros ontem,
Hoje e sempre.

As fontes luminosas do futuro
Representam com fidalguia no presente
Um passado de amor e valentia.

Brasília

■ Miguel J. Malty

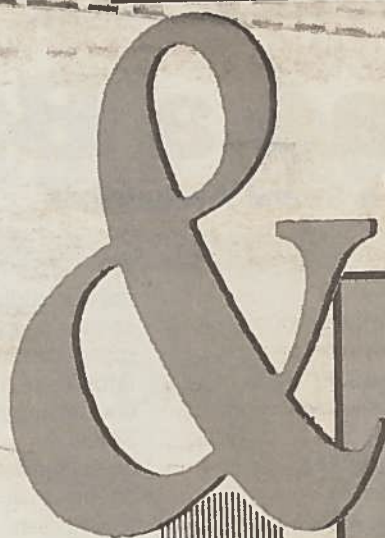
Brasília-DF

No mundo imenso do cerrado agreste,
nos altiplanos do Brasil Central,
desabrochaste e como flor nasceste,
Cidade-encanto do esplendor real!

Os teus espaços amplos de verdor
e os teus palácios plenos de beleza,
de um povo livre, bom, trabalhador,
evidenciam bem toda a grandeza.

O Paraná que se espreguiça e dorme
no teu regaço em noites de luar,
é todo de cristal, espelho enorme,
tendo a lua, galera a velejar...

Como um proscênio fulvo, esfogueado,
todo o horizonte aplaude o sol poente,
inundado a cidade de brocado
e banhando de encanto a alma da gente.
Brasília alcatifada, um só jardim
marchetado de flores, és um hino
de glórias ao Brasil, e, bem assim,
ao sonhador-herói, a Juscelino.



Brasília Arquitetônica

■ Maria Dalva J. Guimarães (Madellon)

Brasília-DF

O Engenheiro
O Arquiteto
O Operário...
Planeja, desenha, esboça
Constrói a cidade
Num plano alto
No descampado do campo árido
do Planalto Central
Monumentos
Viadutos
Pontes
Asfalto...!
Blocos de concreto
Cruzamentos sem cruzamentos
Ermidas
Igrejas
Catedrais
E Escolas...

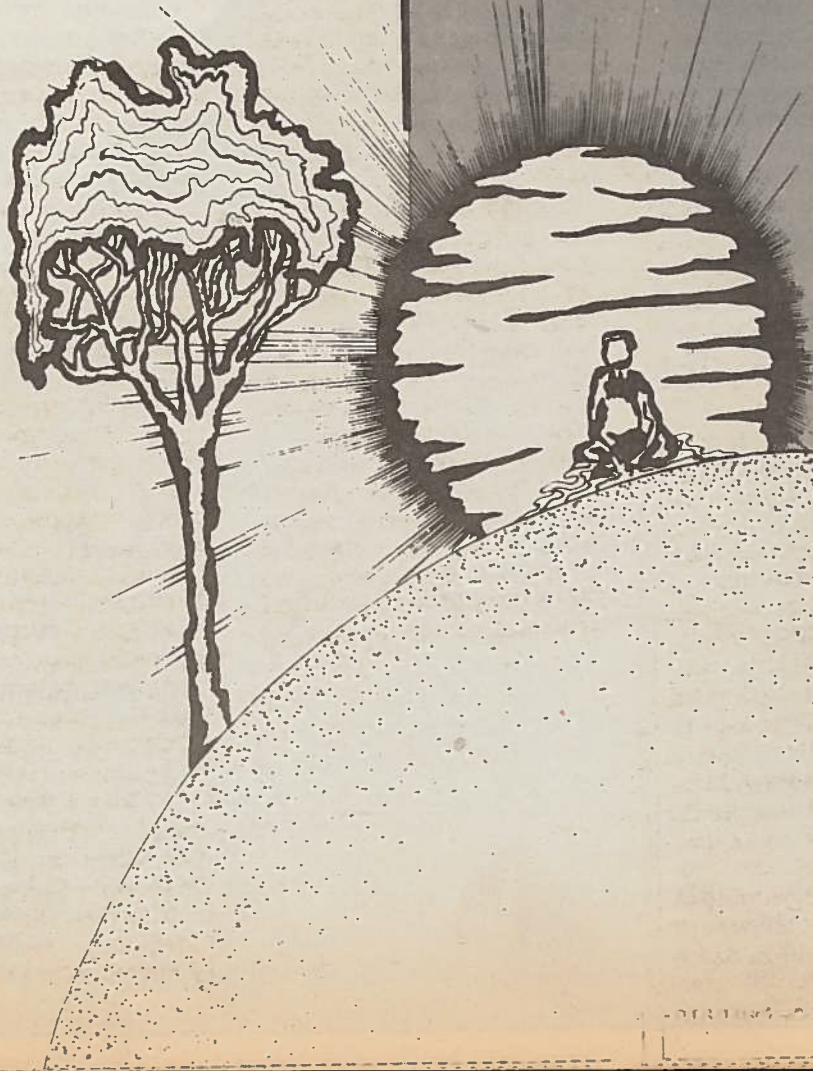
E hoje o planalto todo habitado
Tudo povoado, abarrotado
Cheio de gente diferente
Tanta gente indiferente!
E quanto mais povoada
Mais parece um deserto
Asfaltado
Tragando e matando gente!
Carros que voam como se fossem
Aeroplanos, asa delta...
Helicópteros ou ultra leve!
Na reta das estradas...
Ninguém pára, ninguém vê
Retorno nem ponto de parada
Só encruzilhadas
Nenhum ponto de chegada!
A cidade parece engolir gente
Nesse vaivém desenfreado
O forasteiro
O povo
Rumo à terra prometida!
Vem povo, chega gente...
Uma multidão atônita
Rumo à cidade arquitetônica
Habitam a selva de pedra,
Vivem morrendo esmagados...
Atropelados debaixo dos carros!!!

Sagazes Serpentes

■ Onã Silva

Brasília-DF

A cidade está suja
de sujeitos sabidos
sabichões sujos:
olhos, bocas, mãos, pés...
Sujeitos suspeitos de sujeira
nos colarinhos
e por debaixo dos panos
que dá pano para além manga...
A sujeira cai como manga madura
são galhos e mais galhos
apodrecidos.
Os sujeitos surgem sérios
e surpreendem
SÓ - RINDO
solvendo sangue
Sujando a saúde
da solitária cidade.
A cidade está suja
de sujeitos sanguessugas
e sagazes serpentes.



Brasília

Trovas a Brasília

■ Swami Vivekananda

São Paulo-SP

Fogosos corcéis,
brancos, sedentos
cavalgam o cerrado
enquanto, escarlate,
o poente, em espasmos
de cor tingem de dor
manto azul do infinito.
E Brasília dorme...
E Brasília espera...
Tetas úmidas,
lábios famintos...
Inclina ao sol
o corpo nivo,
marcado pela dor

dos desvalidos,
enquanto, no ar,
ruge a voz dos corrompidos
tatuados pela insensatez
dos corruptores.
Se ufanam...
Se resguardam.
Se cobrem de aplausos
ao som triste
de uma multidão em desalinho.
E terra e fogo
água e ar
se casando,
se castrando
na sinfonia
bizarra e triste
do clamor
de um braço em riste
a estender no azul
o berço verde,
a espelhar o nosso céu
onde estrelas dormitam
ao sol de mais um dia...
Ruge agora
ali bem perto
a algazarra febril
da cavahada
rasgando a tela do infinito
a galopar pelo sertão.
E Brasília mulher,
ei-la que acorda
formosa e triste,
Fria... vê?
Já se escuta a ventania
que canta

a malfadada sina
de Brasília,
banhada de flores,
nenúfares e sonhos,
envolta em véus,
mausoléu, criptas
que escondem estórias,
vergonhas, mentiras...
Ei-la, branca noiva
deitada ao sol
da nova era...
E é tanto mel,
e é tanto gozo
a escorrer do orgasmo
de seiva cruel
e benfazeja,
que já inunda a terra
vermelha das campinas
onde vicejam, em agonia,
os sonhos roucos
e imortais em braços
disformes, a clamar justiça
estendendo aos céus,
retorcidos, os braços nus...
E soam clarins
alardeando a cavahada
que, rompendo a aurora,
estende entre os seios
rutilantes de Brasília
a longa espada da justiça
e da verdade.
Cuidado!
Bradam alguns
cuja sede de justiça
o ardor exalta!...
É hora!
Rugem a erguer
a espada da conquista!...
É hoje!...
Exclamam no grito fatal
e desordenado da vindita,
enquanto, céleres,
os cavaleiros em transe
transfiguram
os céus da capital
de seiva em sangue
no momento final
do apocalipse!...

Juízo Final

■ Sônia Carolina

Brasília-DF

Fogosos corcéis,
brancos, sedentos
cavalgam o cerrado
enquanto, escarlate,
o poente, em espasmos
de cor tingem de dor
manto azul do infinito.
E Brasília dorme...
E Brasília espera...
Tetas úmidas,
lábios famintos...
Inclina ao sol
o corpo nivo,
marcado pela dor
dos desvalidos,
enquanto, no ar,
ruge a voz dos corrompidos
tatuados pela insensatez
dos corruptores.
Se ufanam...
Se resguardam.
Se cobrem de aplausos
ao som triste
de uma multidão em desalinho.
E terra e fogo
água e ar
se casando,
se castrando
na sinfonia
bizarra e triste
do clamor
de um braço em riste
a estender no azul
o berço verde,
a espelhar o nosso céu
onde estrelas dormitam
ao sol de mais um dia...
Ruge agora
ali bem perto
a algazarra febril
da cavahada
rasgando a tela do infinito
a galopar pelo sertão.
E Brasília mulher,
ei-la que acorda
formosa e triste,
Fria... vê?

Já se escuta a ventania
que canta
a malfadada sina
de Brasília,
banhada de flores,
nenúfares e sonhos,
envolta em véus,
mausoléu, criptas
que escondem estórias,
vergonhas, mentiras...
Ei-la, branca noiva
deitada ao sol
da nova era...
E é tanto mel,
e é tanto gozo
a escorrer do orgasmo
de seiva cruel
e benfazeja,
que já inunda a terra
vermelha das campinas
onde vicejam, em agonia,
os sonhos roucos
e imortais em braços
disformes, a clamar justiça

estendendo aos céus,
retorcidos, os braços nus...
E soam clarins
alardeando a cavahada
que, rompendo a aurora,
estende entre os seios
rutilantes de Brasília
a longa espada da justiça
e da verdade.
Cuidado!
Bradam alguns
cuja sede de justiça
o ardor exalta!...

É hora!
Rugem a erguer
a espada da conquista!...
É hoje!...
Exclamam no grito fatal
e desordenado da vindita,
enquanto, céleres,
os cavaleiros em transe
transfiguram
os céus da capital
de seiva em sangue
no momento final
do apocalipse!...



L · E · T · R · A · S

Suplemento chega às escolas

Fábio Rivas

Com a participação expressiva de representantes das diversas correntes culturais do Distrito Federal e em solenidade presidida pelo presidente da Câmara Legislativa deputado Geraldo Magela e com a presença do vice-presidente daquela Casa Legislativa, deputado Edmar Cordeiro, foi relançado em grande estilo o Suplemento Cultural DF-Letras, editado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência, no dia 23 de março passado.

A solenidade contou ainda com as presenças dos deputados distritais Jorge Cauhy, Miquéias Paz e dos presidentes dos Sindicatos dos Escritores do Distrito Federal, Êzio Pires e da Academia Brasileira de Letras, João Carlos Osório, entre outras autoridades.

Já consolidado no meio literário local e nacional, o DF-Letras trouxe como novidade neste seu retorno a distribuição de exemplares em todas as escolas urbanas e rurais da Rede de Ensino Público do Distrito Federal. A medida beneficiará cerca de 700 unidades escolares.



Ao lado do presidente da Câmara Legislativa, dep. Geraldo Magela, o vice-presidente dep. Edmar Cordeiro (C) afirmou que o DF-Letras veio resgatar um compromisso com a população de Brasília.

Segundo o presidente da Câmara Legislativa, deputado distrital Geraldo Magela, autor da proposta de ampla distribuição do jornal às escolas, a medida pretende garantir que mais pessoas tenham acesso às informações, teorias e discussões que o Suplemento vem colocando para a comunidade, pois a cultura fornece condições para que o cidadão possa tirar do meio onde vive e da atividade que executa, o melhor rendimento possível. A cultura

é a via contemporânea para o desenvolvimento e para a verdadeira emancipação política.

Para o Vice-Presidente da Casa, deputado distrital José Edmar Cordeiro (PSDB), o retorno das atividades literárias do Suplemento Cultural **DF-Letras** vem resgatar um compromisso assumido por todos parlamentares com a população do Distrito Federal em valorizar as artes e os autores radicados em Brasília, inclusive

como preconiza a Lei Orgânica do DF, na seção sobre Cultura, elaborada por esta Casa Legislativa na primeira Legislatura.

Considerado um sucesso editorial, o DF-Letras tornou-se um espaço livre e democrático de poetas, ensaístas, historiadores e literatos em geral. Aliás, esta é uma das características marcantes do jornal: abrir espaços para todos, não precisando ser um grande nome no meio lite-

rário para ter seus trabalhos publicados.

Em sua 13ª edição, o **DF-Letras** cresceu de 3 para 5 mil exemplares: tamanha é a sua penetração no meio literário. Chamado carinhosamente de "um grande jornalzinho", ele é hoje um pólo indutor e difusor de cultura e agora acrescido de um novo papel: o didático pedagógico, uma vez que irá servir de fonte para milhares de estudantes e professores da rede pública de ensino do Distrito Federal.

O **DF-Letras** conta com o trabalho dedicado dos integrantes da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica e com a colaboração de várias pessoas ligadas a área cultural, tais como o professor, escritor e historiador Paulo Bertran, um dos idealizadores e criadores do **DF-Letras**, o premiado escritor brasileiro Lourenço Cazarré, o poeta e professor da UnB, Cassiano Nunes e mais um sem-número de abnegados da cultura, que não recebem nenhuma contrapartida pelo trabalho que realizam. Os jornalistas Nelson Pantoja e Chico Nóbrega são os responsáveis pela Edição do DF-Letras. A programação visual é de Marcos Lisboa.

Recadastramento

A Assinatura do Suplemento Cultural DF-Letras é gratuita.
Se você tem interesse em manter a sua assinatura ou deseja começar a receber os exemplares do

L · E · T · R · A · S

Preencha o formulário ao lado e envie-nos.

Câmara Legislativa do Distrito Federal
SAIN - Parque Rural Norte
CEP 70.086-900 Brasília-DF

Nome _____

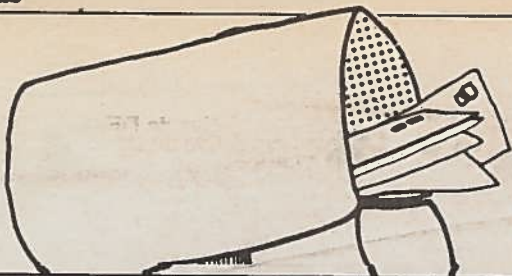
Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

CEP _____

Sugestões _____



cartas

Ao
DF LETRAS
Câmara Legislativa do DF
SAIN - Parque Rural Norte Brasília - DF

7 0 0 8 6 9 0 0

Sr. Editor,

Através do jornal "D. O. Leitura" tomei conhecimento dessa publicação.

Como estou interessada em recebê-la gostaria de saber como proceder, e ainda, se a distribuição é gratuita ou se devo pagar alguma quantia para recebê-la.

Se for gratuita, peço que envie-me desde já. Se não for, como devo proceder?

Dulcinéia Silva Martins
Cuiabá-MT

Nota da Editoria

Cara Dulcinéia, brevemente você estará recebendo gratuitamente em sua residência os exemplares DF-Letras.

Sr. Editor,

Foi muito bom receber a 12ª edição do **DF-Letras**. Fiquei maravilhada com o "Encarte Especial" e agradecida por estar entre os poetas destacados.

A importância do **DF-Letra** vem se cristalizando na cultura nacional, carente de boas publicações, como a referida.

Obrigada e parabéns,
Anita Costa Prado
São Paulo-SP

Senhor Editor,

Sirvo-me desta para solicitar o envio ao meu endereço de um exemplar dessa renomada Publicação Cultural: **DF-Letras**. Pelo que agradeço antecipadamente.

Caso essa publicação for de Distribuição Gratuita, peço a gentileza de incluir-me na lista de assinantes.

Sem mais para o momento, subs-me de Vs.Ss; cordialmente;

Pery Rodrigues Silveira
Santa Maria-RS

Nota da Editoria

Caro Pery,

Brevemente você estará recebendo gratuitamente os exemplares do **DF-Letras** no endereço mencionado.

Sr. Editor,

Prezados companheiros-poetas, fui informada e indicada por minha diletta amiga Lourdes Mello a lhes enviar algumas de minhas poesias.

Ai vão, pois, as que seleccionei no momento e seria gratificante saber que inspiraram mérito e aprovação.

Sou poetisa, cronista e professora de inglês, com diplomas pela Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Pertencço à Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais. Tenho 74 anos, nasci em Pitangui, MG, onde meu pai, desembargador Gustavo Alberto Penna, foi o primeiro Juiz de Direito da Comarca.

Já publiquei "Ciranda de uma,

Infância" (literatura infanto-juvenil) e ainda "Flores, Dores e Amores", Ecco(English Conversation Course).

Libânia M. Penna McMurtrie

Belo Horizonte-MG

Nota da Editoria

Cara Libânia,

Estamos analisando o seu material. Em breve publicaremos algumas poesias de sua autoria. Podê enviar-nos mais trabalho.

Sr. Editor,

Saúde e paz.

Mais uma vez envio minha modesta contribuição, agradecendo as acolhidas anteriores.

Desejo que o prestígio da publicação continue cada vez maior.

Um abraço,
Renato Vivacqua
Brasília-DF

Senhor Editor,

Por intermédio do informativo D.O. Leitura, nº 144, tomei conhecimento da publicação **DF-Letras**.

Sou Orientador Educacional e responsável pela biblioteca escolar, Setor de apoio didático que cede seus livros para educandos e educadores em suas tarefas de pesquisa e consulta.

Esperando que nossa modesta biblioteca conte em seu acervo com a referida obra, aqui fico mui,

Atenciosamente,

Prof. Doumerval Tavares Fontes
São Vicente - SP

Nota da Editoria,

Caro Doumerval em breve você estará recebendo o **DF-Letras** em seu endereço residencial.

Sr. Editor

"Tudo que não é literatura me aborrece".

Franz Kafka

Com mais um número em circulação, o **DF-Letras** confirma sua vocação de suplemento literário, destacando-se como uma das publicações mais sérias neste País. Trata-se de um trabalho esmerado, de fôlego, com gente que sabe das coisas, arregaçando as mangas e suando a camisa para oferecer à comunidade literária um emissário cultural de peso.

Com o **DF-Letras**, Brasília insere-se no contexto de nossas letras como pólo de irradiação

Sr. Editor,

Soube da publicação **DF Letras** levada a cabo pela Câmara Legislativa. Gostaria de receber essas publicações. Sou escritora e estou publicando, agora, um romance simbólico que deve sair ainda este ano.

Por isso, gostaria de receber essa publicação para ficar inteirada do que ocorre no campo cultural em Brasília, já que tais informações são difíceis de se ter com relação ao campo cultural que é muito restrito.

Valnira de Melo Vaz
Ceilândia-DF

Sr. Editor

Nós, professores da E.E.P.G Pastor Francisco Paiva de Figueiredo, sito à Rua Hélio Ferreira, 540 - Jardim Boa Esperança - Guarujá/SP-cep: 11.471-000, requeremos através deste que haja concessão gratuita de assinatura para nos tornarmos leitores de mais uma revista pesquisadora e intelectual que nos mostre as demais experiências em diversos campos.

Os professores desta unidade escolar do Estado de São Paulo utilizam-se do C.I.C - Centro de Informação e Criação para rever a pedagogia adequada para a escola e, quem sabe, para o nosso país. A escola, como sendo padrão, tenta se estruturar e fazer intercâmbios com outras escolas de outros estados para levar as experiências de um lado a outro.

Bem, contando com a colaboração desta conceituada revista e, muito ansiosos por resposta, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

cultural e artística, cristalizando sua inspiração vanguardista. Ressalte-se que a cada número o **DF-Letras** inova, melhora, aperfeiçoa-se na qualidade gráfica e nas matérias que veicula, como o "Encarte", trazendo novos valores da nossa poesia.

Que essa chama sempre-viva continue a a(s) cender em nossa capital, clareando Brasília afora.

Ronaldo Cagliano
Brasília-DF

Mariana Vieira Silva
Coordenadoria CIC
Sonia Maria V. Geraldine
Diretora de escola
Guarujá - SP

Nota da Editoria

Caras professoras, brevemente vocês receberão gratuitamente os exemplares do DF-Letras.

Senhor Editor

Venho agradecer a remessa constante do **DF-Letras** e parabenizá-lo e a todos os que fazem o jornal, pelo excelente trabalho até aqui realizado. Na verdade, Brasília necessitava mesmo de um jornal cultural patrocinado pelo Estado.

Louvável, ainda, a diretriz assinalada no editorial do nº 12, onde a ex-Deputada Rose Mary Miranda reitera estar o jornal aberto a todas as tendências. E isto é perfeitamente visível ao leitor. Deputados, jornalistas e escritores assinam artigos e poemas dos mais diversos feitios. Escreve-se sobre tudo: política, música, livros, etc. Os textos literários vêm de jovens escritores e também daqueles mais consagrados. Uma beleza!

Edito, com outros amigos, uma revista literária. Gostaria de merecer umas linhas de divulgação de nosso trabalho, sempre árduo, difícil, vez que não contamos com patrocinadores, anunciantes ou ajudas. Somos apenas um punhado de escritores a lutar pela divulgação de nossos livros, de nossos textos, num tempo em que quase todos - editores, livreiros, jornais - preferem o lixo de fora, o lixo vindo do exterior, especialmente dos Estados Unidos.

Mando um exemplar do nº 5 de nossa LITERATURA. Aproveito para mandar uns artigos escritos por alguns de nossos amigos colaboradores de LITERATURA. Se for possível publicar algum deles, ficaremos todos muito agradecidos.

Com votos de mais sucessos para o DF-LETRAS, cordialmente
Nilto Maciel
Brasília - DF

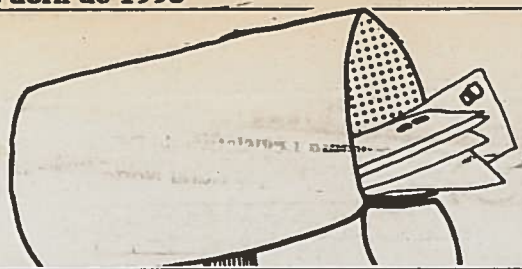
Senhor editor,

Solicito a gentileza de V.Sas. que informem-me como devo proceder para ter uma assinatura da publicação **DF-Letras** editada por essa instituição. Certo de contar com a colaboração de V.Sas., antecipadamente agradeço.

Luiz Henrique Pantaleão
Goiânia-GO

Nota da Editoria

Caro Luiz, brevemente você estará recebendo gratuitamente os exemplares do **DF-Letras**.



cartas

Ao
DF LETRAS
Câmara Legislativa do DF
SAIN - Parque Rural Norte Brasília - DF

7 0 0 8 6 9 0 0

Sr. Editor,

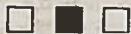
Tenho recebido regularmente o **DF-Letras** sempre recheado de boas leituras.

Quando participei do nº 1 do **IN/Sacando a Poesia** alegrei-me com o projeto original e bonito. No entanto, agora vejo esse mesmo projeto em encarte especial do DF-Letras, cuidado de forma caprichada e colocando em destaque a originalidade com que foi planejado. Não me resta alternativa maior que a de agradecer-lhe pelo carinho dado ao **IN/Sacando a Poesia** do qual faço parte.

Desejo que cada vez mais o DF-Letras cresça e possa seguir dando toda essa oportunidade à poesia e seus autores.

Carinhosamente, com a liberdade que nos permitem os versos da vida, deixo um abraço fraterno.

Mercedes Vasconcelos
Belo Horizonte-MG



Sr. Editor,

Estou aqui com o **DF-Letras** nº 12. Admirável a iniciativa. Bons versos, bons artigos, bons redatores, bons poetas, enfim é uma coisa moderna da sempre moderna Brasília.

"Em defesa de Brasília", artigo do Carlos Chagas, é uma prova de que o brasileiro ainda não conhece o brasileiro nem conhece o Brasil. Muito oportuna a defesa do Carlos Chagas. Creio que, com o passar do tempo, todos os brasileiros, sem distinção, vão gostar mais do Brasil, vão trabalhar mais pelo Brasil, vão entender a predestinação cósmica do Brasil e vão compreender por que a capital do Brasil teria que ser onde ela está hoje, garantida pela localização geográfica ou biogeográfica, vão entender o grito do Oeste clamando por Brasília no fundo da alma continental de nossa amada Pátria. A capital do Espírito do Brasil não poderia continuar ao lado das marés levianas nem ao sabor da pirataria cosmopolita litorânea. Dizer que Brasília é um ninho de ratos, de apátridas, de exploradores da Pátria, de rufiões e mamadores de orçamento é muita burrice, porque esses tipos vieram de vários pontos colaterais do Brasil e até de muito mais distante...

Todavia, temos de acreditar que esses pecadores nacionais e internacionais nunca haverão de deslustrar o Brasil nem Brasília, particularmente, esses pecadores deslustram-se a si mesmos e, inevitavelmente, serão devorados pela dentadura incansável da Parca... e daí em diante sofrerão muito mais porque os maus jamais escaparam da

Justiça Universal. Eles ainda não tomaram consciência dos males de sua própria inconsciência no agir, no falar e no pensar. Tudo faz parte do atraso espiritual, do atraso evolutivo, porque ninguém levará verbas para lugar nenhum nem para o túmulo, ninguém levará o Brasil debaixo do braço para local nenhum deste mundo, tudo ficará aqui mesmo e eles também, uns merecendo epitáfios de poética estrutura e outros pragas magníficas embora aparentemente surdas e piedosas. Essa onda de cleptomania que tanta gente credita a Brasília faz parte de iluminada ignorância de deslustrados palradores.

Essa de andarem escondendo dinheiro em cofres europeus ou no setentrião, é coisa de rico-pé-rapado que ainda não aprendeu que dinheiro é um meio e não um fim, é coisa de sujeito materialmente de fraque e cartola mas moralmente de tanga ou sunga... Um dia ele verá e sentirá a grandeza de sua burra idiotia. Tudo isso é ataque de epilepsia moral, uma doença moderna ou talvez antiga que o tempo sabe como curá-la. O importante é gostar mais do Brasil e ver em Brasília o mais perfeito e o mais justo, o mais iluminado e o mais santo Altar da Pátria Brasileira. O resto é conversa para tamanduá dormir.

Vão daqui meus abraços, votos de sucesso nessa empreitada cultural e algumas trovas que dediquei a Brasília quando entrou na sua santíssima maioria.

Cordial e fraternalmente,

Swami Vivekananda
Paranaguá-Paraná.



Sr. Editor,

Recebi os exemplares do DF LETRAS. Em nome do Grupo Pão & Passo, agradeço a boa divulgação do nosso "In/Sacando a Poesia". Trata-se de um projeto de colocar poesia dentro de saquinhos de embrulhar pães em padarias. O projeto consiste em publicarmos seis volumes, cada um com ilustradores e padarias diferentes.

O Grupo Pão & Passo é recém-criado e dele fazem parte, eu, Said Oliveira, Aníbal Albuquerque, Wilmar Silva, Márcio Souza Andrade e Lúcia Serra. As outras pessoas participantes são apenas convidados. Pretendemos fazer recitais poéticos e outras mumunhas mais, aqui na capital mineira.

Estamos lhe enviando o volume II do projeto. Espero que goste deste, tanto quanto gostou do primeiro.

Até bem antes de receber este Suplemento Cultural, afirmava en-

tre os amigos que o melhor jornal de cultura do país era o "Nicolau", editado pelo amigo Wilson Bueno, lá do Paraná. Agora, ao receber este editado por você, tenho que afirmar sem receios que, até o momento, o melhor jornal cultural deste país é o DF-LETRAS. Muito bem criterioso na qualidade das matérias publicadas e uma excelente programação visual. Gostaria de receber sempre o DF-LETRAS em nome do Grupo. Aqui a gente lê e depois vai passando pro outro, depois pro outro... e assim por diante.

Abraços deste mais recente admirador,

Rogério Salgado

Belo Horizonte-MG

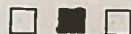


Sr. Editor,

O DF-Letras tem publicado meus trabalhos, o que me leva a enviar-lhe os meus dois poemas mais recentes. Foi uma boa idéia a criação desse Suplemento Cultural. O Brasil precisa muito de cultura. E, lamentavelmente, nossas maiores revistas culturais acabaram. Foram dolorosamente liquidadas como a excelente "Revista do Livro" do INL.

Agradecendo-lhe a delicada atenção, subscrevo-me cordialmente.

Cassiano Nunes
Brasília-DF.



Sr. Editor,

Diniz Félix dos Santos, editor da **Poietiké** e um dos fundadores da Academia de Letras do Distrito Federal, foi entrevistado pelo **DF-Letras** Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Perguntas e respostas orientadas para o enfoque de Brasília num contexto cultural.

Mas alguns tópicos suscitam algum comentário nosso.

Começamos por salientarmos o caráter moderno do jornalismo de formação universitária, pelo qual o entrevistador pretende ser estrela da entrevista, querendo mostrar mais conhecimento que o entrevistado, suas perguntas mais parecendo "defesas de teses". Sirva como exemplo a pergunta: "Em que a Academia poderá agitar o meio cultural brasileiro? Não se corre o risco de parnasiar o ambiente?"

A resposta a essa pergunta, Diniz Félix a dá bem temperada de diplomacia e sinceridade. Mas vale, a nosso ver, como resposta adequada, a expressão que lhe escapa noutro trecho: "...alguns, na saudável, ansia de vivenciar o novo, inadvertidamente forçam formas, e, ao in-

vés de ESTAREM modernos, perdem o SEREM humanos."

Vamos transcrever a resposta por inteiro, sem comentá-la deixando a nossos leitores tirar suas ilações:

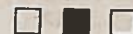
"Eu que não vou deixar de tomar chá, só pra dizer que sou moderno. Mas que seja um só, e nem precisa ser às cinco. Um biscoitinho champagne pega bem, nessas ocasiões.

"Para nós, imortais são os nossos patronos. Se nossa vitaliciedade é um fato, emprestamo-la à imortalidade DELES. A função do Acadêmico (numa ponta) é manter vivos para o seu Povo seus Vultos Históricos, (noutra ponta) é ser seu Povo, vivendo seus homens ilustres e dignos, afastando-se das "igrejinhas", palavra à qual, infelizmente, associaram "elite"."

O comentário do entrevistado sobre o traço hegemônico de Brasília, "a partir da mistura de várias origens", quando ele diz ainda faltar coesão cultural, ocorre-nos que esse é o perfil de nossa Divinópolis, cidade filha de uma encruzilhada e, portanto, cosmopolita, mas de também idêntica vocação para a hegemonia regional. Igualmente, Divinópolis é jovem, como cidade, apenas 82 anos, embora suas origens remontem às incursões bandeirantes no estabelecimento da Picada de Goiás. E, hoje, está no percurso do Corredor de Exportação de Brasília a Vitória.

Registro, ao final, uma tirada casual do entrevistado, prova do valor de **Poietiké**: "...os correspondentes da **Poietiké** me permitem viajar pelo universo, sem sair da cadeira."

Marcemiro Oliveira Silva
(Da Acad. Divinopoliana de Letras)
Divinópolis-MG



Senhor Editor,

A entrevista do Diniz, como personalidade literária no Suplemento de DFLetras veio em hora muito oportuna.

A posição do entrevistado foi coesa, precisa, autêntica. Retratou com exatidão o percurso e os percalços vividos na longitude desta década literária, expondo suas respostas de forma clara e convincente, de modo a dividir com a humanidade o anseio e inspiração, farvo cultural dos povos.

A ele, um abraço goiano, um abraço humano, ligados na vicissitude da alma artística.

À oportunidade, desejamos sorte e prosperidade no seu trabalho junto à imprensa brasileira.

Atenciosamente.
M^a Aparecida Loiola Machado
Dir. Bibl. Mun. "Rosulino Campos"
Rio Verde - GO.



CPMTRATP Mº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP:AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO